

Dezembro, 2008
IV Série
Nº 13
Trimestral

Revista MACAU

**TUDO SOBRE
O ANO DO
BÚFALO**



DEUSES PARA TODOS

Templos de Macau em visita guiada

- DANÇAS DO BELO ADORMECIDO
- A ONDA DA LUSOFONIA
- ALBERTO ESTIMA DE OLIVEIRA: O POETA

- **MANTENHA-SE LIGADO À REALIDADE DE MACAU, ATRAVÉS DO CIBERESPAÇO**

- ONDE QUER QUE ESTEJA!

- **BASTA UM CLIQUE NO SEU RATO, PARA TER ACESSO AOS CANAIS PORTUGUESES DA TDM**



**COM A TDM,
MACAU ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE SI**



ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS:



TDM

AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA

Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Louie Wong Lok I

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

Propriedade

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

Endereço

Avenida da Praia Grande, n^{os}. 762 a 804
Edif. China Plaza, 15^o andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

Produção, Gestão e Distribuição

Delta Edições, Lda.
Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601
e-mail: info@deltapublishing.com.mo

Editor

Luís Ortet

Coordenadora Editorial

Joyce Pina

Direcção Gráfica

José Manuel Cardoso
Graffiti - Arte & Comunicação

Colaboradores Permanentes

Ina Chiu, Marta Curto e Patrícia Lemos

Colaboraram nesta edição

António Mil-Homens (fotografia), António Falcão
(fotografia), Carmo Correia (fotografia), Helder
Fernando, Luciana Leitão, Luís Almofter (fotografia),
Mariana Palavra, Rui Rocha e Tereza Sena

Administração, Redacção e Publicidade

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E
Edif. Centro Comercial "First International"
14^o andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

Impressão

Tipografia Welfare, Macau

Tiragem

3 000 exemplares
ISSN: 0871-004X



Ninguém está imune à crise financeira mundial. Nem mesmo um pequeno território como Macau, que nos últimos anos tem vindo a acumular sucessivos saldos orçamentais positivos. Como se pode ler nesta edição (nas págs. 30 e 31) o Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau, Edmund Ho, acaba de apresentar a sua proposta para as Linhas de Acção Governativa para 2009, em que, como seria de esperar, a preocupação de combate aos efeitos da crise se faz sentir a cada linha.

O apoio às pequenas e médias empresas (PME) tem sido uma preocupação constante, mas desta vez foi-se mais longe, com o Governo a aumentar o limite máximo da garantia para o crédito concedido pelas instituições bancárias às PME. Ainda de acordo com os planos do Governo, as isenções fiscais existentes vão manter-se, ao mesmo tempo que aumentará o limite de isenção do imposto profissional.

Outra das medidas será uma nova distribuição por todos os residentes de uma compensação pecuniária, à semelhança do que já aconteceu no corrente ano, em que os residentes receberam entre 3000 e 5000 patacas (entre 375 e 626 dólares norte-americanos) cada. Subsídios específicos serão ainda distribuídos por idosos, famílias necessitadas e estudantes.

E como resposta a um provável aumento do desemprego, o Governo irá criar "empresas sociais" com o fim específico de criar postos de trabalho. Ainda no campo social, é dada uma atenção particular à habitação, com apoios específicos à compra da primeira habitação.

A estas medidas associam-se o aumento dos investimentos públicos e a política de salvaguarda do direito ao emprego dos residentes locais, perante a concorrência oferecida pelos trabalhadores não-locais.

A ideia central subjacente a estas linhas de acção é a de encorajar uma atitude activa perante a crise. Como sublinhou o Chefe do Executivo, "o reajustamento económico oferece oportunidades", e "o Governo, as empresas e os cidadãos não devem deixar escapar estas oportunidades." ■

Luís Ortet

Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista MACAU.

- ANGOLA: AOA 291.00 ■ BRASIL: BRL 6.60 ■ CABO VERDE: CVE 278.00
- GUINÉ-BISSAU: XOF 1.602.00 ■ MACAU: MOP 30.00
- MOÇAMBIQUE: MZN 96.00 ■ PORTUGAL: EUROS 2.50
- S.TOMÉ e PRÍNCIPE: STD 56.400.00 ■ TIMOR-LESTE: USD 4.00
- RESTO DO MUNDO: USD 4.00

■ COMUNIDADES

Onda Lusófona, 4

Mariana Palavra

■ MEMÓRIA

Estima e a Macau do Nosso Tempo, 14

Tereza Sena e Helder Fernando

■ CENTES I

Costeleta à moda de Macau, 24

Joyce Pina

■ CENTES II

O francês que queria aprender chinês, 27

Marta Curto

■ MIF 2008

Macau uma porta entre mundos, 30

Marta Curto

■ VISITA

Governo Central recebe macaenses, 40

■ TEMPLOS

As almas e as vidas, 44

Marta Curto

■ ANO NOVO

O Ano do Búfalo, 58

Rui Rocha

Uma questão de tempo, 66

Luís Ortet e Ina Chiu

■ TRADIÇÃO

O belo adormecido da China, 80

Patrícia Lemos

■ CORRIDAS

Vidas a galope, 88

Marta Curto

■ PEQUIM

Uma nova cidade após os Jogos

Olimpícos, 102

Rui Boavida

■ PANDAS

A salvação de uma espécie, 109

Luciana Leitão

CAPA



Nos recantos mais insuspeitos da cidade, escondem-se os templos. Os de maior dimensão, claro, exibem a sua indifereçável existência, mas mesmo assim com alguma discrição, espreado-se por uma colina acima ou perdendo-se no bulício de uma avenida movimentada. Lá dentro, travam-se diálogos secretos.

P44

COMUNIDADES EM FESTA

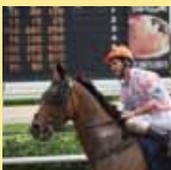


Com uma programação mais diversificada e a presença de conhecidos nomes e grupos artísticos representativos das diversas comunidades de língua portuguesa de Macau, a

Festa da Lusofonia prolongou-se, desta vez, por uma semana e marcou presença em múltiplos pontos da cidade.

P4

CORRIDAS PARA A SORTE



Macau é provavelmente o lugar do mundo onde mais se aposta por metro quadrado. Mas não é só nos casinos. No hipódromo da ilha da Taipa e no canidromo da península de

Macau, a sorte corre a quatro patas.

P88

PEQUIM DEPOIS DA FESTA



Acabaram-se os Jogos Olímpicos de 2008, que deixaram atrás de si uma cidade transfigurada.

Que é feito do Ninho de Pássaro, do Cubo Aquático e da

Aldeia Olímpica da nova Pequim?

PI02

SECÇÕES

■ NOTICIÁRIO ESPECIAL, 36-39

■ BREVES, 42-43

■ CARTAZ, 118

■ RETRATO, 126-127

www.macauhub.com.mo

O Macauhub é um serviço gratuito de informação sediado em Macau, que distribui informação e análises económico-financeiras sobre a região do Grande Delta do Rio das Pérolas (PPRD), no Sul da República Popular da China, e os países de língua portuguesa de modo a apoiar governos, instituições e empresários na compreensão das potencialidades existentes para negócios e investimentos.

O Macauhub integra uma equipa de profissionais espalhados pela Ásia, América do Sul, Europa e África que produz informação em chinês simplificado, português e inglês sobre a região chinesa que integra as províncias de Fujian, Jiangxi, Hunan, Guangdong, Hainão, Sichuan, Guizhou e Yunnan, a região autónoma de Guangxi Zhuangzu e as regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong, e, por outro lado, sobre os países de língua oficial portuguesa, abrangendo Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

O Macauhub, criado na esfera do Gabinete de Comunicação Social (GCS) do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), é mais uma das ferramentas de que o Governo da RAEM dispõe para concretizar o seu papel de ligação e de potenciador de negócios entre a República Popular da China e os países de língua oficial portuguesa.

O Macauhub distribui ainda informação geral das zonas e países onde actua, nomeadamente estatísticas, dados, publicações, eventos e elementos sobre Quem é Quem.

O Macauhub tem por objectivo final ser um "website" de referência nas relações económico-financeiras entre o Grande Delta do rio das Pérolas, conhecido em inglês como "Pan Pearl River Delta (9 + 2 = oito províncias e uma região autónoma do interior da China e as duas regiões administrativas especiais da China)" e os países de língua portuguesa.

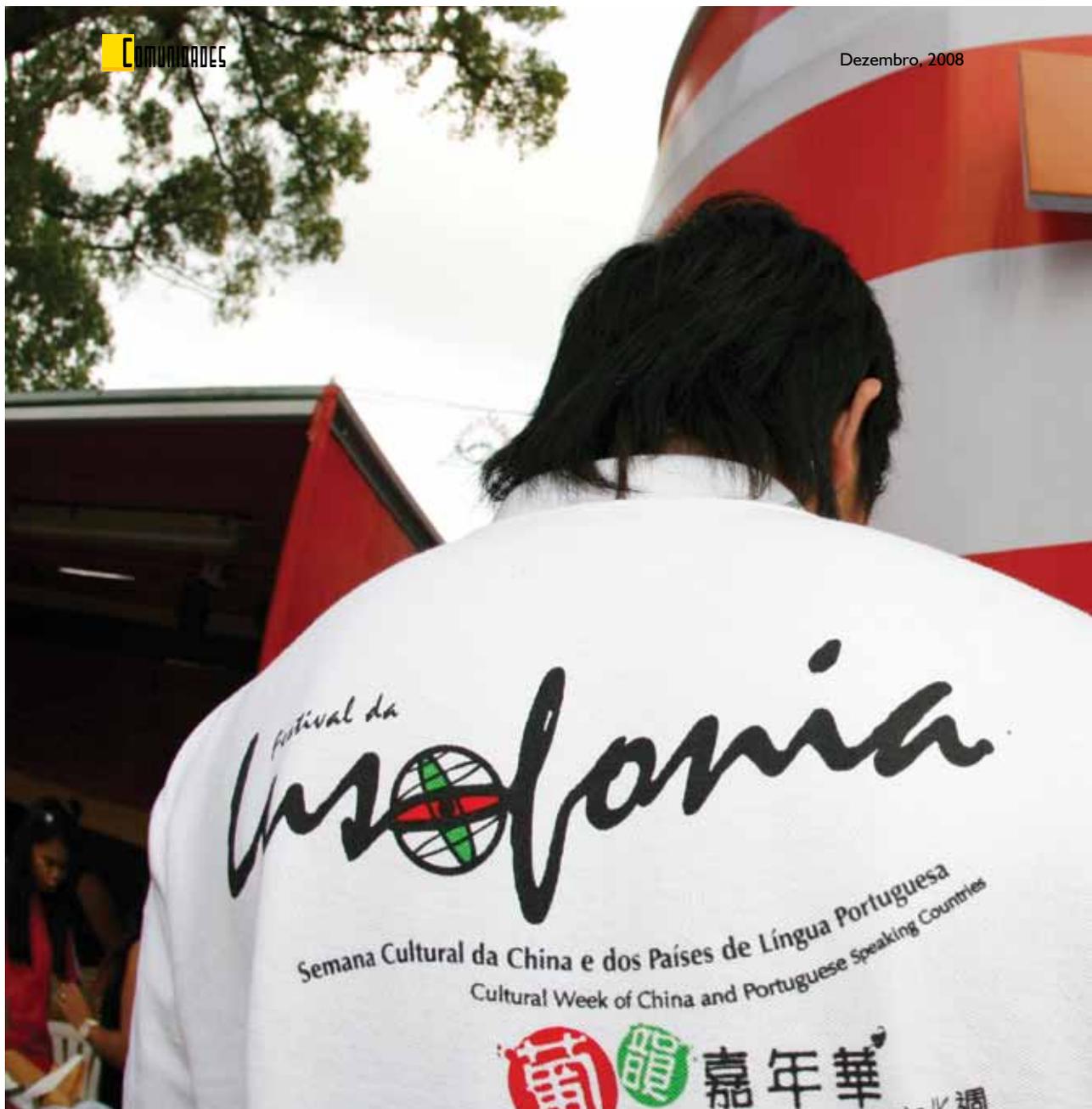
O Macauhub vai lançar em breve uma página sobre a China dedicada aos seus leitores do Brasil.

Mariana Palavra (texto) Carmo Correia (fotos)

Pode ser influência do governo central, visto como uma espécie de padroeiro das associações de matriz lusófona com a sua política de impulsionar Macau como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa. Pode ser uma moda, um efeito de contágio ou necessidade de preencher vazios. Pode ser a soma de estes e outros factores, ou, pura coincidência. Mas, certo, certo, é que nunca, como hoje, o associativismo lusófono esteve tão movimentado

Onda Lus

usófono



A ideia começou a ganhar contornos em 1996, mas, por isto ou por aquilo, não aconteceu. Foi ficando assim adia-da a formalização de uma associação de São Tomé e Príncipe. Na última década, a comunidade do país africano a residir em Macau cresceu e renovou-se, fruto, por um lado, de algumas partidas de fim de século e, por outro, do nascimento de várias famílias e consequentes rebentos. Foi então que finalmente aconteceu: nasceu a Associação dos São Tomenses e Amigos de São Tomé e Príncipe. “Aconte-

ceu também devido ao espírito olímpico. Conseguimos formalizar a associação no dia 8 do 8 de 2008, dia da abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim. Fazia todo o sentido, uma vez que o maior evento desportivo do mundo acontecia tão perto de Macau”, esclarece António Costa, presidente da Associação dos São Tomenses e Amigos de São Tomé e Príncipe. António Costa acredita que houve dois momentos decisivos que deram um empurrão na lusofonia de Macau: “A partir do momento em que o Chefe do Executi-



“A China tem um interesse estratégico nos países lusófonos e tem uma política de promoção que está ser gerida de forma inteligente”

(Maria Amélia Ant3nio)

vo procurou explorar melhor o mercado lus3fono, nomeadamente com deslocações a alguns desses pa3ses de forma a estimular o com3rcio. Depois, com a criação do pr3prio F3rum para a Cooperao Econ3mica e Comercial entre China e os Pa3ses de L3ngua Portuguesa. Momentos que deram um incentivo e uma esperana de que a lusofonia em Macau possa continuar a ter futuro e consist3ncia”.

Tamb3m a presidente da Casa de Portugal reconhece que “o acarinhamento e o apoio do governo local t3m dado um in-

centivo aos movimentos associativos. A China tem um interesse estrat3gico nos pa3ses lus3fonos e tem uma pol3tica de promoao que est3 ser gerida de forma inteligente”, garante Maria Am3lia Ant3nio que ainda acrescenta mais factores à lista de incentivos. “A presenaa de estudantes de algumas comunidades lus3fonas tamb3m cria a necessidade de mais apoio e acompanhamento a esses jovens, algo que 3 mais f3cil atrav3s de entidades organizadas”.

Um grupo de pessoas que se costumava



No Festival da Lusofonia actuaram vários conjuntos locais e dos países de língua portuguesa, entre eles o agrupamento guineense Pascual Fada e a banda feminina Xaile, de Portugal

juntar para jogar futebol. Resultado? A Associação de Intercâmbio Sino-Lusofonia de Macau. Na verdade, a bola não foi o único pretexto, deu apenas o passe decisivo num projecto mais antigo. “Já havia uma intenção antiga de unir os amigos dos países lusófonos. Queríamos um intercâmbio de todas essas culturas”, explica Fong Hong Vai, presidente da associação e fã da cultura e língua portuguesa há mais de vinte anos. O intercâmbio, nomeadamente cultural, desportivo e profissional, consta dos estatutos publicados nos finais de 2007, mas também está reflectido na própria composição do grupo, com membros de outras associações de cariz lusófono, os tais futebolistas de fim-de-semana. Mais fácil por isso passar das palavras (de intercâmbio) aos actos: em cerca de um ano de existência estatutária, a Associação Sino-Lusofonia já joga em diferentes frentes e parceiros. Foi, por exemplo, participar numa parada

de uma cidade chinesa na companhia do Grupo de Danças e Cantares, assim como esteve presente na celebração do Dia de África, em Macau.

Nem sequer era sócio quando, em 2006, se candidatou a presidente da Associação dos Macaenses. “Eu não sabia de nada. Não estava a par das movimentações associativas. O único palco que eu conhecia era o do Doci Papiçam di Macau”, recorda Miguel Senna Fernandes. O agora presidente da Associação dos Macaenses continua a não estar muito a par dos bastidores de outras associações, salvo algumas (cada vez mais frequentes) excepções. “A Associação dos Macaenses está envolvida com outras, como a APO-MAC e Casa de Portugal (na Festa de São João). São parceiros muito úteis e, provavelmente, nós as três somos as associações mais mexidas”.

Miguel Senna Fernandes acredita que



impôs “um certo ritmo a que não estavam habituados”, talvez porque “ou envolvo-me num projecto ou não meto lá os pés”. No entanto, à margem desta autoconfiança, o encenador do grupo do teatro em patuá, reconhece que há um clima favorável que vem do outro lado da fronteira. “Há constantes sinais de acarinamento para com as associações de matriz lusófona. Corresponde ao querer da China, se não fosse assim não éramos encorajados mas relegados ‘ao Deus dará’. A China tem apadrinhado o nascimento de mais associações, interessa-lhe a variedade”, sustenta.

Coincidência ou não, a Associação dos Amigos de Moçambique foi reactivada também nesse ano de 2006. Na presidência da direcção desde essa altura, Helena Brandão reconhece, em tom de brincadeira, que a lusofonia está na moda, muito por culpa do Fórum. “Há

uma multiplicidade de actividades do Fórum - colóquios, conferências, etc. - para as quais as nossas associações lusófonas também são convidadas a participar, tornando-se mais conhecidas”, garante. Mas, Fórum à parte, a lusofonia tem tido cada vez mais pernas para andar (sozinha). “Vê-se uma maior movimentação associativa. Quando se celebra uma data importante no seio de uma das comunidades de língua portuguesa, cada vez mais membros das restantes associações juntam-se aos festejos, normalmente em jogos de futebol e jantarradas. Há mais actividades do que antes, mais gente a participar, sobretudo gente mais nova. Até porque agora quase todas as associações têm sede própria”, esclarece Helena Brandão.

A Casa de Portugal também tinha sede própria mas não bastava. Havia mais vontade mas menos espaço. “Houve



Ilda Maria, professora de acordeão, foi convidada da Casa de Portugal para actuar em Macau



Maria Amélia António, presidente da Casa de Portugal



O stand do Brasil, um dos mais visitados



Dezembro, 2008

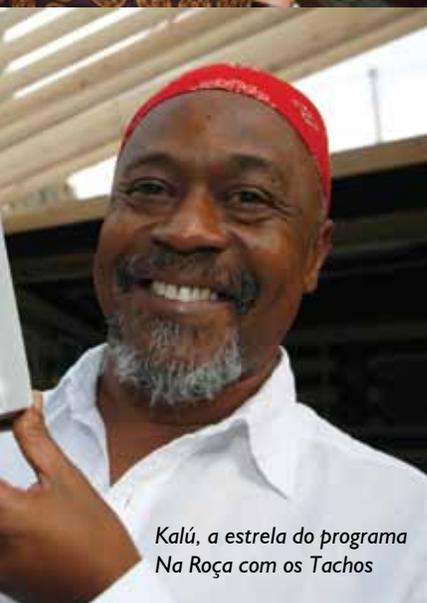


Helena Brandão, presidente da direcção da Associação dos Amigos de Moçambique

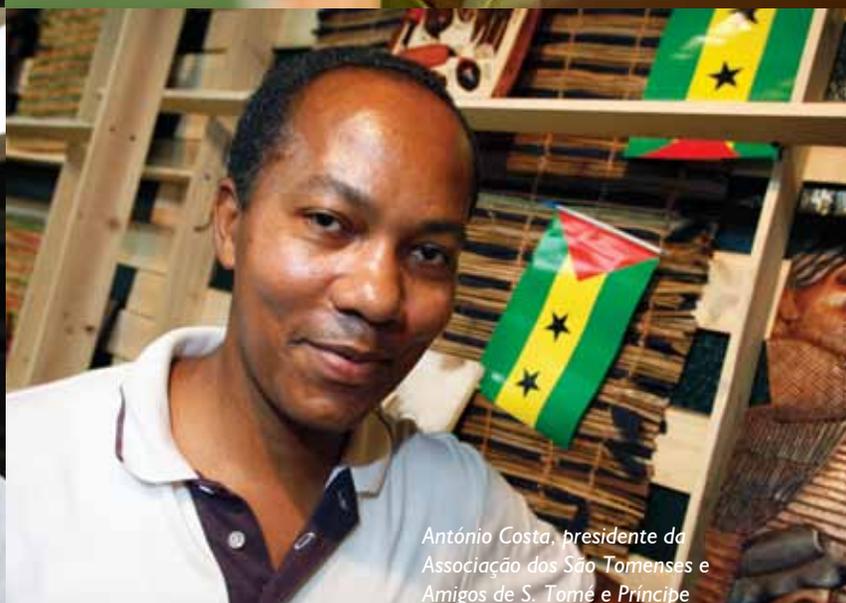
COMUNIDADES



Miguel Senna Fernandes, presidente da Associação dos Macaenses



Kalú, a estrela do programa Na Roça com os Tachos



António Costa, presidente da Associação dos São Tomenses e Amigos de S. Tomé e Príncipe



Representantes de Timor-Leste



Grupo de Macau, Música no Coração

duas razões para a Casa ter conseguido, nos últimos tempos, organizar mais actividades: o espaço novo e a frustração de sentir que não existiam actividades culturais. Houve necessidade de reverter uma sensação de vazio que se criou. Foi quase biológico, uma reacção de sobrevivência”, afirma Maria Amélia António, enquanto elogia os valores existentes na comunidade portuguesa.

E o futuro?

Esta onda lusófona dos tempos mais recentes passa também menos despercebida junto das restantes comunidades de Macau, nomeadamente da chinesa. “As

pessoas estão interessadas e já conhecem mais coisas de Moçambique. Durante a Festa da Lusofonia, falaram-me das praias, conhecem também algum artesanato e até os panos típicos!”, conta a presidente da Associação dos Amigos de Moçambique, Helena Brandão.

Foi promovida a Festival mas já não se livra do nome antigo: “a Festa da Lusofonia não são só três dias de festa, tem sido cada vez mais uma ocasião em que as diferentes associações lusófonas trocam ideias, tentam organizar-se e funcionar em conjunto, uma forma de obtermos mais apoios”, conta Amélia António. ■





Actuação de um grupo de estudantes da Escola Portuguesa de Macau

Tereza Sena* (texto) e António Falcão (fotos)

Estima e a Macau do Nosso Tempo

Foi em Novembro passado. O poeta veio à cidade com um sorriso nos lábios, a afabilidade e a doçura de sempre. Despediu-se de Silveira Machado (1918-2007), um amigo e companheiro de letras, vadiagens e tertúlias. Disse-nos adeus a todos e partiu apressado para prosseguir a luta. Pela vida que sabia já não lhe reservar um regresso físico à cidade que trazia no coração. A cidade do nosso tempo que ele quis ver lembrada. Eu não deixei. Alberto Estima de Oliveira, devolvo-te o teu texto, para ser lido, relido, por muitos mais:

navega-se na arrogância das diferenças pela emaranhada teia de ruelas que constituía o centro da pequena cidade quase flutuante. misturavam-se os cheiros das especiarias com o hálito morno dos detritos. fervilhava a vida nos contornos das faces opacas e nas paredes roídas pelo tempo. tudo se movia convulsionando as veias deste pequeno corpo, largos e esquinas de tendas de "min", pato assado, frutos e vestuário. macau, 10 horas de uma manhã húmida de um julho espesso. caíu a noite absorvendo o dia.

o sono emergia das janelas veladas. no asfalto vivia-se ainda o chiar dos pneus e sob as árvores da praia grande mantinha-se a troca amorosa das carícias, restos das escassas horas de trabalho imposto. o tufão passou ao largo, somente as águas castanhas do delta do rio das pérolas se mostraram impacientes, ondulando em pequenas cristas, balançando as painéis de caldo suspensas nos juncos ancorados.

tudo se passa em termos inconsequentes, sem margens. o lodo e a muralha habitam a noite concretamente. a cidade ilumina-se num carrossel de cores, liquidando o lixo e a miséria. não há espaços. nova vida se inicia nas ruelas e esquinas procurando no prazer a solidão dos neons embriagados. os olhos escondidos na penumbra das fábricas surgem agora na aposta possível do sorriso passivo e terno duma jovem que passa.

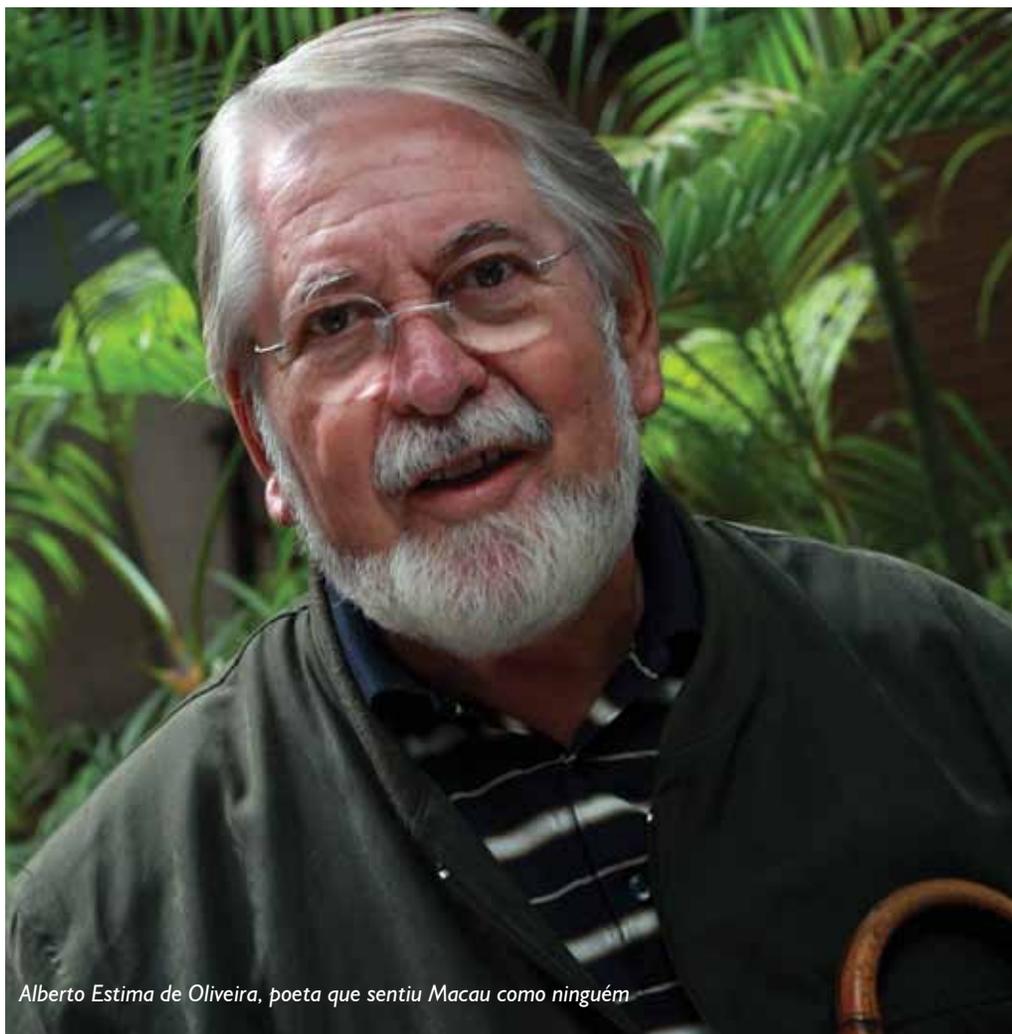
esconde-se a cidade na noite curta reduzindo o tempo. macau nasce dos restos da lua multiplicando as células nos ventres tensos, nas mãos hábeis, nos corpos lívidos.

secam-se-me os lábios de falar a noite curta reduzindo o tempo. macau nasce dos restos da lua multiplicando as células nos ventres tensos, nas mãos hábeis, nos corpos lívidos.

secam-se-me os lábios de falar a noite. e o poema vem, bardo, das entranhas.

O poema vem, bardo, das entranhas de um poeta de corpo (con)sentido quando inicia o percurso do Encontro, ultrapassando e rompendo, noite a dentro, os muitos silêncios comodamente encasulados na crisálida das diferenças. Intenta a viagem iniciática. Da mera presença no local para o início do diálogo, mesmo que de uma solitária deambulação ou de um monólogo se trate. Aí sim, apreenderemos o espaço, em toda a sua pujança, multiplicidade e contradição.

Cruzo-me contigo nas ainda antigas vielas. Encontro-te na vadiagem nocturna.



Alberto Estima de Oliveira, poeta que sentiu Macau como ninguém

Secos os lábios de falar a noite. Partilhamos um *min* no pequeno restaurante nas imediações da Rua da Felicidade. Despedeste com um *até já* e segues ligeiro Almeida Ribeiro acima. Apoiado na bengala, páras, voltas-te para trás e com o teu sorriso rasgado, terno e doce. Repetes acenando: *até já!*

Alberto Estima de Oliveira faleceu em 1 de Maio de 2008.

Ao seleccionar um texto seu para declamação no sarau literário que decorreu no Clube Militar de Macau em 30 de Novembro de 2007 procurei um poema já traduzido para chinês. Era essa a regra, motivada por um único sentido: o entendimento, já que se tratava de dar a conhecer aos investigadores, escritores, críticos

e publicistas participantes do Simpósio Internacional “O Indivíduo e a Sociedade na Literatura Chinesa Moderna”, alguns escritores e poetas de Macau. Participantes esses na sua maioria oriundos da República Popular da China, mas também ocidentais, todos falantes do chinês. Não havia tempo para arriscarmos as sinuosas veredas de novas traduções.

Estima teria tido gosto na leitura desta *prosa poética sobre a cidade do nosso tempo*, publicada em 1988 no seu livro *O Diálogo do Silêncio*¹, mas submeteu-se afável e irónico à minha decisão:

faz o que achares por conveniente, o meu cantonense não dá para dizer poesia só para mandar vir chau min.

por favor decide por mim como se eu não estivesse presente... e na eventualidade de estar sigo a tua orientação.

Felizmente esteve presente, e feliz, naquele que terá talvez sido o seu grande último momento de partilha poética à escala internacional.

O texto que a saudade trazia ao coração deste poeta sem espaços, esse aí está.

Alberto Estima de Oliveira (1934-2008)

Alberto Eduardo Estima de Oliveira nasceu em Lisboa em 1 de Julho de 1934. Faleceu na mesma cidade a 1 de Maio de 2008.

Frequentava o Ensino Comercial, quando, jovem de apenas 14 anos, se vê forçado a iniciar a sua carreira profissional na actividade seguradora, a que permanecerá ligado até ao fim da vida. Matriculando-se no ensino nocturno prossegue os estudos, concluindo o Curso dos Liceus. De assinalar também a sua passagem, sem grandes consequências, pelo curso de Pintura Decorativa da Escola António Arroio e pela actividade teatral.

Após terminar o serviço militar em 1957 vai para Angola, onde se fixa na região do Bocoio (Vila de Sousa Lara), dedicando-se durante alguns anos à agricultura. O contacto com a natureza desenvolve nele uma outra vertente cultural, mas acaba por regressar à profissão em 1965, vivendo então no Lobito e em Benguela. Passados dez anos, em 1975, regressa a Portugal. Ingressa na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, que abandona em 1977 quando parte para a República da Guiné-Bissau onde reside durante cerca de três anos. Aí, de par com a sua carreira profissional, empenha-se no conhecimento de uma nova realidade pluri-étnica recolhendo junto das populações com quem contactou um apreciável acervo cultural.

Os primeiros versos remontam aos seus 18 anos, tendo poesia publicada nos cadernos *Vector II e III* (Huambo, Nova Lisboa) e na *Kuzuela III 1ª Antologia de Poesia*

Africana de Expressão Portuguesa (Luanda), coligida por David Mestre. O primeiro livro, *Tempo de Angústia*, produto dos tempos difíceis como o próprio título o sugere, saiu em 1972.

Em 1982 fixou-se em Macau, onde residiu até 2002 e dirigiu a Companhia de Seguros de Macau. Em Macau, sob a chancela do Instituto Cultural, publicou a maioria dos seus livros, todos eles de poesia, colaborando também nas revistas *Macau e Revista de Cultura*.

Alberto Estima de Oliveira está traduzido em chinês e em inglês, nomeadamente na colectânea com o título *Fly*, publicada em Portugal em 1986 e apresentada pelo autor, nesse mesmo ano, no 1º Festival Internacional de Poesia de Las Palmas, Gran Canaria, no qual também representou o então Território de Macau.

Em 1997, o ACTO/Instituto de Arte Dramática, adaptou uma das suas obras *O Corpo (Con)Sentido* e levou-a à cena, em três sessões, no Teatro Municipal de Estarreja.

No final do mesmo ano editou a *Tradison* o disco compacto *Diálogos do Silêncio*, com alguma da poética de Estima de Oliveira publicada entre 1987 e 1996, dita por Helder Fernando e acompanhada por improvisos de violino de Carlos Damas.

Estima de Oliveira conquistou em 1999 o Grande Prémio de Poesia no Festival Curtera de Arges na Roménia, publicando em Lisboa, em 2003, com o apoio da Fundação Oriente, o seu último livro *MESOPOTÁMIA*.

Visitou Macau pela derradeira vez em Novembro de 2007 no âmbito do Encontro das Comunidades Macaenses tendo então participado no Sarau Literário organizado pelo Instituto Ricci de Macau no decurso do Simpósio Internacional "O Indivíduo e a Sociedade na Literatura Chinesa Moderna" que decorreu nas instalações do Clube Militar no dia 30 de Novembro. ■

¹ *Macau, Instituto Cultural de Macau, pp. 17-18.*

* *Investigadora-Coordenadora do Instituto Ricci de Macau*

A close-up, high-contrast photograph of Alberto Estima de Oliveira. He has a full beard and is wearing glasses. The lighting is dramatic, highlighting his facial features against a dark background. His hand is visible in the lower left corner, holding a pen.

Alberto Estima de Oliveira

Principais obras

Poesia - *Tempo de Angústia*, Angola, 1972 (esgotado); *Infraestruturas*, Macau, 1987 (esgotado); *O Diálogo do Silêncio*, Macau, 1988; *O Rosto*, Macau, 1990; *O Corpo (Con)Sentido*, Macau, 1993; *Esqueleto do Tempo*, Macau, 1995 e *Estrutura I – O Sentir*, Macau, 1996 e *MESOPOTÂMIA - espaço que criei*, Lisboa, 2003.

CD - *Diálogos do Silêncio*, Macau, 1997

Obras de conjunto - *Fly*, 1996.

Helder Fernando

Mais do que um projecto de vida, ou mesmo um projecto poético, Alberto Estima de Oliveira protagonizava um projecto humano

*com dedos charrua
escreverás o poema
com mãos de girassol
inventarás o poente
aos sulcos ressequidos
lançarás a semente*

Antes de tudo, devo ao leitor esta declaração de interesses: Por mais de duas décadas fui amigo de quem, por convite do editor desta Revista, irei escrever as próximas linhas. Amigo consequente e em plenitude. Por coincidentes acasos da vida, mesmo antes de nos encontrarmos em Macau já nos conhecíamos em outro continente, se bem que vivendo em costas opostas, sem nos conhecermos. Continuo a ouvi-lo numa das suas sentenças: *É urgente ter asas*. Oiço-o constantemente, sabendo bem não estar sozinho nesta minha permanente escuta dos seus segredos moldados em poemas.

Dezembro, 2008

*ouço
através dos meus segredos
os mistérios
do inconsciente
percorre-me o corpo
essa voz
pulsa-me nas têmporas
o delírio do sangue*

Podem existir várias maneiras - pelo menos duas – na abordagem da vida e obra de Alberto Estima de Oliveira. Uma é do ponto de vista estético-criativo ou do crítico literário, para o qual, naturalmente, não possuo sabedoria. Outra é como leitor integral e fiel, atento, jornalista que tanto o entrevistou em jornais, na rádio e em televisão, companheiro de viagens reais e imaginadas, confidante, cúmplice, amigo solidário que tanto o admirou. Assim ficarão, pois, as próximas linhas.

(...)

*e as folhas descobrem-se
na escuridão da floresta
nas asas dos pássaros que emigram
e nos olhos dos homens
que sabem sonhar*

O que mais nos encantava no Alberto (ou Estima para a maioria) eram os seus gestos de patriarca meigo, a quem, espontaneamente, se reconhece autoridade com tranquilidade. O que mais nos encantava no Alberto era o seu jeito de falar e de ouvir. De nos ver, mesmo quando molhava o olhar. O que mais nos encantava no Alberto era a sua cristalina capacidade de amar. O que mais nos encantava nele era a sua poesia.

*tanta água
contida
nesta
vertida gota
dos meus olhos
tanto mar
tanto amor
feitos de sol
e dor*

Moldavam-nos as emoções do poeta e do homem. Cercavam-nos, interferiam no dia a dia dos mais próximos, em tantas tertúlias que surpreendiam os que a elas chegavam pela primeira vez, sempre com a sua bênção prévia.

O Alberto, na amizade, praticava adultério. E nós gostávamos! Era um enorme leque de afectos cúmplices, mesmo os nunca sequer segredados. Quando o seu poema denunciava estádios de felicidades efémeras, pouco daquilo era concreto; preferindo ele os cambiantes vários, o fingimento fingido, o seu modo de enigmática absorção, para o interior, da aparente realidade cá de fora.

No “Tai Sam Un”, restaurante chinês que já não há (depois noutra, também junto à Rua da Felicidade) sempre com um gigantesco quadro representando peónias, enchíamos a alma, bebíamos,

com apuro, o vinho, sem deixar que o vinagre chegasse para azedar-nos a palavra.

Pedaços, rasgados, de papel, de mão em mão, de boca em boca, ao rubro, borbulhando com exaltação, com a fluidez dos cânticos sagrados da amizade.

*aquela porta fechada
tem peónias por dentro
forrando um outro horizonte
da densidade da vida
é uma janela aberta
no abismo da saudade
local de encontros
que tive com a cidade*

Nos Cadernos Vector II e III (Huambo, ex-Nova Lisboa, Angola), em Kuzuela III com a 1ª Antologia de Poesia Africana de Expressão Portuguesa publicada em Luanda, e ainda “Tempo de Angústia” nos Cadernos Capricórnio, tudo pelos anos 70 do século passado, Estima de Oliveira iniciava a longa caminhada poética de mais de 40 anos.

Caminhada prosseguida em Macau desde o início dos anos 80 com “Infraestruturas” (ICM); “O Diálogo do Silêncio” (ICM); “O Rosto” (ICM); “O Corpo (Com) Sentido” (ICM/IPOR); “Esqueleto do Tempo” (Livros do Oriente); “Fly” (colectânea em língua inglesa, traduzida por George Till, editada pela Tertúlia Internacional); “Estrutura” I-O Sentir” (edição de autor); registo áudio de selecção de poemas em CD, ditos por Helder Fernando “Diálogos do Silêncio” (Tradisom); “Infraestrutura-Keitcho” (ICM); “Estrutura II-(In) Tolerância”; “7 Poems” (selecção traduzida para inglês por Rui Cascais, apresentada pelo poeta no IV Festival Internacional de Poesia na Roménia em Julho de 2000); “Mesopotâmia-Espaço que Criei” (Arion. Também traduzida para romeno e editada pela Academia Romena Internacional Oriente-Occidente).

Premiada em Festivais internacionais (em Las Palmas de Gran Canaria, 1996

e 1998, na Roménia em Julho de 1999 e no Congresso Mundial de Poetas em Acapulco, México, em Outubro do mesmo ano), a poesia de Alberto Estima de Oliveira navega por jornais e revistas

de cultura, e ainda em Antologias Poéticas de Espanha, Itália, Portugal, México, Croácia, Brasil, Roménia, China Continental e Macau. Chegou também ao Teatro, sob várias

Para o Helder
na splanca da porta
varei / guoso da
autrade
onde só ~~te~~
acolia.
~~o~~ o contacto
do /^c entre o nada
e o amor
no derradeiro
tempo
da ~~memória~~
madrugada

formas, a sua poesia. Por exemplo, no 1º Festival Internacional de Teatro realizado em Estarreja, Portugal, em Maio de 1999, onde foi encenada uma abordagem à sua poesia, posteriormente passada a vídeo.

O Estima foi, como tantos de nós, um exilado voluntário. Por Angola, Guiné-Bissau e Macau, principalmente. Mas nunca errante. Exilado sem fugas, sem nomadismos, sem desterrós; mesmo assim com diásporas.

As raízes do homem sentia-as ele em Lisboa, mas as raízes do poeta e do pensador tinham-as ele em África, com sofreguidão.

Eternamente com a família mais chegada no pensamento – e na acção, diga-se - foi poeta e homem exilado de várias Pátrias neste Oriente Extremo chamado Macau, que um dia nos recebeu e nos acolhe. Por força da História, do sangue, da necessidade, da ideia, do acaso.

*porque me desfaço nesta onda
e me recomeço na seguinte
e torno a desfazer o que parece
ser de mim próprio feito
porque não fico estático
imperfeito
no meio do receio da paragem
envolvido em segundos
horas séculos*

O campo de actuação do poeta era, sobretudo, as pessoas, a sua estrutura – o que ele via ou imaginava nelas. Com as pessoas, Alberto sedimentava os poemas. Como um artífice, guilhotinava as frases do poema, cada palavra, por vezes cada sílaba. Não os empalidecia, criava-lhes a mais cristalina evidência. E, a tempos, a mais acutilante ironia, como ele próprio.

*pulsa-me
nos punhos
ondas de serena força
os dedos
pássaros*

*migratórios
circulam
destros
no branco
espaço
do poema*

O Alberto sempre foi muito guloso de afectos. E o melhor é que o enchiam de guloseimas. Por isso mostrava quase sempre o sorriso doce, mesmo quando lhe saltavam águas dos olhos claros. Na sua poesia, a palavra escrita ou dita, morre quase sempre cheia de sede nos lábios à beira de gretar.

*secam-se-me os lábios de falar a noite
e o poema vem, bardo, das entranhas.*

Alberto Estima de Oliveira viveu como um refinado viverdor. Sem pressas, sem exuberâncias, sem ampuheta nas mãos. Escreveu praticamente até à morte, mesmo quando já se lhe arrefecia a barba branca e os olhos de céu e água iam secando.

Poetava por espiritual necessidade extrema, mas também porque, para ele, criar poesia era uma tarefa voluntária e voluntariosa.

Como a todos os poetas maiores, a poesia que escreveu, nas suas imagens dialéticas e outras, no seu pólen, mantê-lo-á suspenso no tempo. Restam-nos todos os seus poemas. Como este, onde escutamos a sua voz:

*se no segundo exacto
a graça fosse
de minha eternal posse
prendia
a forma da manhã
formando um dia
à dimensão da vida*

NOTA – Poemas de Alberto Estima de Oliveira, extraídos das obras: “Infraestruturas”, “Diálogo do Silêncio”, “Esqueleto do Tempo”, “O Rosto”, “O Corpo (Con)Sentido” e “Mesopotâmia”

MACAU

UMA PLATAFORMA REGIONAL DE SERVIÇOS COMERCIAIS



GABINETE DE LIGAÇÃO DO IPIM NA CHINA CONTINENTAL

NOSSA MISSÃO: **AO VOSSO SERVIÇO**

- Divulgar e apresentar o ambiente de investimento de Macau e promover a implementação da indústria local diversificada;
- Impulsionar a cooperação compreensiva em vários níveis entre Macau e a China Continental, nos sectores económicos e comerciais;
- Providenciar informação e assistência aos empresários locais no seu investimento e comércio na China Continental;
- Providenciar serviços às empresas da China Continental no investimento em Macau ou utilizando Macau como uma plataforma de serviços comerciais para a expansão nos mercados dos Países de Língua Portuguesa e no resto do Mundo, com vista a melhorar a sua competitividade internacional.

Contactos dos Gabinetes de Ligação do IPIM na China Continental:

Gabinete de Ligação de Hangzhou:

Endereço: Room 515, 470 Yan'an Road,
Hangzhou, Zhejiang, China

Código Postal: 310006

Pessoa de Contacto: Qiu Wei, Gerente

Tel.: +86-571-28939303

Fax: +86-571-28939210

Gabinete de Ligação de Jieyang:

Endereço: Room 105, Jieyang Municipal
Governmental Office Building, Yanjian
Road, Jieyang, Guangdong, China

Código Postal: 522000

Pessoa de Contacto: Liu Zhihua, Gerente

Tel.: +86-663-8213108

Fax: +86-663-8213108

Gabinete de Ligação de Chengdu:

Endereço: 14 F, Shaocheng Building, # 25,
Shaocheng Road, Chengdu,
Sichuan China

Código Postal: 610015

Pessoa de Contacto: Wang Wei, Gerente

Tel.: +86-28-86262305

Fax: +86-28-86262735

Costeleta à moda de Macau

Receita mais simples para o sucesso não podia encontrar. Começou por ser uma gracinha e acabou em quase todas as tascas de Macau. O pão com costeleta de porco frita, sem mais adornos, foi ideia de alguns portugueses que iam à tasca da senhora Kok Loi Hou, há mais de duas décadas, procurar um bocadinho do sabor luso. Tia Hou, como é conhecida a patroa, fazia o simples manjar para aqueles que lhe pediam e que tinham pressa na sua hora de almoço. Afinal, coisa mais simples não há.

rente ao edifício da antiga Câmara das Ilhas, na ilha da Taipa, o pequeno estabelecimento de comidas e bebidas da Tia Hou era, na altura, um negócio familiar discreto. Mas os anos passaram e as mesas foram aparecendo, cada vez mais, ocupando grande parte do passeio. A filha da tia Hou, Wendy Chan, entretanto cresceu e juntou-se ao negócio. E também cresceram em número os ‘comensais’ que procuram na tasca da Tia Hou a tal sandes, conhecida em Macau como ‘chu pa pao’ – literalmente, em cantonês, “costeleta e pão”. Preparar o sucesso implicou alguma investigação, que a Tia Hou disse ter feito. “Fui experimentan-

do as costeletas, o pão e a forma de fritar a carne. Os clientes portugueses iam dando a sua opinião, até chegar ao que vendemos hoje em dia”. E o que vendem tem tanto de saboroso, como de exclusivo. A equipa de Wendy e Hou só prepara 500 sandes por dia, vendidas a partir da hora do almoço. Esgota-se sempre tudo. A longa fila que muitas vezes se materializa do nada à porta da sua tasca é sinal de que a receita vingou. Turistas da Malásia e de Singapura metem-se num táxi, em Macau, com destino à Taipa só para provar a célebre sandes, feita no local que a tornou famosa. Um deles, Cheryl Tay, disse que em restaurantes chineses da

Malásia vendem-se sandes de costeleta de porco frita “à moda de Macau”.

Melhor homenagem a tia Hou não esperava receber: “Hoje em dia vendem-se por aí, em todo o lado, mas a minha receita é a minha. Há um segredo, que está no tempero que colocamos na carne, mas isso não digo, senão deixa de ser segredo”.

A matriarca do negócio, de grande sucesso, é uma mulher pequenina e tímida, de poucas falas. Já quase não vai à loja, deixa na mão da filha as chatices diárias. Nem lá vai comer. Mas quando aparece, mete-se em tudo. Vai à cozinha e controla o que sai nos tabuleiros para a mesa dos clientes. “Há mais de



**A matriarca do
negócio, de grande
sucesso, é uma
mulher pequenina
e tímida, de poucas
falas. Já quase não
vai à loja, deixa
na mão da filha as
chatices diárias**

quarenta anos que tenho a tasca nesta esquina. Quando comecei a preparar a sandes, apenas uma mão cheia de ‘comensais’ cá vinha. Eram os clientes habituais, que trabalhavam aqui perto, incluindo os portugueses. Desde que um jornal de Hong Kong falou na minha sandes, há mais de dez anos, que esta romaria começou”, diz a tia Hou, sem sorrir. Está feliz com o seu sucesso, mas quem a ouve e vê até pode pensar o contrário. Parece estar nervosa, mas a filha Wendy, mais habituada a estas conversas com jornalistas, completa as frases da mãe, com o à vontade de quem nasceu em berço mais abençoado: “Nós não vendemos mais porque não podemos”, indica Wendy. “Aos fins-de-semana fazemos 800 sandes, mas não temos condições para mais”, acrescenta, com ar de quem lamenta não poder explorar melhor a sorte. As paredes da tasca estão salpicadas com os recortes de artigos sobre a sandes, escritos pela imprensa estrangeira e local, assim como com as fotografias de famosos de Hong Kong e arredores que já lhe prestaram uma visita à tasca. Mas não deixa de ser uma tasca, com mesas velhas, azulejos e mosaicos sujos e uma cozinha caótica, que dá para um pátio interior que serve também de armazém improvisado. Mas o que torna essa sandes especial? Deve ser o



As sandes atraem “gourmets” de vários países da região

pão. É pão cozido em forno de lenha. Coisa que rareia em Macau. A carne é importada do Brasil e o tal tempero que a tia Hou guarda com a própria vida remata a receita.

Amassado à mão de manhã cedo, pelo padeiro Sit, a massa descansa e depois é cortada a olho e colocada em tabuleiros dentro do forno, que é pequeno e de ferro muito velho. A tia Hou também aprendeu dos portugueses essa técnica de cozer a massa em forno de lenha. Sit, que tem os cabelos cheios de farinha e trabalha sem camisa, por causa do calor, garante

que não usa nenhuma máquina para amassar: “Tudo é feito à mão”. Depois, há o processo de fritura das costeletas. “A carne tem de estar no óleo muito quente o tempo certo. Nem demasiado frita, nem mal passada. É carne de porco, tem de ser bem cozinhada”, acrescenta.

O resultado final? Um pão saboroso, fresquíssimo, de consistência forte e cor esbranquiçada, cujo miolo absorveu parte da gordura da carne frita. A costeleta é fina, quase estaladiça, e servida com osso. Normalmente quem lá vai, pede duas de cada vez... ■

O francês que queria aprender chinês

Daniel Carlier veio para Macau como poderia ter ido para qualquer outro lugar. Calhou. E se ficou, não foi o território que o prendeu. Foi o mandarim.

Em meados de Outubro, Daniel Carlier publicou em Macau o seu primeiro livro. Com o apoio da Fundação Macau, do jornal português Tribuna de Macau e do chinês Ou Mun, “Ditos de Confúcio” mistura as suas grandes paixões de Carlier: o mandarim e a filosofia. Mas que se desengane quem pensar que este francês é homem de paixões. Nada o prende. Ou melhor, não são os lugares que o prendem. É algo mais, algo que um local lhe traz, um desafio. São os desafios que o prendem. Daniel Carlier nasceu no Norte da França e ali viveu até aos 22 anos, onde estudou filosofia. Uma viagem que fizera a Portugal, ainda com 18 anos, não lhe saía da cabeça e decidiu rumar ao ‘jardim à beira mar plantado’.

Pouco conhecia do país, mais queria descobrir. No início deu aulas de francês na *Alliance Française* de

Évora e a maior recordação que tem daquele primeiro ano foi de frio. Um frio terrível que nada tinha a ver com o de França, um frio que lhe entrava nos ossos. Os anos seguintes já foram passados em Faro, no Algarve. E aí já não teve frio. Teve tanto calor que decidiu pedir nacionalidade portuguesa e equivalência do curso superior de filosofia para poder dar aulas em Portugal.

“Esses dois primeiros anos foram muito difíceis. Uma coisa é falar português, outra é dar aulas de filosofia numa língua que estamos a aprender. E nessa altura, eu traduzia as minhas aulas de francês para português. Quando deixei de traduzir e passei a pensar em português, as aulas começaram a correr melhor. Adorei dar aulas de filosofia”.

Daniel Carlier esteve 14 anos em Portugal. Até ao dia em que um colega da



Daniel Carlier acaba de publicar um livro sobre os ditos de Confúcio

Escola do Magistério Primário, onde dava aulas a futuros educadores de infância e professores primários, lhe disse que vinha para Macau. “O Amílcar Martins, que hoje dá aulas na Universidade Aberta de Lisboa, era meu amigo e disse-me para vir também”. E Daniel Carlier não pensou duas vezes. Estávamos em 1985 e pouco se falava sobre Macau em Portugal. “A televisão nunca falava em Macau e nem livros sobre o território consegui arranjar”. Carlier sabia que Macau estava sob a administração portuguesa, mas pouco mais. Porque veio? Porque era uma novidade. Porque não tinha nada a perder. Porque tinha ânsia de conhecer mais mundo.

Os concursos para dar aulas na Escola do Magistério Primário abriam todos os anos. Em 1985, Carlier não foi aceite. Chegou a Macau em 1986.

Palavras vazias e palavras cheias

“Eu não me apeguei a França, nem a Portugal e também não estou apegado a Macau. Se cá estou há 22 anos é porque queria saber se conseguia aprender mandarim. Depois de aprender português, queria saber até onde conseguia ir”. E foi longe. Ninguém o diria já que Daniel quis abandonar o território seis meses após ter chegado. “A adaptação foi muito

complicada. Eu vinha do paraíso europeu, que é o Algarve, para aterrar nesta confusão toda. Só me queria ir embora mas tinha um contrato de dois anos, tinha de ficar”.

Durante esses dois anos obrigatórios, Carlier estudou cantonense. Queria tentar entrar na cultura chinesa e não limitar-se a vê-la como um peixe observa o mundo fora do aquário. Mas no fim do contrato, entendeu que não queria aprender cantonense. Queria aprender a língua chinesa, o mandarim. Foi aí que começou verdadeiramente esta fase da sua vida. Macau.

Carlier começou a estudar mandarim em 1988 e um ano mais tarde já conseguia uma bolsa da Fundação Oriente e uma autorização da administração para largar funções e ter aulas intensivas de mandarim em Xangai. O ‘estágio’ durou-lhe dois anos após o qual, considera hoje, sabia pouquíssimo de mandarim. Até agora, Daniel Carlier admite continuar a aprender. “Lendo, vendo televisão chinesa, conversando. O que é importante no mandarim é perceber a estrutura da língua, e não tanto decorar vocabulário”.

O que mais incomodava o francês no início era a ausência do plural ou singular, a ausência da conjugação dos verbos, a ausência do feminino e do masculino. “E no meio





dessas ausências, eu sabia que o português podia ser traduzido para chinês. Não entendia como isso era possível. Depois é que percebi que o chinês tem partículas sintáticas que dão sentido à frase. Os chineses chamam a isso palavras vazias, porque não querem dizer nada se estiverem isoladas, mas podem colocar, por exemplo, uma frase no passado dando-lhe todo o senti-

do. As outras palavras, as que têm sempre significado, chamam-se palavras cheias. E é a combinação das duas que faz a língua". Em 1999, Carlier sentiu-se preparado para deixar entrar Confúcio na sua vida. O domínio do chinês já o permitia entender os ditos do filósofo sem ter de recorrer às traduções. "Foi nessa altura que comecei a traduzir os textos de Confúcio. Era um *hobby*". Pois

o passatempo foi agora publicado.

Com 59 anos, 22 de França, 14 de Portugal e 22 de Macau, Daniel Carlier reconhece que poderá não ficar no território chinês para o resto da vida. Pelo menos até aos 65 anos nada o tirará de Macau, onde dá aulas de português na Escola Luso-Chinesa Técnico-Profissional, mas depois disso, o mundo é dele. ■

Marta Curto (texto) e António Mil-Homens (fotos)



A 13ª edição da Feira Internacional de Macau não deu ares de ter sido atingida pela crise mundial dos mercados. A RAEM continua um ponto estratégico onde Oriente e Ocidente se encontram para fazerem grandes negócios. E desde lâmpadas ecológicas, a café brasileiro, passando por comprimidos milagrosos, de tudo se vende. Porque há sempre quem queira comprar

“O café vem do Brasil, o projecto é português, o equipamento de torragem e moagem do café é alemão e a embalagem é italiana”. A SIM é uma empresa de Macau. Funciona em Macau pela mão de João Basto e representa tudo o que Macau pode dar aos empresários. Ligações à Europa e a países de expressão portuguesa, na China. Perguntar ao director da empresa porque decidiu vir para Macau passa a ser sinal de ingenuidade. Macau é uma porta óbvia para dois mundos altamente rentáveis. A SIM foi um dos mais de 880 participantes da Feira Internacional de Macau (MIF), que decorreu entre dia 23 e dia 26 de Outubro. “Todos os anos, aumenta o número de empresas estrangeiras, nomeadamente de países de expressão portuguesa. Usam a MIF e Macau para entrar no mercado chinês porque o território continua a ser um local estratégico de cooperação regional”, explicou Jackson Chang, vogal executivo do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), entidade organizadora do evento. E prova deste interesse crescente foram as presenças do ministro do Comércio, Indús-



Representantes da SIM, Sociedade Industrial de Macau detentora da marca de café “Olá”

tria, Energia e Artesanato da Guiné-Bissau, Luís Oliveira Sanca, do ministro das Pescas de Moçambique, Cadmiel Filiane Muthemba, e do vice-ministro da economia e desenvolvimento de Timor-Leste, Rui Hanjam, na inauguração da 13ª edição da MIF, dia 23 de Outubro. Se a crise mundial dos mercados parece assustar o mundo inteiro, em Macau o susto apareceu controlado. “Como é que os participantes da feira reagiram à crise mundial dos mercados? Em vez de enviarem uma comitiva com 30 pessoas, enviaram uma com oito. Mas vieram na mesma”, explica uma fonte do IPIM. O número de expositores manteve-se inalterável comparativamente à MIF de 2007, mas a crise já se notou nos visitantes profissionais. Se no ano passado chegaram aos nove mil, em 2008 só atingiram os seis mil. “Tivemos realmente menos visitantes profissionais, mas temos que entender que este ano, para além da crise, ainda houve o terramoto de Sichuan que afectou muitos empresários chineses. Considerando tudo isto, posso dizer que esta MIF superou as nossas expectativas”, explicou Jackson Chang. No último dia da feira, João Bas-

to está com um sorriso nos lábios. O café expresso saiu muito bem naqueles quatro dias. Pode ser que seja um sinal de uma futura evolução do mercado chinês. Por enquanto, o café *Olá* é mais vendido em *capuccino* ou café de filtro. Tradicionalmente, os chineses preferem beber chá. Já os seus pais o bebiam, os avós e os pais destes. “Mesmo assim o café tem tido um aumento de consumo na ordem dos 100 por cento ao ano na China. Esta bebida está muito ligada aos padrões de vida ocidentais e isso é apelativo para os jovens urbanos que estão a aderir cada vez mais ao café”. Por enquanto, o chá anda a ganhar a passos largos e o café *Olá* mantém-se nos restaurantes e nos hotéis. Nos supermercados não entra. “Mas pode ser que a aculturação do café o torne tão popular como o chá. E quem sabe se no futuro não passamos a ser um produto normal num supermercado no meio da China”, explica João Basto, sorrindo.

O status do vinho importado

Também José Roseiro gostava de ver um *Casa de Santar* ou um *Quinta do Cabriz* numa dessas prateleiras. O director comercial da *Dão Sul* trouxe à MIF trinta vinhos portugueses. Muitos já são vendidos em Macau há cinco anos, em Hong Kong há um ano e estão neste momento a tentar entrar na China. “É a primeira vez que estamos na MIF. Na semana passada estivemos a fazer um estudo de mercado pelas principais cidades da China, nomeadamente Pequim e Xangai, e viemos a Macau para a feira”, explica Roseiro. Para o director comercial, Macau é a grande porta da China para a Europa, mas os grandes negócios são cada vez mais feitos directamente através da China. E o vinho pode vir a ser um negócio da China. “O mercado chinês está a abrir-se ao vinho, aliás é o sétimo produtor do mundo, e há uma grande aber-





tura para os vinhos portugueses”. Tal como João Basto, José Roseiro refere-se aos consumidores mais jovens que mostram grande interesse pelo que vem do ocidente. “Beber vinho importado é uma questão de status”, admite Roseiro. Nas salas reservadas do *Venetian Macau*, o hotel-resort que acolheu a MIF, o movimento não pára até aos últimos minutos, da última hora, do último dia. Ainda se negocia, se trocam cartões de visita, se apertam mãos. Nos *stands* das pequenas e médias empresas, o burburinho mantém-se inalterável como se o fim não estivesse próximo. De tudo se vende na MIF e há sempre quem queira comprar. Luzes que funcionam com a energia eólica e solar. Comprimidos anti-cancro. Móvel ecológica. Sapatos enormes para enormes pés ocidentais. Estatuetas moçambicanas de pau-preto. E cartões de memória baratíssimos, num *stand* sempre a abarrotar. Às cinco da tarde de dia 26 de Outubro, a maioria dos visitantes sai da feira com sacos cheios de panfletos, folhetos, catálogos. Se tanto papel produzirá negócios, só o futuro o dirá. ■

Roseiro, Director Comercial da Dão Sul



Chan Man Nga tem em Itália o seu grande mercado

Sapato universal

A Giorostan é uma marca italiana de sapatos. O catálogo da marca está em inglês e chinês mas as fotos só reflectem o modo de estar ocidental. Homens loiros sentados em poltronas do século XIX pouco dizem ao homem chinês que vive entre mobílias lacadas. Mas Chang Man Nga viu para além da cadeira e do papel de parede. Nga é o empresário chinês que viu os sapatos e achou que os chineses iriam gostar. Tal aconteceu em 1992 quando a marca italiana passou a ser representada pela Macao SanHou Internacional Corporation. E em 1998, a distribuidora chinesa registava a marca na China continental e Taiwan. “A fábrica da marca é em Cantão e vendemos para o sul da Europa, Austrália e Médio Oriente. Mas o nosso principal mercado é a China”. Os sapatos Giorostan mais não seriam do que um bom exemplo de uma cooperação inteligente entre a China, onde a produção é barata, e as empresas europeias, não fosse um último detalhe do negócio. O detalhe que ditou o sucesso da feira. Sendo uma empresa italiana, os sapatos adequam-se ao pé do homem ocidental, que, segundo Chang Man Nga, chega ao número 46. Os pés masculinos chineses, pelo contrário, costumam rondar os 40 ou 41.”Nós temos tido muitas solicitações nesta feira por causa dos números que conseguimos oferecer. Dão para qualquer pessoa!”. Sorte do destino transformada em segredo do negócio. ■

A MIF em números

No último dia da feira, Jakson Chang fez questão de realçar o crescente interesse de empresas estrangeiras pela MIF, nomeadamente provenientes de países de expressão portuguesa. Ao todo, estiveram presentes 33 países, nomeadamente 13 europeus. Como a MIF é uma feira de investimento, integra qualquer área de negócio e tem obrigação de organizar diversas iniciativas, nomeadamente fóruns, seminários, conferências e apresentações. Entre as 35 iniciativas, foram realizados os seminários de Intercâmbio entre os Países de Língua Portuguesa, Fujian e Macau e da Promoção dos Produtos de Fujian. O número de protocolos assinados aumentou mais de 40 por cento, comparativamente à 12ª edição. Em 2007 assinaram-se 26 contratos e este ano chegaram aos 37. O público geral chegou aos 50 mil visitantes, um número pouco abaixo do de 2007. Pelo contrário o número de expositores manteve-se nos 880. ■



Jackson Chan, representante do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau



Vivian Li, exportadora de candeeiros ecológicos para Espanha, Itália e Japão, quer apostar em África

Luz em pleno mato

O stand da *Wind-Solar Street Lamps System* está cheio. “É a primeira vez que estamos na MIF mas está a correr muito bem”, explica Vivian Li. A empresa, da cidade chinesa de Shenzhen, existe há cinco anos e já exporta os seus candeeiros ecológicos para Espanha, Itália e Japão, para além da China. E não é de admirar numa época de grandes preocupações ambientais. Estes candeeiros, que também estão à venda na versão simples, funcionam com energia eólica ou solar. Vivian mostra com orgulho o candeeiro que ali tem em exposição. “Ainda tem luz e está há quatro dias fechado neste stand!”. Li admite que a marca decidiu vir à MIF para expandir a sua internacionalização e o objectivo está a ser atingido. “Há muitos norte-americanos e africanos que já se mostraram interessados em importar os nossos candeeiros”. No meio do mato africano, o mais bonito, aquele onde se vêm as estrelas no céu e os caminhos são iluminados pelo luar, os sortudos ainda ouvem o gerador até às 22 horas. A partir daí a poupança exige escuridão, que o petróleo está caro. Os dias começam mais cedo em África e a deita precoce não incomoda. Mas uma luz que funcione durante toda a noite porque apanhou sol todo o dia, é um sonho. E se a isso se acrescentar o facto de ser *wireless* podendo ser transportada conforme as necessidades, então é uma utopia. Mas não é. ■

Comprimidos contra o cancro

A caixa é amarela e tem uma fotografia das ruínas de São Paulo, o cartão de visita de Macau, na capa. Não há dúvida. O produto é de Macau. Em cima, debaixo dos caracteres chineses, está escrito: *Anti-Cancer Capsules*. Em português, cápsulas anti-cancro. O homem do stand nem tenta falar inglês, só aponta para uma folha onde se pede que os interessados deixem o cartão de visita. O representante, explica que esta receita existe há 30 anos na medicina tradicional chinesa, mas só agora está a ser comercializada por uma empresa de Macau. “Primeiro vamos vender aqui, depois no interior do País e depois no resto do mundo”. Estas cápsulas não prometem prevenir o cancro. Prometem curá-lo a 1000 patacas (cerca de 125 dólares norte-americanos) por uma embalagem para cinco dias. A cura prometida só vem após um mínimo de dois meses. Parece um conto do vigário. Mas o representante garantiu que 21 indivíduos que sofriam de cancro tomaram os comprimidos durante três meses e encontraram a cura. “Apareceram muitas pessoas nesta feira interessadas em importar as cápsulas. Esperamos que o negócio corra bem”. ■



Cápsulas anti cancro, produzidas em Macau, prometem a cura



Medidas para combater a crise

Maior apoio às pequenas e médias empresas, mais investimento público, isenções fiscais e nova distribuição do plano de participação pecuniária são algumas das medidas anunciadas por Edmund Ho, na apresentação das Linhas de Acção Governativa para o próximo ano. “Não nos devemos deixar levar pelo desânimo. O reajustamento económico oferece oportunidades. O Governo, as empresas e os cidadãos não devem deixar escapar estas oportunidades”, frisou Edmund Ho, que garantiu que a prioridade para 2009 “tem

de incidir na salvaguarda do direito ao emprego dos residentes locais”.

O Governo vai atribuir mais 1,5 mil milhões de patacas ao Fundo de Desenvolvimento Industrial e de Comercialização. O Executivo vai, por outro lado, apresentar uma proposta no sentido de aumentar o limitê máximo de garantia para o crédito concedido pelas instituições bancárias às pequenas e médias empresas, passando de 300 milhões de patacas para 3,5 mil milhões de patacas.

O plano de isenções fiscais vai manter-se. O impos-

to profissional continuará a ser reduzido em 25 por cento, mas o limite de isenção aumenta das 95 mil para as 120 mil patacas. Os residentes de Macau que comprem a sua primeira habitação vão estar isentos do imposto de selo na aquisição de imóveis até três milhões de patacas e podem beneficiar de uma bonificação de juros de quatro por cento. Na celebração do contrato de hipoteca com as instituições bancárias, o Governo garante parte do crédito de entrada (não deve exceder os 20 por cento do valor do imóvel) na condição



Dezembro, 2008



do comprador assumir, pelo menos, dez por cento do crédito de entrada. Vai ser também proposta a redução do imposto do selo sobre a transmissão de imóveis dos três por cento em vigor para um por cento e não voltará a ser autorizado o direito de residência por via da aquisição de habitação. No apoio aos residentes, o Governo decidiu alargar até Março de 2010 o subsídio de 150 patacas para o pagamento das contas de electricidade, continuar a conceder uma pensão pecuniária às famílias necessitadas e aumentar o subsídio aos idosos.

O plano de compensação pecuniária, que em 2008 distribuiu cinco mil patacas aos residentes permanentes e três mil aos residentes não permanentes, voltará a ser aplicado no primeiro semestre do ano (o valor não será inferior ao de 2008).

Edmundo Ho anunciou que vai criar um programa de *vouchers* para serviços médicos e estudar a viabilidade de construir um hospital de urgências nas ilhas, além de alargar o horário dos Centros de Saúde.

Os estudantes vão beneficiar de um subsídio de 1500 patacas destinado à aquisição de material di-

dáctico. O Chefe do Executivo defendeu ainda a criação de empresas sociais, que terão como objectivo auxiliar os grupos sociais fragilizados. “O nosso objectivo é ajudar a maior parte dos cidadãos, que perdeu o seu posto de trabalho devido à crise económica, a encontrar um emprego e manter a competitividade”, disse Edmundo Ho.

O PIDDA - Plano de Investimentos e Despesas da Administração – terá uma dotação que ultrapassa os dez mil milhões de patacas. O orçamento para 2009 foi fixado em 44,7 mil milhões de patacas. ■

Projecto de Lei relativo à defesa da segurança do Estado, em consulta pública

Como imperativo da própria Lei Básica, a “mini-constituição” da Região Administrativa Especial de Macau, o Governo apresentou publicamente um projecto de lei de regulamentação do seu Artigo 23.º, sobre a defesa da segurança do Estado. O projecto de lei esteve em consulta pública de 22 de Outubro a 30 de Novembro

O projecto aponta para uma pena máxima de 25 anos de prisão, para quem cometer crimes de traição à pátria, de secessão ou de subversão. Também está prevista uma moldura penal para quem subtrair segredos de Estado e prevista a proibição de organizações ou associações políticas estrangeiras de praticarem, em Macau, actos contra a segurança do Estado, assim como se propõe que se proibam organizações ou associações políticas locais de estabelecer laços com congéneres estrangeiras

para a prática dos mesmos actos.

A Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau define, no seu articulado, o relacionamento entre as Autoridades Centrais e a RAEM, os direitos e os deveres fundamentais dos residentes, a estrutura política, a economia, a cultura e os assuntos sociais, e os assuntos externos da Região. De entre os preceitos descreve-se no seu artigo 23.º a obrigatoriedade de a RAEM produzir, por si própria, normas que protejam a segurança do Estado.

O projecto da Lei relativa à defesa da segurança do Estado, culmina um processo levado a cabo pelo Governo da RAEM nos últimos anos, fruto de um aturado trabalho preparatório em que foram auscultados diversos sectores da sociedade, e tidas em conta as suas opiniões.

No documento de consulta pública, para além do projecto da “Lei relativa à defesa da segurança do Estado”, incluíam-se uma breve introdução sobre o contexto da iniciativa legislativa, os princípios orientadores e os pontos



O Chefe do Executivo, Edmund Ho, apresentou o projecto de lei na Sede do Governo, no passado dia 22 de Outubro

essenciais, com explicação e análise de cada um dos crimes propostos; um quadro comparativo das disposições legais do Código Penal que vigorou até ao estabelecimento da RAEM, e do Código Penal vigente e, ainda, disposições legais congêneres de outros sistemas jurídicos europeus de matriz continental.

O Chefe do Executivo, Edmund Ho, apresentou o projecto de lei na Sede do Governo, no passado dia 22 de Outubro perante uma assistência composta por jornalistas de Macau, de Hong Kong e do Inte-

rior do País.

O projecto de lei prevê que os actos de traição à pátria sejam puníveis com penas de prisão de 15 a 25 anos, mas estes actos apenas poderão ser imputados a cidadãos chineses. Em Portugal, semelhante acto é punível com até 15 anos de prisão. Em França a prisão poderá ir até aos 30 anos e na Alemanha a moldura varia entre um ano e a prisão perpétua.

Para os crimes de secessão está prevista a mesma pena de prisão, que varia entre os 15 e os 25 anos, o mesmo se aplicando ao crime de subversão.

A sedição está emoldurada por uma pena de um a oito anos de prisão e a subtracção de segredos de estado punível entre dois a 15 anos de prisão.

Edmund Ho garantiu, na referida conferência de imprensa, que este projecto de lei respeita todos os requisitos a que se propõe o artigo 23º da Lei Básica da RAEM: “Foram realizados estudos sérios e cautelosos e no estrito cumprimento da Lei Básica, no respeito pelo ordenamento jurídico de Macau e dos seus princípios, e tendo em conta a realidade local”. ■



Governo Central recebe macaenses em Pequim



Um grupo representativo da comunidade macaense, liderado pelo deputado Leonel Alves, deslocou-se em Novembro passado a Pequim e a Xian a convite do Governo chinês. Uma visita de cortesia que serviu para reafirmar a importância dos macaenses no seio da política “Um país, dois sistemas”

Língua e Cultura Chinesas em Leiria

Foi inaugurado em Leiria, Portugal, no passado mês de Outubro, o Centro de Línguas e Cultura Chinesas, um espaço que resulta da parceria entre o Instituto Politécnico de Leiria e o Instituto Politécnico de Macau para leccionar o curso de Tradução e Interpretação de Português/Chinês e Chinês/Português.

O Centro disponibiliza um conjunto de publicações em Português e Chinês em formato livro, CD e DVD e tem ainda uma área destinada a pesquisas on-line. Para o futuro estão previstas exposições temáticas e a organização de tertúlias dirigidas à comunidade académica, à comunidade chinesa e ao público em geral.



Fórum da Lusofonia atinge meta

O comércio entre a China e os países de língua portuguesa ultrapassou em Agosto os 61 mil dólares, atingindo a meta traçada para o final de 2009.

Segundo o gabinete de apoio ao Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua portuguesa, em Agosto as trocas comerciais aumentaram em mais 93 por cento quando comparadas com o mesmo período de 2007. O Brasil continua a ser o principal parceiro da China, seguido de Angola e Portugal.



Universidades assinam protocolo

A Universidade Técnica de Lisboa assinou um protocolo de cooperação com a Universidade de Jilin que prevê o intercâmbio de professores e estudantes. Uma cooperação que visa promover os cursos daquela instituição portuguesa na China, tentando atrair alguns jovens chineses que saem anualmente do país para estudar. A Universidade Técnica de Lisboa já assinou acordos idênticos com a Qinghua, uma das prestigiadas escolas de engenharia da China, e a Universidade de Macau.



Luanda e Pequim ligadas por via aérea

Angola e China já têm acordo para estabelecer ligações aéreas directas entre as respectivas capitais.

Do lado angolano, é a companhia aérea estatal a responsável por garantir as ligações com as cidades de Pequim e Cantão.

Pela China, as ligações aéreas são da responsabilidade de duas companhias - a Hainan Airlines e a Oriental Sky Aviation.

O início dos voos estava previsto para finais de Novembro.





Banco da China pode operar no Brasil

O Banco da China já tem autorização para iniciar as suas actividades no Brasil, com um capital inicial de 60 milhões de dólares. A instituição foi autorizada a operar no Brasil como banco múltiplo, com carteira comercial, de investimentos e de câmbio. No Brasil, e com sede em São Paulo, com a designação de Banco da China Brasil o principal objectivo é dar apoio às operações de comércio internacional entre os dois países.



Café português torrado em Macau

A sociedade Industrial de Macau (SIM), do empresário português Vasco Pereira Coutinho, iniciou a torrefacção de café em Macau, num projecto virado para a exportação para o interior do País e a prestação de serviços na Ásia. Trata-se de um investimento de 25 milhões de dólares norte-americanos. Para a promoção e comercialização do “Olá Café” na China, a SIM tem já representantes nas cidades de Cantão, Zhuhai e Shenzhen, na província de Guangdong, e está a instalar um escritório em Pequim.



Nino Vieira visitou a RAEM

O presidente guineense convidou empresários de Macau a investirem na Guiné-Bissau lembrando que o seu país possui muito recursos naturais, entre eles petróleo. Nino Vieira esteve em Macau a convite do Chefe do Executivo em Setembro passado. Entretanto, o empresário de Macau, John Lo, foi ainda nomeado cônsul da Guiné -Bissau na RAEM. O empresário, que tem investido na Guiné-Bissau desde 2001, em especial no sector agrícola, anunciou que está a preparar uma missão comercial de Macau a Bissau.



Hotel Four Seasons inaugurado

A Las Vegas Sands inaugurou mais um hotel e casino na zona do Cotai. O Four Seasons representa um investimento de oito mil milhões de patacas, tem 360 quartos, vários restaurantes e um centro comercial com quase 20 mil metros quadrados e lojas de marcas de luxo. Inaugurado foi também o Plaza Casino que conta com 175 mesas de jogo. Este foi o último grande projecto inaugurado pela Las Vegas Sands em Macau, já que a empresa decidiu suspender todas as obras locais devido à crise financeira e económica e anunciou o despedimento de nove mil trabalhadores, que empregava nas obras, até obter crédito junto de um sindicato bancário para retomar as construções.

Marta Curto

Entre o fumo dos incensos dos templos chineses de Macau, entre os labirintos de divisões e pátios a céu aberto que fazem a sua arquitectura, escondem-se séculos de uma cultura que foi passando de pais para filhos. Aqui, a religião não é só uma prática. É uma forma de vida

Dezembro, 2008

As almas e as vidas



Dominic veio do Canadá, a convite de um amigo que trabalha no *Cirque du Soleil*, espectáculo permanente do hotel-casino *Venetian Macau*, desde Setembro. Nunca tinha estado em contacto com a cultura chinesa e não tinha qualquer ideia de Macau. Às onze e meia da manhã, está sentado à sombra das árvores que enchem o templo de A-Má, ainda tentando entender o que vê. Dezenas de pessoas multiplicam-se na encosta ocupada pelo pagode. O fumo dos incensos acesos enche o ar de um cheiro acre. Os fiéis rezam de olhos fechados perante imagens que soam estranhas a quem só tem a referência da religião cristã, mais comum no mundo ocidental. Todo o cenário é simplesmente exótico.

E confuso. Meio caótico. Mas com alma. Com imensa alma. E naquela confusão há a mesma paz de uma igreja católica vazia, quando só a cera das velas queima pelos pedidos dos fiéis.

“Gosto muito do cheiro do incenso, faz-me lembrar as igrejas. Mas gostava mais de entender os rituais e conhecer a história do templo. Só sei que se diz que o nome de Macau veio deste templo”. Este texto é sobre os templos chineses de Macau. Mais do que uma lista, é uma história. Não fala sobre todos os pagodes, mas sobre aqueles que têm algo de especial, algo que pode servir de explicação. Para os *Dominics* desde mundo, para quem nunca tenha vindo à China. Para que entendam um pouco mais do que permanece calado atrás dos incensos dos templos chineses de Macau. Pois, sejam bem vindos.

A religião que rege a cultura chinesa

Começemos pelo início. A cultura chinesa foi moldada por três correntes de pensamento: o Taoísmo, o Confucionismo e o Budismo. Resumidamente, o taoísmo considera que o Tao, princípio energético, criador e regulador do universo, só é entendido através da observação da natureza. O Confucionismo acredita num sistema de formação de cidadãos úteis à famí-

lia, à comunidade e ao Estado para se evitarem conflitos. E o Budismo invoca a disciplina e a meditação para anular o sofrimento e, consequentemente, atingir a libertação. A partir do século XI, uma simbiose dos três resultou num sincretismo religioso que determina as práticas religiosas chinesas. O objectivo da crença chinesa é garantir a harmonia entre as ordens natural e sobrenatural. Não há resposta a questões puramente metafísicas nem verdades absolutas. Também não existem missas ou padres, e o diálogo entre os homens e as divindades é feito directamente. Os pagodes não são estanques, não servem só as práticas religiosas, tendo sido várias vezes palco de importantes acontecimentos históricos em Macau. E há dezenas, centenas de divindades, taoístas e budistas. Cada uma com a sua especificidade, um pouco à semelhança dos santos católicos. O panteão Taoísta, por exemplo, tem várias divindades ligadas à adivinhação e superstição, integrando personagens históricas ou lendárias, juntando espíritos e crenças populares. Muitos templos, aliás, têm lendas a si ligadas.

Os crentes na religião chinesa também têm orações, mas a maioria das crenças foi passada de pais para filhos através de contos de embalar e lenga-lengas cheias de significados es-

condidos. Não existe por isso um “livro sagrado”, mas centenas, milhares de livros que narram os feitos dos budas, das valentes personagens históricas que deixam exemplos a seguir, de figuras lendárias com uma moral intocável e das várias divindades. Quanto mais educado for o homem, quanto mais livros ler, mais sábio, tranquilo e disciplinado será. Para além de se basear num sistema ancestral de crenças e valores, esta ‘religião’ passa também pelo culto dos antepassados e aos espíritos da natureza, a quem os fiéis pedem desde boas colheitas, a bons empregos e ao nascimento de filhos varões. Ao morrer, um familiar tem muito poder sobre os destinos da família que deixa para trás. Será também ao defunto que se farão ofertas de estruturas em papel que representam o dinheiro, comida ou roupa que o espírito poderá usar no além. E por isso, nos templos, para além do fumo dos incensos e das cotoveladas para chegar mais perto dos altares das divindades, há ainda cinzas. Milhares de pequenas partículas cinzentas que se colam à pele na época do calor húmido vindas das fogueiras onde os fiéis queimam as ofertas em papel, em honra aos seus mortos. Quanto mais felizes os defuntos estiverem, mais agraciada será a família. ■

Arquitectura

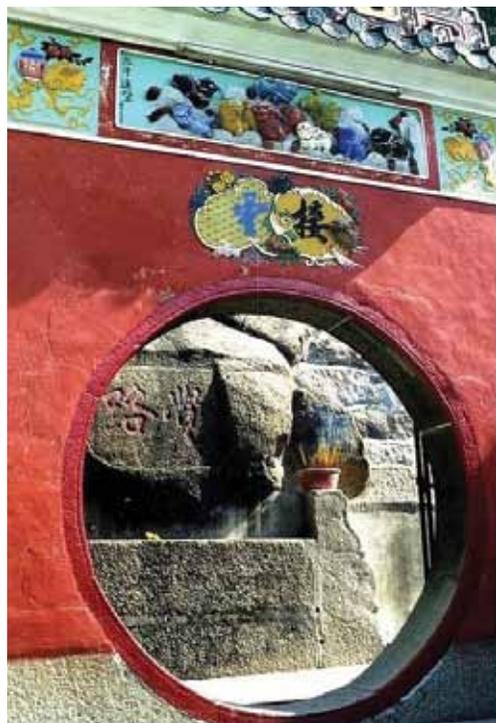
Não há uma lista oficial dos templos de Macau, já que todos os bairros, becos e ruelas têm o seu pequeno altar onde, pelo menos, Tou Tei, o Deus da Terra, da Rua, do Lugar onde as pessoas vivem, é venerado. Originalmente a construção dos templos pretendia respeitar a orientação ideal requerida pelo *fong-soi*, uma corrente de pensamento que advoga o equilíbrio entre o homem e a natureza e defende que a decoração e o posicionamento dos objectos tem influência sobre a vida dos homens. A arquitectura de um templo era regida pela simetria, mas a destruição dos pavilhões e sucessivas remodelações acabaram por transformar os templos chineses de Macau no que eles são hoje, uma construção de formas caóticas que tenta manter a harmonia de outros tempos. Antes dos aterros de Macau, que ampliaram substancialmente o tamanho da península, alguns dos mais belos templos encontravam-se perto das águas do rio, como que convidando à contemplação, já que tanto o budismo como taoísmo pedem isolamento

dos templos



e recolhimento. Hoje em dia, há templos que só têm uma divisão, e há templos com seis pavilhões, divididos por pátios interiores a céu aberto para deixar fluir o fumo do incenso. Até os pátios podem diferir entre si já que alguns estão repletos de plantas de vaso, outros têm tanques com peixes ou tartarugas, e outros ainda estão vazios. Há templos pequenos e outros enormes, tão grandes que conseguem englobar um museu e uma escola. Há templos que sobem encostas repletas de vegetação, mais se assemelhando a um parque, e outros escondidos no meio de ruas, entre o pato lacado e as motas dos habitantes da cidade. Há templos com portões que fecham e abrem seguindo o horário de funcionamento do pagode, e outros que estão sempre abertos às orações dos fiéis. Mas todos honram uma divindade principal, tendo depois vários altares secundários, no mínimo mais dois, dedicados a outros deuses. E todos têm um responsável pelo templo que tem o dever de receber as ofertas dos fiéis e canalizá-las para o bom funcionamento do pagode. ■

TEMPLO DE A-MÁ



O templo de A-Má é o maior de Macau. Estende-se por toda uma encosta, conhecida como a colina da Barra que termina junto ao porto interior, antes uma zona de pescadores. É tudo ao ar livre, com alguns nichos que protegem as capelas. Entre os altares, a vegetação continua a crescer livre. O local mais parece um jardim. A capela original foi feita no século XV, tendo sido construída por pescadores de Fujian. As restantes construções datam do imperador Man-Li, em finais do século XVI. Este templo venera onze divindades espalhadas por vários altares que enchem a encosta da Barra. Tin Hau, também conhecida como A-Má, Rainha do Céu, Kun Yam, Deusa da Misericórdia, Tei Chong Wong, Rei do Reino Subterrâneo, Uai To, Protector da Lei de Buda e dos templos budistas, lok Nôï, Deusa da Gravidez e do Parto, o deus da Guerra, Kuan Kong, o seu filho Kuan Peng e o seu porta-bandeira Chau Chong. No templo de A-Má ainda se venera Tou Tei, Espírito Protector da Rua, Sek Kom Tong, que protege das más

influências e O Nei To Fat, o Buda da Luz Sem Limites. Wong Yau Kan vende gelados há mais de 20 anos à porta deste pagode. O ofício já lhe veio do pai, de quem herdou o carrinho de venda, com mais de cinquenta anos. Todos os dias, das dez às seis, lá está ele, à porta do templo, com as suas caixas de dois sabores frescos para oferecer aos clientes. É um ganha-pão. Um sustento que os dois filhos não parecem querer seguir. “Quando eu vim para aqui, a Barra era o fim do circuito turístico. Havia um terminal de autocarros e, mais à frente, o matadouro, mas mesmo assim já vinham muitos turistas”. Hoje, Wong admite que aparecem muito mais. “Penso que sim, talvez seja abençoado por estar a vender à porta do templo, embora raramente lá vá, só em dias santos”. Tal como o turista canadiano, Wong pouco sabe da história do templo. Só garante estar ali a origem do nome de Macau. Diz-se que o templo de A-Ma terá sido a primeira visão dos portugueses ao aportarem em Macau, tendo assim inspirado o nome do território. Começou como Amagao, ou seja a baía de A-Ma, e, ao longo dos anos, evoluiu até se chamar Macau. A-Má é também conhecida como Neang- Ma, Ma-Chou-Po (deusa da barra), Tien Fei (concubina do céu ou de Deus) ou ainda Tin Hau (rainha ou esposa do céu). É a protectora dos navegantes, contra ondas e tempestades, pela vida dos pescadores e de outros que cortam intrepidamente as águas. A crença popular conta a lenda que fez nascer o templo. Um dia, uma rapariga de Fujian quis embarcar num dos barcos que partiam para o sul. Mas esperava a caridade dos barqueiros, já que não tinha como pagar a viagem. Pois todos lhe recusaram o pedido, menos o mais pobre dos juncos que teve pena dela. No caminho, rebentou uma tempestade e todos os barcos se afundaram, menos aquele que acedera levar a menina. Foi a ela que o levou, pegando corajosamente no leme e encaminhando a embarcação até terra segura. O porto interior de Macau. Ao desembarcar, subiu a um rochedo e nunca mais foi vista. Os barqueiros que tudo viram acharam que se tratava da deusa Neang Ma, e ali erigiram um templo em honra à deusa. ■

TEMPLO TIN HAU – TAIPA



Foto: António Mil-Homens

O templo Tin Hau está situado na zona antiga da ilha da Taipa. Não é um pagode grande, sendo composto unicamente por uma divisão com um pátio a céu aberto no centro, onde se queimam os incensos. Tin Hau é a Soberana do Céu. A Praça Luís de Camões, na Taipa, está vazia àquela hora da manhã. Do lado esquerdo do templo de Tin Hau, está o bar irlandês, que enche em noites de fim-de-semana. À direita, fica uma pequena loja que aluga bicicletas. O templo de Tin Hau eleva-se no meio da praça da Taipa Velha, dominando as vistas. Feito em granito cinzento, tem uma entrada imponente onde dois grandes candeeiros de papel de arroz pintado dão as boas vindas ao visitante. As enormes portas de madeira têm os tradicionais guerreiros pintados, mostrando aos fiéis que aquele não é lugar para brincadeiras e há que ter respeito pelas divindades, ou sofrer as consequências. A nave principal tem dois altares e é aí que Hong e a amiga batem cabeça a Kam Fa Fu Yan, Deusa da fertilidade, e a Pak Tai, “que serve para tudo”, explica

Hong. “Bater cabeça” significa literalmente mexer a cabeça para cima e para baixo em movimentos cadenciados, enquanto o incenso vai queimando entre as mãos. Hong diz que mora em Macau, mas vem à Taipa de propósito para visitar o pagode. “Eu venho quando preciso de reflectir. Não tenho a certeza que resulte, mas pelo menos é mais uma força”. Naquele dia, Hong veio para saber se devia deixar o emprego ou não. Procurar uma decisão entre o sustento e o descanso. “Às vezes também vou a templos em Macau, mas cada pessoa escolhe o templo onde se sente melhor. Os templos são como os amigos, gosta-se mais de uns do que de outros”. Depois de bater cabeça a Kam Fa Fu Yan e a Pak Tai, Hong vai venerar os demais altares onde outras divindades estão representadas, já que os templos chineses nunca são dedicados a uma só imagem. Existem pelo menos três altares nos pagodes, cada um com a sua representação. Há que prestar culto a todas elas, por respeito ou mero medo de eventuais vinganças divinas. ■

Lin Kai – Templo do Regato Plangente



O Templo de Lin Kai situa-se na zona do Patane, uma das áreas mais movimentadas e habitadas de Macau. O pagode tem seis pavilhões, todos interligados entre si e conjugados com pátios interiores a céu aberto. O templo de Lin Kai data do séc. XVII e o altar principal é dedicado a Ua Kuong, o deus de cara preta que protege os devotos do fogo. Dentro do templo de Lin Kai só reza o silêncio. Sem devotos, a meio

de um dia de Verão, só a empregada de limpeza promete limpar o pó todos os dias. É tímida e ri-se constantemente da vergonha de dar uma entrevista. Sentada numa cadeira à esquerda do altar principal descansa da maratona de ir limpando as cinzas dos incensos dos fiéis. Num templo chinês há sempre incensos a queimar e quem tenha pedidos mais ambiciosos chega a acender espirais que queimarão durante um mês. É muita

cinza para a senhora, que prefere não dar o nome, mas, entre hesitações, acaba por dizer que ali trabalha há três anos, quando veio substituir um “velhote que aqui estava há mais de 50 anos e que se reformou com 70 e poucos anos”. Em risos, explica que não sabe rezar, por não ter educação, mas já ganha saúde limpando os ‘santinhos’. Pelos corredores dos templos correm dois gatos que ali moram. Wong e Ha escondem-se debaixo dos altares e comem ratos à noite. A sorridente senhora da limpeza gosta deles. O templo de Lin Kai data do séc. XVII e é dedicado a Ua Kuong, o deus de cara preta que protege os devotos do fogo. O templo divide-se em vários compartimentos, cada um habitado por uma santidade. Num pavilhão anexo há imagens de duas deusas ligadas ao nascimento e educação de crianças, assistidas por 18 figuras de barro, com crianças trepando-lhes pelas pernas. Outra divisão é habitada por 60 figuras douradas representativas dos deuses dos 60 anos, alusivos ao ciclo astrológico chinês, que tem 60 anos. Num último pavilhão, é reverenciado o Deus Macaco, herói de uma das maiores obras da mitologia chinesa, Jornada a Oeste, (Viagem para Ocidente) escrita por Wu Chengen, no século XVI. Na história, o rei dos macacos acompanha um monge budista na sua jornada, passando por uma série de obstáculos, ajudado por super poderes. ■

Templo de Lin Fong – Templo de Lotus



Dedicado a Tin Hau, rainha do céu, protectora dos pescadores, está situado a norte da península de Macau. Datando de princípios do século XIX, os fiéis chamam-lhe Pagode Novo. Outras divindades veneradas neste templo são Kun lam, Deusa da Misericórdia, e Kuan Tai, deus da guerra e protector dos comerciantes e da polícia. Chamam-lhe templo de lótus porque, antes dos aterros, o templo estava em frente das águas do porto interior onde havia muitos lótus. Esta flor é o símbolo de pureza e elevação espiritual. As aulas já acabaram, e embora o calor do verão seja insuportável, os meninos jogam pingue-pongue no pátio da escola. Em cima deles, está um telheiro que se nota ser antiquíssimo. “Claro que já reparámos que é antigo, aliás basta olhar e vê-se logo que é velho”. A Escola de Beneficência Lin Fong foi criada em 1920, dentro do templo Lin Fong, construído em 1592. As crianças gostam de estudar dentro dos muros do templo, mas gostam menos da comida dos monges e

das visitas aos altares, a que são obrigados. No entanto, admitem pedir saúde e paz às divindades. Este pagode é especialmente conhecido por ter sido palco do encontro entre Lin Zexu, o comissário imperial que dedicou a sua vida a combater o tráfico de ópio, especialmente na província de Guangdong, e oficiais portugueses, em 1839. Lin Zexu foi uma das figuras mais importantes na luta contra o contrabando do ópio na China, no século XIX. A sua estátua, assim como o museu dedicado à sua vida, estão integrados no terreno do templo. O templo de Lin Fong é também conhecido por se instalarem ali os mandarins de Cantão quando se deslocavam a Macau, e, de facto, a estrutura do local é bem diferente de outros templos. Em vez de simples pátios interiores onde as divindades gozam a frescura merecida, o templo de Lin Fong é feito de corredores e salas e pátios e recantos. Parece uma casa antiga chinesa, um não-acabar de corredores que levam a novas divisões. ■

KU IAM TONG



É um templo budista dedicado à deusa da misericórdia Kun lam. A construção data da Dinastia Ming, entre 1368 e 1644. É considerado um dos maiores e o mais valioso templo de Macau, em termos artísticos. São quase seis horas e os trabalhadores do templo preparam-se para fechar as portas, terminando de limpar o enorme pagode com três pavilhões separados por dois pátios. Lá fora, Leong também se levanta das escadas com as três patacas que conseguiu amealhar. Há cinco anos que pede esmola à entrada do templo de Kun lam, mais pela companhia dos transeuntes, do que pelo dinheiro. A avenida do Coronel Mesquita, onde está o templo, é das mais conhecidas de Macau. Ainda ali se elevam as moradias que antes serviam de residência aos funcionários públicos. Perto está também a estação de televisão de Macau (TDM) que difunde em cantonês, mandarim, português e inglês. A avenida é larga e de estacionamento difícil, e o templo de Kun lam Tong eleva-se no meio do caos como se o tempo por ele não passasse. Este é um dos mais ricos templos de Macau, tendo os frisos dos telhados decorados com imagens de porcelana e um enorme portão à entrada, guardado por quatro gigantes guerreiros de pedra. Todos os templos têm estes guardiões à entrada, mas a maioria, por serem mais pequenos que o de Kum lam, tem-nos pintados nas portas de entrada. Lá dentro, os pavilhões dedicados aos Três Budas Preciosos, ao Buda da

Longevidade e a Kun lam, assistida por 18 Budas, de cada lado do altar, são divididos por pátios interiores descobertos. “As pessoas que vêm ao templo conhecem-me. Olham para mim e cumprimentam-me com a cabeça, sem uma palavra. E continuam o seu caminho”, diz sorrindo, feliz por ter com quem conversar. Todos os dias Leong se senta naquelas escadas, das 15 às 18. “De manhã não venho porque sou preguiçosa e ao final do dia tenho de ir para casa fazer o jantar ao meu filho”. Dos quatro filhos, só o rapaz ainda é solteiro e lhe dá que fazer. Leong não parece importar-se, sempre serve a alguém, já que o marido com quem casou aos 21, morreu quando ela tinha 32 anos. De pouco prestava diz ela, “já que me levava o dinheiro todo”. Embora admita raramente entrar no templo, de novo, por preguiça, explica que tem um altar a Kun lam em casa, uma devoção que lhe vem de menina. “Eu nasci perto de Cantão, vim para Macau procurar dinheiro, aos 20 anos. Quando era pequena, devia ter uns nove ou dez anos, estava a trabalhar numa casa, onde era cozinheira. A minha mãe ia-me lá visitar de vez em quando, mas eu já estava sozinha. Um dia, houve um ataque dos japoneses e a casa caiu. Eu fiquei debaixo dos escombros e via o céu lá em cima, por um buraco entre os destroços. Ainda hoje acredito ter sido Kun lam a salvar-me”. Kum lam é a deusa da Misericórdia que ouve as preces dos homens. Este templo tem também uma forte importância histórica por ter sido palco da assinatura do primeiro Tratado Sino-Americano – Tratado de Mong-Há, em 1844, entre o Vice-Rei de Cantão, Ki Jing, e o ministro dos Estados Unidos Caleb Cushing. Nessa altura, Mong-Há era só um povoado chinês, e o templo servia de residência a monges budistas que consideraram a mesa da assinatura do acordo uma relíquia histórica e a conservaram até hoje. E por fim, uma lenda no Templo de Kun lam. Conta-se que dois namorados impedidos de casar pelo pai da jovem preferiram pôr ali termo à vida abraçados. No sítio onde morreram, no jardim do pagode, nasceram duas árvores com os ramos entrelaçados que ficaram conhecidas como as Árvores dos Namorados. ■

TEMPLO TAM KUNG - COLOANE

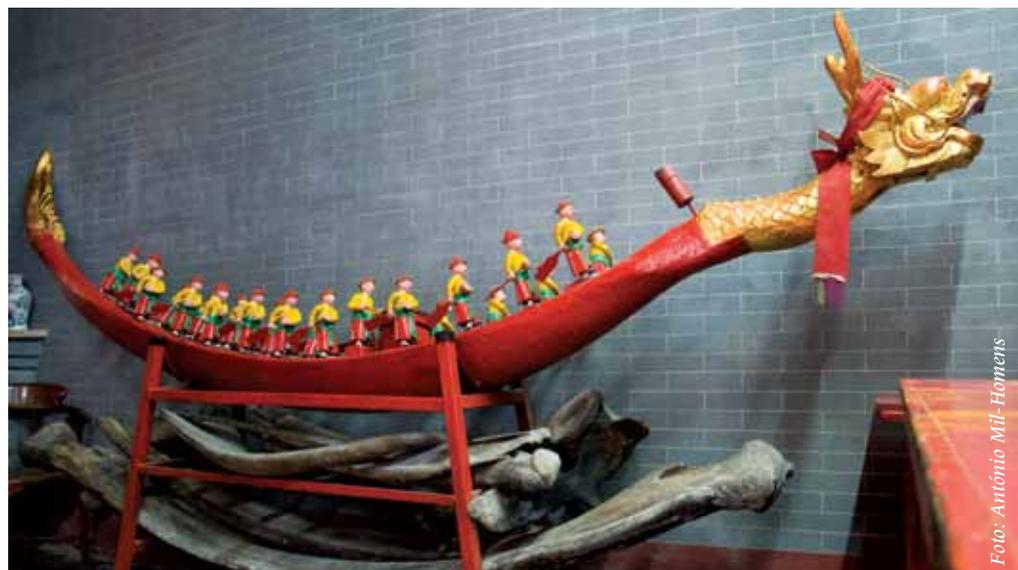


Foto: António Mil-Homens

Este templo de pescadores data da segunda metade do século XIX, pensa-se que de 1862. Tem um altar principal com a imagem de Tam Kong, venerado pelos pescadores que frequentam as águas e o porto de pesca da ilha de Coloane, e outros dois que o ladeiam. No interior da capela, a oferenda dos pescadores à divindade na altura da inauguração do templo faz a alegria dos visitantes. Um osso de baleia de 120 cm de comprimento, esculpido em forma de barco-dragão. Para os pescadores é um amuleto protector. O que mais marca o templo de Tam Kung, em Coloane, a ilha mais afastada de Macau e a única a ainda manter extensos espaços verdes, é um modelo de um barco dragão feito a partir de um osso de baleia, que, no interior, faz as maravilhas dos visitantes. A réplica tem 120 cm e é tripulada por homens de madeira, com roupas vermelhas e chapéus amarelos. Cheng explica que o barco tem mais de cem anos e foi feito a partir das ossadas de uma baleia que ali deu à costa. Cheng faz parte da Associação de Beneficência Quatro Pagodes que, desde 1964, toma conta deste e de outros três templos em Coloane. O de Tam Kung nada tem a ver com a sumptuosidade de outros pagodes. Só tem uma sala e dois pátios a céu aberto, que não formam divisões já que se en-

contram nas extremidades do templo. Situado à frente do rio que separa Coloane da Ilha da Montanha, o templo de Tam Kung mais é idolatrado por gentes do bairro ou pescadores que ali pedem sorte na pesca e nas correntes. É um templo humilde mas tudo o que tem foi dado pelos fiéis que continuam a velar pelo Deus-Criança. Com um sorriso nos lábios, Cheng explica que as despesas do templo são financiadas pela caridade e ofertas às divindades dos fiéis, a sua maioria moradores do bairro. No dia do aniversário de Tam Kung, a associação organiza sessões de ópera chinesa que também ajudam à manutenção do templo. Tam Kung protege os pescadores e todos os que ao mar estão ligados. Conta a crença que este deus era sempre acompanhado por um tigre quando saía de casa, e dentro do pagode de Coloane, num pequeno pátio à frente do qual Cheng montou o seu 'escritório', espregueia a imagem do animal. Noutro dos terraços deste templo encontra-se uma mesa com sete bancos. Conta a lenda que um dia a mãe de Tam Kung sonhou com uma mesa redonda e sete bancos, todos em ouro. Ao acordar, correu ao local, onde hoje está o pagode, e nada encontrou. Tam Kung mandou então construir aí a mesa e as sete cadeiras em pedra, para consolar a mãe. ■

TEMPLO DE TOU TEI

É dedicado a Tou Tei, o deus da Terra, divindade que protege os moradores da cidade. Escondido entre as movimentadas ruas da cidade, nem se dá por ele, não fosse o olho mais experiente procurar a fonte do cheiro acre do incenso que invade a rua. Há quem diga que este é dos mais antigos templos do território. O Templo de Tou Tei é mais conhecido como o templo de Mitra. Está situado ao lado da Rua do Campo, a artéria do comércio de Macau. Este pagode é um dos muitos templos de bairro que existem em Macau, sendo só composto por uma pequena divisão dedicada ao Deus da Terra. No dia do aniversário da divindade, o templo de Mitra enche-se de fiéis que vêm prestar os seus respeitos assim como ver a ópera chinesa que ali é realizada, em honra à divindade. Kok vende pato lacado numa tasquita mesmo em frente do templo. Há 20 anos que ali tem a venda e não está nada arrependida de estar perto do Deus da Terra. No dia do aniversário da divindade, há ali danças do leão e ópera chinesa, juntando curiosos, devotos, turistas e amantes da arte. Juntam-se à volta do templo e do pato lacado. Kok nasceu na China, chegando a Macau para casar. Hoje, já se sente desta terra e se, ao lado do pagode fez a sua vida, não foi para estar perto do Deus Terra, mas para se aproximar do que a terra dá. “Tenho aqui a loja por estar próximo do mercado, mas é bom estar ao pé do templo, dá-me sorte. Às vezes vou lá pedir saúde”. O velho que está sentado à porta do templo já conhece bem Kok. É o responsável pelo templo há mais de 20 anos. Em todos os nichos, vielas, bairros de Macau há um pequeno templo, com divindades que zelam pela vizinhança. São os devotos que velam pelos pequenos pagodes, que tratam de oferecer fruta às divindades ou queimar incensos em sua honra. Mas os pagodes não se limitam às vias públicas, já que até à porta de certos apartamentos de Macau se encontram pequenos altares onde os devotos deixam o incenso a queimar e não há estabelecimento comercial mais tradicional que não tenha o seu altar com oferendas, para que as divindades não cessem de lhes dar sustento. ■





Foto: António Mil-Homens

Rui Rocha



○ Ano do Búfalo

A chuva clara inunda as terras altas
Onde um homem com uma capa de palha
Ainda lavra à meia-noite
Ele e o seu búfalo estão exaustos,
Mas a oriente não parece haver sinais do nascer do dia

Cui Daorong, dinastia Tang (618-907)



No ciclo zodiacal chinês, quatro dos signos que o integram são traduzidos, na literatura não chinesa, por diferentes nomes: Lebre ou Coelho; Cabra ou Carneiro; Javali ou Porco; e Búfalo ou Boi, enquanto que a literatura chinesa atribui indistintamente o mesmo carácter aos membros afins da respectiva espécie. A opção por qualquer das denominações ocidentais desses quatro signos podendo parecer uma questão aparentemente irrelevante não o é porque o recorte “personalístico” de cada um dos animais em confronto, ainda que aparentados, pode revelar dife-

renças significativas, como tivemos oportunidade de evidenciar no nosso artigo *A Lebre, a Mítica Habitante da Lua* (II série, nº 82, Fev. 99).

Concretamente no que respeita ao Búfalo, o carácter chinês 牛 (*niú*) é indistintamente utilizado para designar a maior parte dos membros da subfamília dos bóvidos como o boi, a vaca, o touro, o búfalo de água, assim como parentes asiáticos menores.

Mas há razões históricas e culturais chinesas que nos levam a acreditar que a escolha do animal que melhor representa o

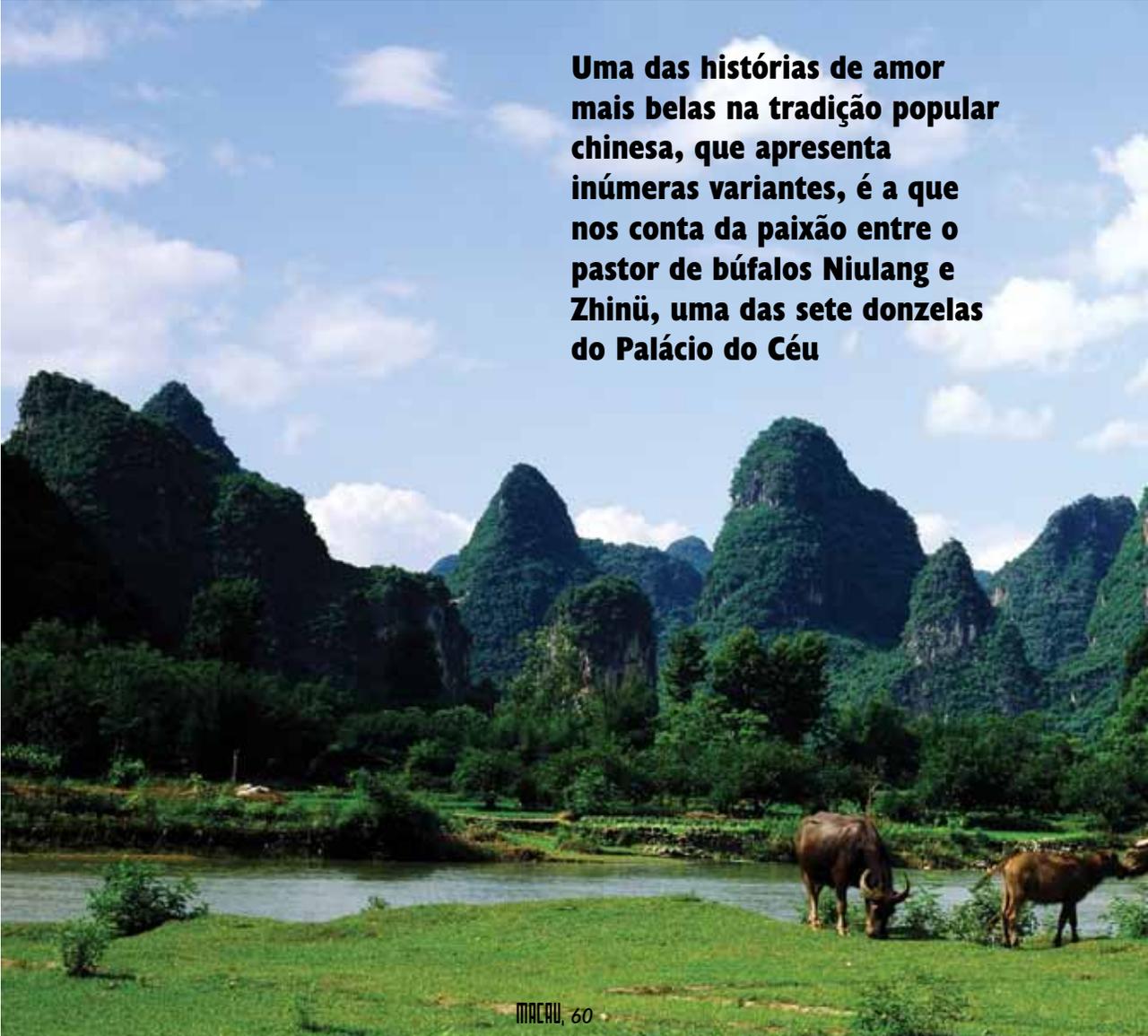
signo Lunar Chinês do ano 4706-4707, e que no calendário gregoriano se inicia a 26 de Janeiro de 2009, é o Búfalo de Água que, de resto, é adoptado também no ciclo zodiacal vietnamita.

Quem viaja pela China e pelo Sudeste asiático rurais retém facilmente, ainda hoje, a imagem tranquila, pacífica e paciente do Búfalo de Água imerso no lamaçal das margens dos campos de arroz.

O Búfalo de Água teve, e tem ainda, um papel decisivo como colaborador directo dos seres humanos nos mais árduos trabalhos agrícolas na China e em vastas regiões rurais da Ásia, da mesma forma que o cavalo e o boi tiveram no Ocidente. A cultura chinesa reconhece na sua tradição

popular este valioso contributo do Búfalo de Água, ao longo dos séculos, para a sobrevivência dos seres humanos, prestando-lhe a justa homenagem em eventos e manifestações culturais mais diversas.

Valerá a pena visionar o filme do violinista americano Robert Thompson, *4 Generations: The Water Buffalo Movie*, disponível no site http://www.t2.com/waterbuffalo/watch/water_buffalo_flash_hi.html, para se compreender a importância económica, ainda hoje, do Búfalo de Água nas recônditas comunidades rurais da China muito pouco conhecidas da maioria das pessoas. O Búfalo de Água será, porventura, também, entre todos os animais representados no ciclo zodiacal chinês, o animal mais di-



Uma das histórias de amor mais belas na tradição popular chinesa, que apresenta inúmeras variantes, é a que nos conta da paixão entre o pastor de búfalos Niulang e Zhinü, uma das sete donzelas do Palácio do Céu

rectamente relacionado com a história e a arte da China.

Vestígios arqueológicos, encontrados a sul da foz do rio Yangtze na província de Zhejiang, comprovam a utilização do Búfalo de Água (*Bubalus bubalus*) nos trabalhos agrícolas desde há 6000-7000 anos, embora alguns paleontólogos defendam que tais vestígios possam pertencer a uma espécie diferente do Pleistoceno, o *Bubalus mephistopheles*, já encontrado também em escavações na província de Henan.

Convém recordar a este propósito que os mais antigos registos de caracteres chineses escritos, datados do ano 1300 a.C. da dinastia Shang, foram encontrados em ossos (骨gǔ) de búfalos e carapaças (甲jiǎ)

de tartarugas, escrita esta que se passou a designar de 甲骨文 jiǎgǔwén. É naquela dinastia e na dinastia seguinte, a dinastia Zhou (1100 – 256 a.C.), que o Búfalo se torna um dos temas favoritos de adorno nos vasos de bronze.

O Búfalo de Água está intimamente ligado à cultura popular e aos ritos rurais da Primavera, nomeadamente à festividade de celebração da chegada desta estação e ao culto da fertilidade, designada de 立春 Lìchūn, que corresponde no calendário lunar ao 15º dia do 1º mês do Ano Novo Chinês. No Primeiro Encontro Nacional de Agricultura e Florestas que teve lugar na capital de Chungking (actual Chongqing), no dia 12 de Março de 1941, o Executivo





Pintura da Dinastia Tang

Yuan da República da China decretou o 4º dia do mês de Fevereiro do calendário solar, como o feriado dos agricultores.

Embora não sendo um feriado oficial, é um feriado dos trabalhadores rurais em muitas regiões da China. É nesta festividade que encontramos as figuras de búfalos da Primavera (春牛 chūnniú), feitas de argila ou de papel colorido, estas últimas recheadas com cinco diferentes tipos de sementes, e que se destinam a ser batidas com pequenas varas para estimular o renascimento da Primavera em toda a sua pujança e das boas colheitas. A tradição diz que se devem bater seis vezes nas figuras e ir-se dizendo: *Com a primeira vem o tempo favorável e no momento certo; com a segunda vem a terra fértil e as chuvas tépidas; com a terceira vem um pacífico começo do novo ano; com a quarta vem a paz através das quatro estações; com a quinta vem a boa colheita das cinco sementes; com a sexta chega a Primavera às Seis Unidades ou ao Universo.*

O culto do Búfalo de Água ou dos seus familiares bovídeos encontra-se em muitas civilizações e tradições populares da Antiguidade tais como na Babilónia, no Egipto, no vale do Indo, na Grécia, em Roma, na Índia, bem como entre os Fenícios, os Celtas, os Assírios, os Hititas e outros, e sempre associado ao culto da fecundidade e do renascimento da Primavera, fenómenos tão vitais a sociedades totalmente dependentes da agricultura.

Na Índia, onde os bovídeos são objecto de protecção e de culto, o deus Shiva, que representa, na trindade Hindu, o eterno ciclo da destruição e da (re)criação, tem como montada o touro branco sagrado Nandi. Também o deus Krishna, a figura principal da épica, poética e sagrada escritura hindu, o *Bhagavad Gita* (literalmente em sânscrito, “A Canção de Deus”), é frequentemente representado em companhia de touros ou vacas, tocando uma flauta, conotando-o com Govinda, o Su-



Imortal Taoísta Su Xiangong, pintura de Ren Xiong

premo Ser ou Divino Pastor.

Na tradição popular chinesa, com as suas histórias e lendas, o Búfalo está muitas vezes associado à água e aos rios.

Muitos locais na China usam o carácter 牛 (niú) nos seus nomes, pois estiveram de um modo ou de outro relacionados com os búfalos de água e cada um tem a sua própria história ou lenda, como, por exemplo, o desfiladeiro Huangniu (literalmente, Búfalo Amarelo), no rio Yangtze. Conta-se que este desfiladeiro terá sido construído pelo imperador Yu, o Grande, fundador da dinastia Xia (2200-1750 a.C.), tendo recebido uma importante ajuda de um búfalo amarelo não apenas neste empreendimento mas também na regulação dos rios e dos cursos de água na China.

Uma das histórias de amor mais belas na tradição popular chinesa, que apresenta inúmeras variantes, é a que nos conta da paixão entre o pastor de búfalos Niulang e Zhinü, uma das sete donzelas do Palá-



Bronze da Dinastia Han ocidental (202 A.C.-8)

cio do Céu. Tendo descido à Terra, na sua curiosidade de jovem, para ver como era, Zhinü encontrou Niulang, um humilde e pobre pastor. Apaixonou-se por ele, casou-se, teve dois filhos e vivia uma vida feliz.

Um dia um velho búfalo já moribundo e às portas da morte informou o casal de que a sua pele permitia um homem voar até ao mais recôndito lugar do Céu. Pedeu, por isso, que após a sua morte a guardassem cuidadosamente.

Zhinü, ao descer à Terra, violara uma importante regra do Palácio. Ao darem conta do seu desaparecimento do Palácio do Céu, a Rainha-Mãe do Céu, sua avó, desceu à Terra com os seus soldados e levou-a de volta para o Palácio.

Ao regressar do campo, Niulang encontrou os dois filhos a chorar. Interpelados pelo pai, estes disseram-lhe que uma senhora idosa tinha levado a sua mãe para o céu. O pastor lembrou-se, de imediato, do que o velho búfalo que havia dito. Colocou os

dois filhos em dois cestos, carregou-os nos ombros, vestiu a pele mágica e voou em direcção ao céu. A sua velocidade permitiu ainda aproximar-se da sua mulher. Quando estava prestes a agarrá-la para a trazer de volta à Terra, a Rainha-Mãe, com um gancho de cabelo, riscou o céu traçando uma linha branca entre os dois. Um caudaloso rio nasceu, separando-os definitivamente, ficando cada um na sua margem. A Rainha-Mãe desafiou, então, Niulong a atravessar o rio para se juntar à mulher amada.

A Fénix (Fenghuang), que reina sobre todas as aves, comovida por tão verdadeiro amor, ordenou a todas as pegas azuis do mundo que se reunissem e formassem uma ponte entre as duas margens do rio, permitindo assim que os amantes se reencontrassem. Daí a expressão chinesa *encontrar-se na ponte das pegas azuis*. A Rainha-Mãe ao ver isso aceitou relutantemente que o casal se reencontrasse uma vez por ano, fixando o 7º dia do 7º mês de cada ano do calendário lunar chinês para tal reencontro. Nos restantes dias do ano, Niulong pastava os seus búfalos e cuidava dos seus dois filhos numa das margens do rio e Zhinü tecia no outro lado do rio. Diz a tradição que esta história está escrita no Céu, pois se contemplarmos a noite escura do 7º dia do 7º mês lunar veremos no céu a estrela Altair (Niulong), com os seus filhos próximos (as estrelas Beta Aquilae e Gamma Aquilae), e a estrela Vega (Zhinü) olhando-se em cada margem do rio branco e largo, que não é senão a Via Láctea.

O auspicioso duplo 7 (七夕 Qīxī, “a noite dos setes”) é afinal a versão oriental do dia de São Valentim para os amantes chineses. Neste dia costuma-se dizer que não é fácil encontrar pegas azuis porque estão todas a tecer a ponte entre as duas margens do rio. Diz-se também que se nessa noite chover, são as lágrimas de felicidade do reencontro do casal.

Esta festividade chamada na China de 乞巧节 Qǐqiǎo Jié ou de 七夕乞巧节 Qīxī Qǐqiǎo Jié, uma festa dedicada às jovens para demonstrar as suas prendadas qualidades, é também conhecida na Coreia como *Chil-*

seok e por *Tanabata-Sama* no Japão. Na Coreia celebra-se o reencontro de Jingnyeo (Vega) com Gyeonu (Altair) e no Japão de Orihime (Vega) e de Hikoboshi (Altair).

Um outro aspecto muito interessante referente ao Búfalo de Água é a inclusão frequente da sua imagem na iconografia Taoísta e budista Zen.

Segundo a tradição Taoísta, Laozi terá atravessado o desfiladeiro Hangu para Oeste, na província de Henan, montado num búfalo de água. E terá sido na companhia deste venerando animal que Laozi redigiu o famoso livro clássico chinês da Via e da Virtude, o *Dàodéjīng* ou *Tao Te King* (道德經). Esta lenda ou história oral entre os Taoístas levou a que muitos devotos do Taoísmo utilizassem o búfalo de água como meio de transporte na tentativa de imitar Laozi. É o caso do monge taoísta Feng Juda que se terá deslocado à montanha Niaoshu, na província de Gansu, quando jovem, para aprender os ensinamentos da doutrina Taoísta. Regressou à sua terra natal, cem anos depois, montado num búfalo preto, ficando conhecido como o Monge Taoísta que Monta um Búfalo Preto.

Também no Japão o Búfalo de Água é muitas vezes associado à árvore do pessegueiro e utilizado como símbolo do Budismo Zen.

Nas *101 Histórias Zen*, compiladas por Paul Reys, (trad. port. de *Zen Flesh, Zen Bons*, Pelican Book, 1971) foi incluído um capítulo com dez ilustrações de pastoreio de búfalos do mestre chinês Juefan Huihong (em jap. Kakuan, 1071-1128). O mesmo tema foi adoptado por outros mestres Zen: Fumyo com dez ilustrações de pastoreio de búfalos; Jitoku com seis ilustrações de pastoreio de búfalos; e um monge desconhecido, também com dez ilustrações de pastoreio de búfalos brancos. Todas estas ilustrações tentam explicar o espírito do treino Zen e o resultado espiritual esperado com esse treino. Aqui o Búfalo representa o eterno princípio da vida, a autenticidade na acção e cada uma das ilustrações é um passo sequente na realização da verdadeira natureza de cada um.

O Búfalo de Água tornou-se, assim, para o Zen, tal como para o Taoísmo, um símbolo

Na tradição popular chinesa, com as suas histórias e lendas, o Búfalo está muitas vezes associado à água e aos rios

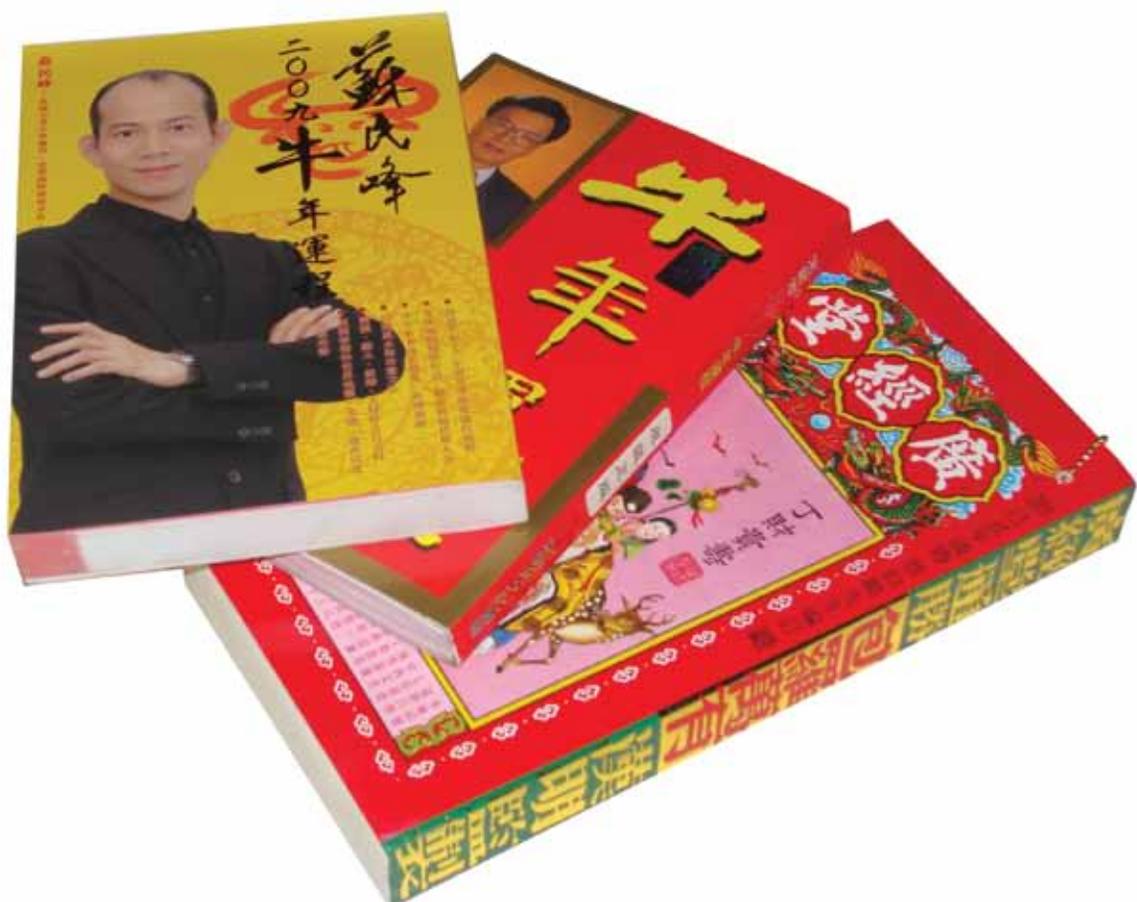


de quietude, de tranquilidade, de força, de generosidade, de mestria da natureza humana e de aprendizagem contemplativa.

初生牛犊不怕虎 *Um vitelo recém-nascido não tem medo do tigre.* É um ditado comum na China que quer significar que um jovem com elevadas ambições mostra, tal como o tigre, muita força e muita coragem para enfrentar as dificuldades. É também utilizado para descrever as crianças nascidas no ano do Búfalo, predizendo-lhes um fu-

turo brilhante, designadamente em actividades que impliquem uma grande destreza manual como, por exemplo, a cirurgia. Embora os indicadores económicos e financeiros apontem para um ano de 2009 difícil, o Ano do Búfalo é geralmente considerado como um bom ano desde que as dificuldades sejam ultrapassadas com esforço, perseverança e vontade de mudar. Algo semelhante ao “Yes, We Can!” de Barack Obama. ■

Uma questão de tempo



Seria curioso estudar o fenómeno dos almanaques chineses publicados anualmente no Sul da China. Um deles é, digamos assim, o autêntico, o Tong Shu (mais conhecido como Tong Shing), que tem algumas versões diferentes, mas todas elas reproduzem basicamente o mesmo conteúdo.

Uma das componentes do Tong Shu são informações de carácter prático, à semelhança do que acontece com os almanaques publicados em quase todo o mundo. A outra componente, que é a parte essencial do livro, diz respeito a indicações astrológicas referentes ao período de um ano.

Ao tentarem perceber o universo e, mais concretamente, o chamado mundo sublunar (que é o que se situa imediatamente abaixo da esfera de rotação da Lua, no esquema cosmológico geocêntrico), os antigos filósofos gregos, preocuparam-se sobretudo com a composição elementar de tudo o que existe. Daí terem chegado, após séculos de reflexão, aos quatro elementos (O Fogo, o Ar, a Água e a Terra) e às quatro qualidades primordiais (o frio, o quente, o seco e o húmido) de Platão e Aristóteles. Apesar de ter havido ensaios, nomeadamente entre os filósofos pré-socráticos, sobre uma possível ordem de su-

cessão e de transformação dos elementos uns nos outros, o que acabou por prevalecer foi o conceito dos elementos enquanto componentes essenciais e indivisíveis da matéria. A título de exemplo, a preocupação de Hipócrates, um dos fundadores da medicina ocidental, com os efeitos das quatro estações sobre os indivíduos não teve continuidade.

O espírito grego clássico, que ainda hoje domina a ciência e a filosofia no Ocidente, privilegia a função activa da inteligência, que, para compreender a realidade, decompõe-na segundo critérios criados pela própria inteligência.

Na filosofia tradicional chinesa, pelo contrário, a inteligência procura observar a realidade em toda a sua integridade, como os actuais sinólogos têm demonstrado.

Assim, os filósofos chineses, observadores argutos da realidade, preferiram que esta se revelasse por si própria sem tentarem impor-lhe critérios. Observando uma montanha, constataram o seu lado escuro e o seu lado soalheiro. É o *yin* e o *yang*, o começo de tudo. Ao mesmo tempo, a realidade transforma-se ciclicamente ao ritmo das quatro estações. Por isso, estas constituem um paradigma do processo da transformação. O ritmo sazonal não pode ser ignorado pelo Homem, sob pena de se cometerem erros. E aqui a filosofia chinesa e a Bíblia encontram-se: “Todas as coisas têm o seu tempo, e tudo o que existe debaixo dos céus tem a sua hora”.

Foi devido a esta preocupação com a descoberta dos tempos certos para as acções que os Chineses desenvolveram diversos sistemas para a descoberta dos “tempos auspiciosos” para os diversos tipos de actividade. A multiplicidade desses sistemas foi tal que o imperador Qian Long (1736-1795) encarregou um grupo de sábios de organizarem um sistema unificado, que é o que ainda hoje é seguido no Tong Shu. Apesar da natural tentação de se ver o almanaque chinês como uma mera crença popular, ele é, na verdade, sustentado por todo um trabalho de reflexão filosófica e de compreensão da realidade.

Os Chineses preocuparam-se mais com a harmonização das suas próprias acções com os ritmos naturais. Preferiram olhar a realidade tal como ela é (ou melhor, tal como ela própria se apresenta), sem tentar decompô-la. Ao passo que no Ocidente primeiro estabeleceram-se os princípios metafísicos e, num segundo passo, procurou-se analisar a realidade à luz desses mesmos princípios.

O Tong Shu ainda goza de um merecido prestígio e tem o seu lugar garantido num pedestal próprio. É insubstituível e, por isso, continua a ser reeditado anualmente. Paralelamente, têm vindo a surgir nas últimas décadas, em número crescente, versões mais populares do Tong Shu, em que o conteúdo principal são as previsões para os 12 signos, à semelhança do que se faz no Ocidente com os 12 signos da astrologia ocidental. Diga-se de passagem que os 12 signos astrológicos não são mencionados no Tong Shu, que apenas se refere aos 12 ramos terrestres (cada ramo terrestre corresponde a um signo).

O tempo é pois uma preocupação central da tradição chinesa. Mas o espaço tem o seu lugar próprio, e igualmente desenvolvido, noutra tradição, o *feng shui*, que nos dias de hoje conhece no Ocidente uma divulgação sem precedente.

Ao contrário do que muitos (incluindo chineses) pensam, o ano astrológico chinês não começa no dia da festividade do ano novo lunar. É que os astrólogos não seguem o calendário lunar, baseado nas lunações, mas sim um calendário solar, o Calendário do Agricultor, que se diz ter sido criado na longínqua dinastia Xia. Segundo esse calendário, o ano começa no dia 4 de Fevereiro, dia do Li Chun (isto é, do estabelecimento da Primavera). Nesse mesmo dia começa o mês do Tigre.

O ano que começa a 4 de Fevereiro de 2009 é definido pelo caule celeste *ji* (que corresponde ao elemento Terra na modalidade *yin*) e pelo ramo terrestre *chou* (que corresponde ao signo do Búfalo, que, por natureza, também pertence ao elemento Terra). Trata-se pois de um ano *ji-chou*, do signo do Búfalo e do elemento Terra. ■



RATO

Uma mão cheia de boas notícias

1924, 1936, 1948, 1960, 1972, 1984 e 1996

Todos os anos há um signo que se “casa” com o signo dominante do ano. Neste caso concreto, é o Rato que se “casa” com o Búfalo, sendo por isso um dos signos mais privilegiados de 2009.

A relação especial entre os dois signos sugere a probabilidade de os nativos do Rato virem a encontrar, ao longo do ano, pessoas e situações que os completam. Deste ponto de vista, 2009 será um ano de “casamento”, isto é, de parceria e complementaridade. Daí a sensação de que se estar num “ano de sorte”.

Se o ano lunar que agora termina (dominado pelo próprio signo do Rato) pode ter tido alguma instabilidade e alguma indefinição, o ano do Búfalo trará tempos de maior estabilidade e uma mão cheia de boas notícias.

AMOR ★★★★★

O seu “magnetismo” pessoal andar­á acima da média. Será mais fácil iniciar novos relacionamentos e consolidar antigos. O amor estará protegido por “estrelas” favoráveis. No mínimo, haverá estabilidade.

TRABALHO ★★★★★

Aqui também a sua capacidade de bom relacionamento com os outros será decisiva. Surgirão oportunidades, como que atraídas por um íman oculto. Facilmente terão uma vida confortável. E esse será o seu ponto fraco, pois a facilidade induz o comodismo e a falta de empenho na conquista de novos êxitos.

DINHEIRO ★★★★★

Poderá ser fácil ganhar dinheiro, sobretudo para os que se dedicam aos negócios ou os que ganham em função do que produzem. Em todo o caso, há condições para a estabilidade e a acumulação de fortuna.

SAÚDE ★★★★★

Há alguma contradição nos prognósticos dos almanaques em relação a este aspecto da vida. Mas atendendo ao tom positivo do ano, não é de esperar que a saúde esteja vulnerável.

Cores favoráveis: verde, castanho e amarelo

Direções favoráveis: noroeste, nordeste e sudeste

Números da sorte: 1 e 6.

| | | | | | | | | | | | | | |
|---|-----------|---|---------|---|----------|---|----------|---|--------------|---|-------|---|--------|
| ☒ | FEVEREIRO | ☐ | MARÇO | ☒ | ABRIL | ☐ | MAIO | ☐ | JUNHO | ☐ | JULHO | ☒ | AGOSTO |
| ☐ | SETEMBRO | ☒ | OUTUBRO | ☒ | NOVEMBRO | ☐ | DEZEMBRO | ☒ | JANEIRO 2008 | | | | |



BÚFALO

Quanto mais devagar, mais depressa

1925, 1937, 1949, 1961, 1973, 1985 e 1997

Embora nos livros publicados no Ocidente se pense que a repetição do signo do ano de nascimento é um bom sinal, os astrólogos chineses encaram essa ocorrência de uma maneira menos optimista. Será um ano importante, é certo, mas o caminho para alcançar o que se pretende pode ser acidentado. Os Búfalos devem, pois, adoptar uma estratégia de vida mais defensiva do que ofensiva. Devem de preferência manter-se no mesmo emprego e esconder os seus trunfos, não se apressando e dando tempo ao tempo, para que as questões se resolvam na altura adequada e de forma natural. A faceta mais vulnerável da sua vida será a psicológica. Poderão encarar os problemas da vida de uma forma pessimista, exagerando a possibilidade de tudo correr pelo pior. Contrapondo essa predisposição, devem olhar tudo com uma grande objectividade e acreditar na sua capacidade de conseguir encontrar as melhores soluções em cada situação. Se souberem ser sábios, a sua intuição será certa e útil.

AMOR ★★

Os prognósticos não são necessariamente negativos nesta área. A preocupação manifestada pelos astrólogos tem a ver com a possibilidade de um estado psicológico negativo ou quezilento poder gerar problemas que, de outra forma, não existiriam.

TRABALHO ★★★★★

Esta é a área em que mais facilmente os Búfalos conseguirão resultados positivos. Desde que caminhem com uma sábia lentidão, que sabe esperar com uma paciência invencível.

DINHEIRO ★★★★★

Os almanaques não se entendem a este respeito. Uns prognosticam dificuldades, enquanto outros prognosticam a ajuda dos chamados *gui ren* (pessoas que entram nas nossas vidas transmitindo-nos “energias” positivas e protegendo-nos).

SAÚDE ★★★★★

Devem esforçar-se por levar uma vida regrada e saudável.

Cores favoráveis: castanho, amarelo e verde

Direções favoráveis: sul, noroeste e sudeste

Números da sorte: 3 e 5.





TIGRE

Um encanto felino

1926, 1938, 1950, 1962, 1974, 1986 e 1998

O amor e o dinheiro são duas áreas particularmente beneficiadas pelas “influências” do ano. A “estrela” mais importante é a Fénix Vermelha, famosa pela sua simbologia favorável ao relacionamento com os outros, em particular no amor.

A presença de “estrelas” favoráveis não é contudo uma garantia de que tudo correrá bem. Dois cuidados que deverão ter: por um lado, evitar a dispersão de energias e que o aumento do brilho pessoal acabe por criar mais problemas do que êxitos; por outro lado, terão de se esforçar para tirar proveito das oportunidades. Segundo a tradição, a Madeira controla a Terra. Ou seja, a energia do Tigre tende a controlar a do Búfalo, o que significa um movimento semelhante ao de um felino atacando a sua presa. Os objectivos devem ser claramente definidos – só então o sucesso estará garantido.

AMOR ★★★★★

Graças à Fénix Vermelha, os nascidos no ano do Tigre andarão mais atraentes do que o habitual. Não precisarão de fazer qualquer esforço para que as suas personalidades tenham um impacto sobre as outras pessoas. Os solteiros poderão iniciar uma nova relação. E, na família, poderá haver boas notícias.

TRABALHO ★★★★★

Uma segunda estrela simbólica, O Sol, surge a fazer desaparecer todos os problemas que entretanto surgirem. Mas isso não será suficiente para o sucesso. Os Tigres terão de se esforçar para obterem resultados concretos. Um dos seus grandes trunfos será a facilidade no relacionamento com outras pessoas.

DINHEIRO ★★★★★

Surgirão oportunidades para aumentar as receitas ou fazer bons negócios. Mas, de acordo com alguns almanaques, haverá predisposição para alguma indisciplina nos gastos ou então os Tigres serão forçados a gastos imprevistos.

SAÚDE ★★

Poderá haver mais preocupações infundadas com a saúde do que problemas reais, dizem os almanaques.

Cores favoráveis: preto, verde e castanho

Direcções favoráveis: sul, nordeste e noroeste

Números da sorte: 1 e 7

| | | | | | | |
|--------------|-----------|------------|------------|----------------|---------|----------|
| ■ FEVEIREIRO | ⊕ MARÇO | ▬ ABRIL | ⊕ MAIO | ▬ JUNHO | ■ JULHO | ▬ AGOSTO |
| ⊕ SETEMBRO | ▬ OUTUBRO | ■ NOVEMBRO | ⊕ DEZEMBRO | ■ JANEIRO 2008 | | |



COELHO

Não deixar a toca

1927, 1939, 1951, 1963, 1975, 1987 e 1999

Os almanaques não alimentam grandes expectativas para este ano. Dizem eles que os Coelhos terão no seu caminho muitas “estrelas” negativas, sem o contrapeso das “estrelas” positivas.

Quer isto dizer que lhes serão impossíveis o êxito e a felicidade? Não. Os astrólogos chineses explicam que isso significa apenas que os nascidos no ano do Coelho não devem, de todo, contar com a ajuda da sorte. Pelo contrário, devem acreditar apenas nas suas próprias forças e, sobretudo, na sua intuição, que é dos seus maiores trunfos.

A estratégia recomendada é a de não se mostrarem muito e se protegerem. Só devem abandonar as suas “tocas” para espreitar em busca de uma oportunidade que possa aparecer, voltando de novo à base, mal a missão esteja cumprida.

AMOR ★

Será a área menos beneficiada. No mínimo será um ano em que nada acontecerá; mas poderá ser um tempo de reais dificuldades e acontecimentos muito difíceis de prever e de controlar. Os astrólogos recomendam uma estratégia meramente defensiva, com todas as energias concentradas na resolução de problemas.

TRABALHO ★★

Devem estar atentos à evolução dos acontecimentos, esperando para ver se há alguma oportunidade a ser aproveitada.

De resto, este não é um ano para tentar mudar ou tentar alguma coisa. O mais importante é conservar e consolidar o que já se tem.

DINHEIRO ★★★

Tudo o que conseguirem resultará do seu próprio mérito, ou seja, da sua inteligência e do seu esforço. Não é a melhor altura para investimentos.

SAÚDE ★★★★

De acordo com os almanaques, este será o aspecto mais positivo. Conservar a boa saúde será uma das tarefas a que os Coelhos devem dedicar maior atenção – será, certamente, um bom investimento para o futuro.

Cores favoráveis: vermelho, castanho e amarelo

Direções favoráveis: sul, noroeste e este

Números da sorte: 6 e 8





DRAGÃO

Dragões em terra

1928, 1940, 1952, 1964, 1976, 1988 e 2000

Diz-se que os dragões são destinados a voar, isto é, irem ao encontro das nuvens da imaginação e do sonho, que transformarão em realidade. Ora, as potencialidades deste ano são, de acordo com os almanaques chineses, apenas médias ou ligeiramente positivas, o que é manifestamente pouco para as exigências dos nascidos no ano do Dragão. Daí a possibilidade de um sentimento de frustração, que poderá emergir por diversas vezes ao longo do ano.

Por outro lado, diz um dos almanaques, o Dragão “deve estar preparado para a chuva e o vento” que surgirão sem aviso. Isto é, terão de concentrar as suas energias e a sua criatividade na resolução de pequenos problemas, em vez de investirem esses mesmos meios na concretização de grandes sonhos.

Numa palavra, o melhor caminho será os Dragões aproveitarem este ano do Búfalo para se prepararem para “voos” futuros, enquanto gerem, da melhor maneira possível o dia-a-dia.

AMOR ★★

Esta área da vida poderá ser confusa. Os seus sentimentos nem sempre serão correspondidos, ao mesmo tempo que eles próprios não corresponderão aos sentimentos de outras pessoas.

Os solteiros terão uma vida mais complicada. Ao passo que os casados (e envolvidos em relações estáveis) devem dirigir as suas energias no sentido da consolidação das relações existentes, evitando ou dissolvendo os conflitos.

TRABALHO ★★★★★

Um ano misto ou ligeiramente positivo neste campo. Pode ser um ano cansativo em que, muitas vezes, os esforços feitos pelos Dragões acabam por beneficiar outras pessoas. No entanto, alguns almanaques prognosticam um tempo de sucesso confortável, apesar de se tratar de um ano de relativa pausa no progresso.

DINHEIRO ★★

Haverá entradas de dinheiro e a vida será confortável. O ponto fraco serão as despesas, que poderão aumentar inesperadamente. Devem evitar fazer investimentos.

SAÚDE ★★

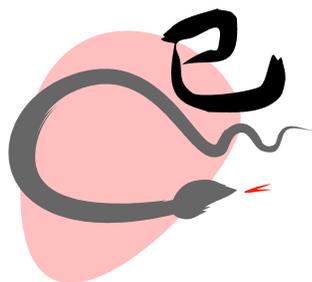
As indicações são mais negativas do que positivas. Devem por isso dedicar à sua saúde a atenção que ela realmente merece.

Cores favoráveis: amarelo, vermelho e castanho

Direções favoráveis: sul, noroeste e este

Números da sorte: 6 e 8

| | | | | | | | | | | | | | |
|---|-----------|---|---------|---|----------|---|----------|---|--------------|---|-------|---|--------|
| ☒ | FEVEREIRO | ☒ | MARÇO | ■ | ABRIL | ☒ | MAIO | ■ | JUNHO | ■ | JULHO | ☒ | AGOSTO |
| ☒ | SETEMBRO | ☒ | OUTUBRO | ■ | NOVEMBRO | ☒ | DEZEMBRO | ☒ | JANEIRO 2008 | | | | |



SERPENTE

Desafios estimulantes

1929, 1941, 1953, 1965, 1977, 1989 e 2001

Os almanaques caracterizam o ano da seguinte maneira: por um lado alinham-se as chamadas “estrelas negativas”, que podem trazer dissabores ou incómodos; mas, ao mesmo tempo, a Serpente e o Búfalo (que é o signo do ano) combinam-se bastante bem, e este último factor é mais importante do que o primeiro.

Por outras palavras, 2009 poderá acabar por ser um ano particularmente criativo e produtivo, uma vez que as influências negativas desempenharão uma função de estímulo perante as potencialidades positivas do ano. Os nativos da Serpente devem encarar com confiança qualquer dificuldade ou problema que surjam nas suas vidas porque o que é negativo acabará por se transformar em positivo. Qualquer tempestade transformar-se-á em bonança e sucesso.

Mas para que o ano valha, de facto, a pena, é importante que busquem activamente as oportunidades e se esforcem, no máximo, por dar passos concretos no sentido do progresso. Caso contrário, a “sorte” ficará adormecida.

AMOR ★★★★★

Um bom ano. A Serpente e o Búfalo (2009) fazem parte da mesma família zodiacal. Isso significa que, em termos astrológicos, os nativos da Serpente se sentem em casa, ou em família, e, de uma forma natural, estabelecem relações positivas com as outras pessoas. Isso beneficia particularmente a vida familiar e a vida de casal. Para os solteiros, o impacto positivo do ano é menos óbvio, embora, ainda assim, exista.

TRABALHO ★★★★★

Será fácil alcançar a estabilidade e mantê-la. É verdade que, por vezes, terão dificuldade em ver os seus talentos reconhecidos e nem sempre conseguirão contar com o apoio que julgavam garantido. Em qualquer dos casos, contudo, ser-lhes-á relativamente fácil recompor a sua situação e, mesmo, acabar por ficar numa situação melhor do que aquela em que se encontravam originalmente.

DINHEIRO ★★★★★

O dinheiro resultante do trabalho, dos bons negócios e dos bons investimentos, chegará em grande quantidade. Desde que façam o que é correcto, a sorte começará a manifestar-se.

Mas se tentarem a pura sorte, através do jogo ou de negócios arriscados, não serão bem sucedidos, dizem os almanaques.

SAÚDE ★★★★★

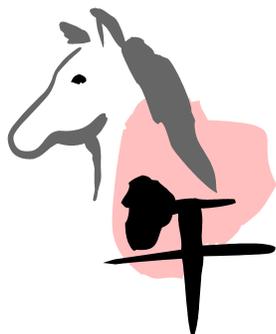
De acordo com os astrólogos, este será outro dos aspectos mais beneficiados do ano.

Cores favoráveis: azul, preto e cinzento

Direcções favoráveis: nordeste, sul e noroeste

Números da sorte: 5 e 8





CAVALO

Desafio e mudanças

1930, 1942, 1954, 1966, 1978, 1990 e 2002

No ano do Rato (2008) houve um choque entre as energias do ano e o signo do Cavalo. Em termos astrológicos, é um evento importante, que costuma manifestar-se através de mudanças significativas. Mesmo nos primeiros meses do ano do Búfalo (que começa em Fevereiro de 2009) ainda se sentirão os reflexos desse pequeno tremor de terra. Ao passo que o ano de 2009 será um tempo de ajustamentos menores e consolidação.

Os nativos do Cavalo devem sobretudo preocupar-se em melhorar a sua situação, sem no entanto alimentarem a esperança de “golpes de sorte”. Não há nenhuma relação específica entre o Cavalo e o signo do ano (Búfalo), o que quer dizer que grande parte do que acontece decorre da aplicação do livre arbítrio. Para colher algo de bom, é preciso semear adequadamente.

Segundo os almanaques, a arma secreta dos Cavalos será a presença de uma “estrela” que permite transformar adversidades em oportunidades, graças à intervenção dos gui ren (isto é, pessoas que veiculam energias positivas).

AMOR ★★★★★

No que diz respeito aos solteiros, em relação ao amor, “no news, bad news”. É o que poderá acontecer neste ano do Búfalo para os nativos do Cavalo. Ao passo que para os casados, ou envolvidos numa relação preexistente estável, “no news” pode ser de facto “good news”, sobretudo se pertencerem ao grupo dos que atravessaram um ano do Rato (2008) demasiado cheio de novidades. Apesar deste enquadramento, há almanaques que apresentam uma previsão mais optimista, partindo do princípio de que, com os nascidos sob o Cavalo, não há, por definição, anos monótonos...

TRABALHO ★★

Devem contar com um ano pobre em desafios. A sua tendência natural será a de, nesse caso, procurarem, eles mesmos, os desafios. Só que isso poderá significar, na prática, procurar problemas...

DINHEIRO ★★★★★

Neste campo, há alguma contradição entre os almanaques chineses. Por exemplo, o de Peter So diz que os nativos do Cavalo deverão aproveitar este tempo de espera representado pelo ano do Búfalo (2009) para “fazerem dinheiro”. Oportunidades não faltarão. Ao passo que o almanaque de Sung Siu Kwong diz que há a predisposição para perdas de dinheiro.

SAÚDE ★★★★★

Boas perspectivas para este aspecto da vida, desde que haja moderação na forma de viver.

Cores favoráveis: cor-de-rosa, branco e castanho

Direcções favoráveis: noroeste, sul e sudeste

Números da sorte: 2 e 3

| | | | | | | |
|-------------|-----------|------------|------------|----------------|---------|----------|
| ☒ FEVEREIRO | ☐ MARÇO | ■ ABRIL | ☐ MAIO | ☒ JUNHO | ☒ JULHO | ■ AGOSTO |
| ☐ SETEMBRO | ☒ OUTUBRO | ■ NOVEMBRO | ☐ DEZEMBRO | ■ JANEIRO 2008 | | |



CABRA

Nada ficará como dantes

1931, 1943, 1955, 1967, 1979, 1991 e 2003

Da mesma maneira que, no ano do Rato (2008), o Cavalo estava em choque com as energias do ano, assim também em 2009 (ano do Búfalo) a Cabra estará em choque com as energias do ano. Isso significa, acima de tudo, a predisposição para mudanças. Para o bem ou para o mal, nada ficará como dantes.

A ideia subjacente é a de que a situação perde a estabilidade em que se baseava. Alguma coisa mudará, dando origem a acontecimentos decorrentes dessa mudança. Isso pode dizer respeito à vida sentimental (seja uma ruptura ou o início de uma relação), à vida familiar, ao local onde se vive ou trabalha, ou à vida profissional ou financeira. O equilíbrio que existia até então perde-se, daí a sucessão de acontecimentos, até ser encontrado um novo equilíbrio, mais adaptado à nova combinação de forças. A boa notícia é a presença de uma “estrela” que pode ajudar a transformar os problemas em situações positivas.

AMOR ★★

Esta uma das áreas em que o ambiente de mudanças se poderá manifestar. É mais problemático para relações previamente existentes e aparentemente consolidadas. Para os que têm atravessado um período de solidão, é maior a probabilidade de o “choque de energias” funcionar pela positiva, traduzindo-se no início de uma nova relação.

TRABALHO ★★★★★

O lado negativo é a predisposição para conflitos. Estes devem, no entanto, ser evitados a todo o custo. O lado positivo dirá respeito, sobretudo, aos nativos da Cabra que têm vindo a fazer, nos últimos anos, uma “travessia no deserto”. Se é esse o seu caso, encare o seu futuro com optimismo – é grande a probabilidade de haver boas notícias. Possível início de uma nova actividade.

DINHEIRO ★

Mesmo que se esforcem por economizar, podem ser obrigados pelas circunstâncias a gastos inesperados. Em qualquer dos casos tenderá a ser difícil controlar o dinheiro. Ou seja, quanto mais prudência e menos riscos, melhor. Não é a melhor altura para investir.

SAÚDE ★★

As previsões dos almanaques têm um tom mais negativo do que positivo. Mas os eventuais efeitos sobre a saúde decorrem em grande parte do ambiente de tensão que tende a acompanhar o ano.

Cores favoráveis: azul, preto e branco

Direções favoráveis: noroeste, sul e sudeste

Números da sorte: 3 e 9





MACACO

No centro do palco

1932, 1944, 1956, 1968, 1980, 1992 e 2004

De acordo com os almanques chineses, os nativos do Macaco podem contar, durante este ano do Búfalo (2009), com o apoio de diversas e poderosas “estrelas favoráveis”, que fazem com que este seja dos signos mais beneficiados do ano.

Os nascidos sob este signo tendem a ser pessoas interessantes, ou, pelo menos, mais interessantes do que a média. Por isso o seu sucesso está muito relacionado com a capacidade de impressionar os outros e, daí, o carisma que tende a rodeá-los. A presença das boas “estrelas” significa que aparecerão diversas oportunidades para os nativos do Macaco brilharem. No campo das relações com as outras pessoas, pode dizer-se que o seu encanto estará no ponto máximo.

Há que ter em conta ainda que a circulação de *qi* (a energia universal) se faz no sentido do Búfalo para o Macaco. Isto quer dizer que haverá apoios de outras pessoas e que os nativos do Macaco estarão em condições de enfrentar os desafios mais exigentes, já que estarão alimentados por uma energia poderosa.

AMOR ★★★★★

Haverá diversas oportunidades de conhecerem pessoas interessantes e iniciarem novos relacionamentos. Isso será mais significativo para os solteiros e os mais jovens. Mesmo para os casados ou estabelecidos numa relação consolidada, poderá haver boas notícias.

TRABALHO ★★★★★

A sua capacidade de influenciar as outras pessoas e induzi-las a trabalhar em cooperação consigo é um dos seus trunfos naturais, que este ano estará em evidência. Por outro lado, a sua criatividade estará no seu melhor, pelo que, dizem os almanques, a probabilidade de sucesso é grande.

DINHEIRO ★★★★★

Esta será outra das vertentes em que o ambiente de sucesso se poderá manifestar. Será um bom ano para iniciar um negócio ou fazer investimentos.

SAÚDE ★★★★★

Boas influências a este respeito, apesar de uma certa tendência para pequenos acidentes.

Cores favoráveis: azul, preto e branco

Direcções favoráveis: noroeste, sul e sudeste

Números da sorte: 1 e 8

| | | | | | | |
|-----------|---------|----------|----------|--------------|-------|--------|
| FEVEREIRO | MARÇO | ABRIL | MAIO | JUNHO | JULHO | AGOSTO |
| SETEMBRO | OUTUBRO | NOVEMBRO | DEZEMBRO | JANEIRO 2008 | | |



GALO

No poleiro

1933, 1945, 1957, 1969, 1981, 1993 e 2005

Este é um dos signos mais beneficiados pela conjuntura deste ano do Búfalo. É que o Galo pertence à mesma família do Búfalo, o que quer dizer que os nativos desse signo se sentirão em 2009 como “em família” ou “em casa”. O tom geral será de estabilidade e de solidez. Na pior das hipóteses “não acontecerá nada”, isto é, nada acontecerá que venha a pôr em causa o que de bom foi conquistado no passado. O mais provável contudo será uma história de sucessos ao longo de 2009. Seja o sucesso que ocorre espontaneamente, seja o que resulta de uma atitude activa em busca do progresso. Evite pois a preguiça e o conformismo. Qualquer esforço que seja feito pagará a dobrar. Por outro lado, há que ter em conta a circulação da energia universal *qi*, do Búfalo para o Galo (pois o elemento Terra do primeiro signo “gera” o elemento Metal do segundo). O lado bom é que isso significa protecção e uma maior capacidade de resistir às adversidades; o lado negativo é a arrogância que resulta de uma sensação de impunidade.

AMOR ★★★★★

Há uma pequena diferença de tom no que dizem os almanaques para esta área da vida. Os astrólogos mais pessimistas prognosticam um ano moderadamente negativo, em que o melhor a fazer é “ir com a corrente e não insistir”.

Porém, atendendo à boa relação entre os dois signos envolvidos, a interpretação positiva é a mais sublinhada, fazendo prever a estabilidade, a harmonia e a felicidade resultante de sentimentos correspondidos.

TRABALHO ★★★★★

O ano do Búfalo pode trazer uma promoção no emprego, um aumento salarial ou um aumento de poder real e de estatuto. Os prognósticos são portanto claramente positivos para a vida profissional, sobretudo para os que trabalham por conta própria.

DINHEIRO ★★★★★

Este é um dos signos mais beneficiados neste campo. Este ano do Búfalo trará boas oportunidades para a acumulação de fortuna. O dinheiro resultará principalmente do trabalho, mas também de investimentos acertados.

SAÚDE ★★★★★

Os prognósticos dos almanaques reflectem o tom positivo geral para este ano.

Cores favoráveis: azul, preto e cinzento

Direcções favoráveis: noroeste, sul e sudeste

Números da sorte: 2 e 5





CÃO

Com calma se vai ao longe

1934, 1946, 1958, 1970, 1982, 1994 e 2006

Diz a tradição que os nascidos no ano do Cão tendem a ser emocionais, para o bem e para o mal. No ano do Búfalo que se avizinha, essa sua faceta estará acentuada, o que facilmente poderá conduzir a conflitos. Os almanaques coincidem nessa análise e recomendam que a maior atenção seja dedicada a esta vulnerabilidade. Do ponto de vista da circulação de *qi*, a energia universal, há o correspondente a uma estagnação, já que os dois signos (o Cão e o Búfalo) pertencem ao elemento Terra. Isso pode significar ausência de progresso, ou situações em que o nativo se sente rodeado por pessoas com objectivos muito semelhantes aos seus. Ou seja, a rivalidade. No entanto, apesar desta conjuntura não muito favorável, os astrólogos chineses referem a presença de diversas “estrelas favoráveis”, que concedem o dom de transformar adversidades em situações positivas. Consequentemente, há uma grande probabilidade de que o ano acabe por ser razoável, desde que se evitem reacções demasiado emocionais.

AMOR ★★★★★

Esta será uma das áreas em que mais facilmente o lado negativo do ano se poderá manifestar. Os nativos do Cão devem, por isso, esforçar-se por preservar a harmonia no relacionamento com as pessoas mais próximas.

Apesar disso, há astrólogos, como Sung Siu Kwong, que apresentam um prognóstico positivo para esta área da vida.

TRABALHO ★★★★★

As diversas “estrelas favoráveis” garantem muitas oportunidades. É só uma questão de agarrarem as melhores e, daí, caminharem em direcção ao sucesso. Tornar-se-ão mais famosos e mais abastados.

O único cuidado especial a ter é o de evitar conflitos desnecessários.

DINHEIRO ★★

O ponto fraco, neste campo, é a probabilidade de um aumento de despesas. Muitas vezes será quase impossível de prever isso: elas surgirão sem avisar.

Atendendo à presença de “estrelas favoráveis” será sempre possível fazer bons negócios ou ter um aumento de receitas. Mas devem ser evitados os investimentos de grandes dimensões.

SAÚDE ★★★★★

A saúde poderá exigir alguma atenção. Mas desde que haja o correspondente cuidado, os almanaques não prevêem problemas graves.

Cores favoráveis: vermelho, castanho e amarelo

Direcções favoráveis: nordeste, noroeste e sul

Números da sorte: 6 e 7

| | | | | | | | | | | | | | |
|---|-----------|---|---------|---|----------|---|----------|---|--------------|---|-------|---|--------|
| ☒ | FEVEREIRO | ■ | MARÇO | ☐ | ABRIL | ■ | MAIO | ☒ | JUNHO | ☐ | JULHO | ☒ | AGOSTO |
| ■ | SETEMBRO | ☒ | OUTUBRO | ☐ | NOVEMBRO | ☒ | DEZEMBRO | ■ | JANEIRO 2008 | | | | |



PORCO

E que tal viajar?

1935, 1947, 1959, 1971, 1983, 1995 e 2007

A grande tónica do ano para os nascidos sob o signo do Porco é a predisposição para o movimento, as mudanças e as viagens.

Em primeiro lugar, deverão surgir várias oportunidades para viajar. Por outras palavras, os nativos do Porco não precisarão de se esforçar para que isso aconteça, mas apenas responder positivamente às oportunidades que vão surgir. Na verdade, dizem os almanaques, só terão a ganhar com essas deslocações, que melhorarão a sua sorte.

Há quem em conta que este tipo de conjuntura é particularmente vantajosa para os nativos do Porco, já que esse ambiente de mudanças de ambiente estimula a intuição, segundo acreditam certos astrólogos.

Por outro lado, há quem em conta o sentido da circulação da energia universal *qi*. A Terra (do Búfalo) tende a exercer pressão sobre a Água (do Porco) e a controlá-la. Para os astrólogos, esta é a configuração do poder, já que a pressão sofrida obriga à disciplina e torna as pessoas mais fortes.

AMOR ★★★★★

Os astrólogos não prognosticam nada de especial a este respeito, embora a vida movimentada faça pensar que alguma coisa poderá acontecer.

TRABALHO ★★★★★

O ponto fraco é uma certa predisposição para a indolência e a improdutividade. A agitação que tende a percorrer o ano também não ajudará muito. Tirando isso, no entanto, há influências que ajudam a ter uma vida, no mínimo, confortável.

Outra função positiva das viagens e das mudanças, é que podem ajudar a quebrar tensões que possam estar a crescer no local de trabalho.

Os que encontrarem dificuldades pelo caminho, diz um dos almanaques, não devem desistir pois conseguirão o que querem antes do fim do ano.

DINHEIRO ★★

Não há nenhuma indicação de grande sorte neste campo. Ganham como resultado do que trabalham, pelo que devem fazer um esforço e maior disciplina. De resto, devem jogar mais à defesa pois poderá haver surpresas. Segundo Sung Siu Kwong, “à superfície tudo estará calmo, mas de facto há ondas escondidas”.

SAÚDE ★★★★★

Este poderá ser um dos aspectos mais beneficiados. O bem-estar físico poderá induzir um espírito mais positivo, com todas as vantagens que isso acarreta.

Cores favoráveis: azul, preto e cinzento

Direções favoráveis: nordeste, noroeste e sul

Números da sorte: 2 e 9



Patrícia Lemos

O belo adormecido



Tem cabeça de camelo,
olhos de lebre e patas
de tigre e há mais de
dois mil anos que baila
como a serpente na
China. O dragão do
Oriente é mais velho e
amistoso que o primo
ocidental. Celebrado na
diáspora, adormeceu na
China durante algum
tempo, após a fundação
da República Popular,
mas em Macau sempre
dançou. Está de volta ao
Império do Meio para
reforçar a sua identidade.
É um despertar que
arranca logo no Ano
Novo Chinês

da China

O dragão ocidental pôs à prova a valentia de muitos príncipes nas lendas europeias, mas nasceu das trevas medievais para sair sempre derrotado. A Oriente não tem melhor aparência, mas é amado e não temido. O nobre dragão da China começou por ser conhecido como o Espírito do Rio. Nos últimos dois mil anos, dançou para imperadores, foi deus da Chuva e boas colheitas trouxe ao povo do Império do Meio, que salvou ainda de muitas epidemias. O dragão do Oriente que há muitos anos persegue a Pérola da Sabedoria

chinesa é mais do que uma figura mítica auspiciosa, é o símbolo de um povo. Afinal, os chineses acreditavam que o imperador era a encarnação do dragão. Os dragões sempre animaram a diáspora chinesa e Macau é o único sítio do mundo onde a Festividade do Dragão Embriagado invade as ruas da cidade na Primavera, garante um estudo do Museu Marítimo de Macau sobre esta celebração. Foi durante muitos anos mais fácil encontrar em Nova Iorque, em Macau ou em Paris quem tenha assistido a uma dança do dragão do que



na China profunda. Mas o dragão está de volta ao seu berço e até vai passar a entrar em competições desportivas como os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008.

“Devido aos seus atributos, o dragão tornou-se a partir da Dinastia Han (206 a. C. – 220 d.C.) símbolo do poder imperial. Os próprios imperadores eram encarados como encarnações do dragão. Para os letrados confucianos, este animal mítico dotado de poderes sobrenaturais representa força, virtude e honestidade. Para o povo, o dragão é uma

divindade aquática”. Essa vocação dos mares ainda hoje é vivida com fervor pela comunidade piscatória de Macau. O Museu Marítimo acredita que o dragão “assume um papel preponderante” a quem faz dessa profissão o seu ganha-pão, seja em terra (Festividade do Dragão Embriagado) seja no mar (Festividade dos Barcos Dragão). É tão popular que há uns anos subiu mais alto do que nunca para dançar a 233 metros de altura, no topo da Torre de Macau, animando os céus com as suas cores berrantes e o seu corpo ondulante.



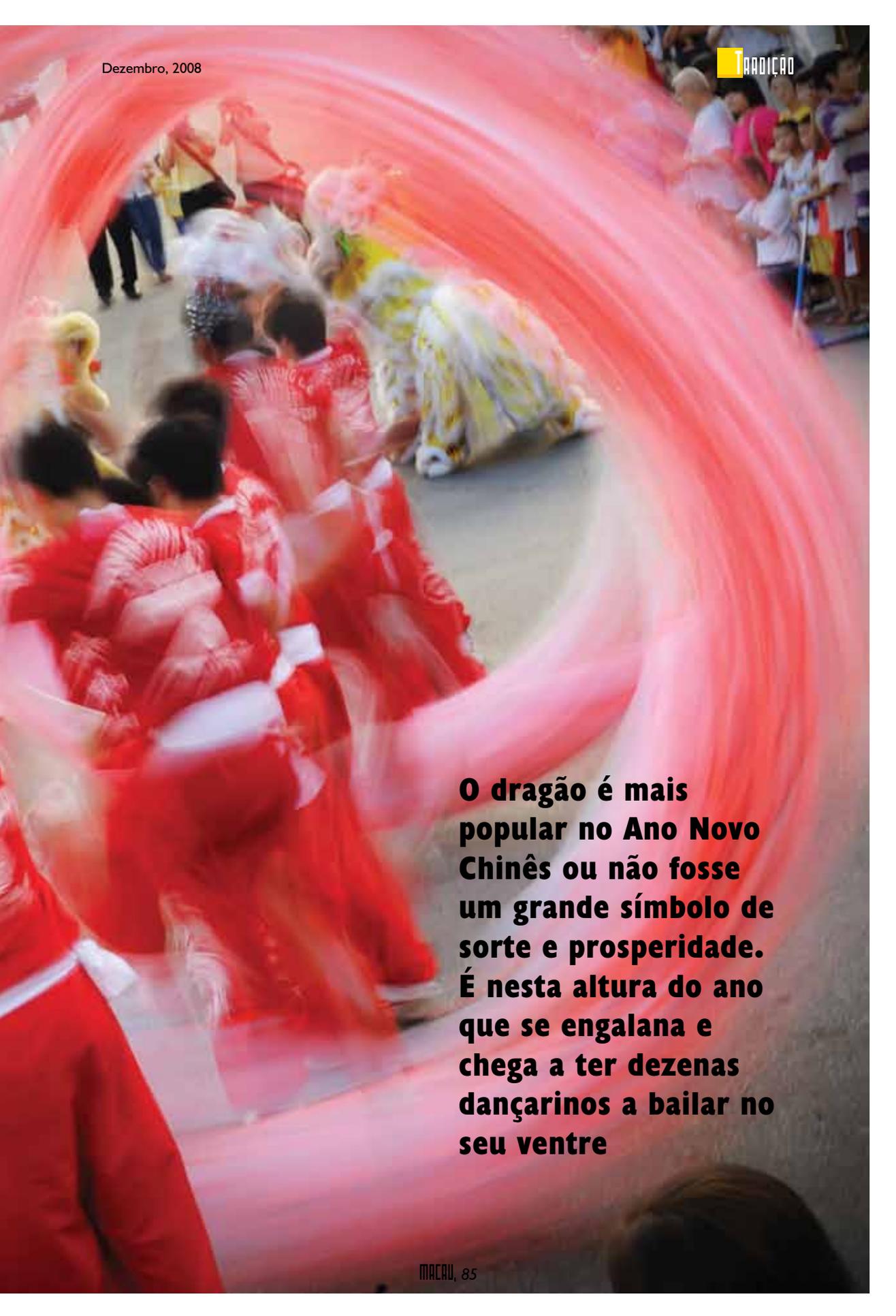
Apesar de muito celebrado noutras ocasiões, o dragão é mais popular no Ano Novo Chinês ou não fosse um grande símbolo de sorte e prosperidade. É nesta altura do ano que o dragão se engalana e chega a ter 68 dançarinos a bailar no seu ventre. Como o leão, também baila noutras cerimónias, como casamentos e inaugurações. Mas o grande ícone da China, do qual descende o povo chinês, é o grande protagonista do Ano Novo Lunar e as trupes começam a preparar os trajes garridos e a treinar os complicados movimentos desta dança, que tanta coordenação exige,



meses antes da festa começar, alinhando com o leão nas festividades.

Ambos competem e entretêm o público, dançam ao som dos gongos, címbalos e tambores. O leão ainda tem mais em comum com o dragão: nasceram da imaginação dos chineses. Contudo, acredita-se que os vestígios do ás dos céus da pré-história, o Pterossauro, que chegava a pesar uma tonelada, tenham despertado a curiosidade dos chineses, levando-o à representação do dragão. Descobertas recentes de arqueólogos chineses e brasileiros fazem crer que este primo dos dinossauros tenha existido em grande número em Liaoning, uma província do Sul da China. A imagem do dragão mudou muito ao longo dos tempos. Hoje é mais delicado e florido do que nunca, mas é cada vez mais popular na China e além-fronteiras, onde seduz como uma serpente alada. ■





O dragão é mais popular no Ano Novo Chinês ou não fosse um grande símbolo de sorte e prosperidade. É nesta altura do ano que se engalana e chega a ter dezenas dançarinos a bailar no seu ventre

Os reis de todos os mares

O dragão pode ser Celestial, protegendo e apoiando as casas dos deuses. Também há o Espiritual que cria vento e chuva para bem da humanidade. Existe ainda o Dragão de Tesouros Escondidos. Monta guarda à riqueza que nenhum humano consegue ver. Há o Dragão de Asas e até de Chifre. O de Anéis habita as águas e o Amarelo representa aquele que emergiu do Rio Lo.

Nos tempos mais modernos foram definidos quatro dragões imperiais, que são identificáveis pelos Espíritos da Serpente dos hindus. Cada um reina nos quatro mares que fazem a fronteiras da terra habitável e os palácios subterrâneos, as suas abóbadas, são conhecidos como o Mar do Oriente, o Mar do Sul, o Mar Ocidental e o mar do Norte

A todo o comprimento

É no Ano Novo Chinês que o dragão mais se alonga para mais sorte dar a quem o vê dançar. É por segmentos que está dividido o seu corpo, medindo cada um entre 150 a 180 centímetros de comprimento. Embora possa ser composto por 46, é mais comum variar entre sete e 13 secções, sendo cada uma controlada por pelo menos quatro dançarinos. A cabeça do dragão é mais pesada do que se imagina, são 14, 5 quilos de tecidos, cordelinhos e armações para um corpo de 284,5 centímetros, que pode ser manobrado por mais de 68 pessoas.

Durante a dança, cada bailarino segura uma haste de alumínio com a qual manobra a secção do corpo do dragão que lhe compete. A orientação é determinada por uma esfera dourada, a Pérola da Sabedoria Chinesa, que se movimentam em frente do dragão.

Prole de toda a espécie

Reza a lenda que o dragão tem nove filhos, assemelhando-se os mais velhos a uma tartaruga, um tigre, um lagarto e um búzio. Tanto o quinto como o sexto filhos do dragão saem ao pai, mas o mais velho era amarelo e apreciava música e o outro assustava qualquer cetáceo apesar de ser mais pequeno. O sétimo lembra um lobo e o oi-

tavo um leão que gostava de se sentar e apreciar os fuminhos do incenso. O nono filho do leão tem as feições de um chacal por gostar de matar, mas segundo outra lenda era um Pixiu, uma figura feroz mas auspiciosa com corpo de cavalo e cabeça de dragão.

Um pai pré-histórico

É muito provável que o dragão seja inspirado nos répteis voadores da pré-história. Os pterossauros são fósseis muito populares. A sua presença mais antiga data aproximadamente de há 225 milhões de anos. Totalmente extintos, os pterossauros desapareceram há 65 milhões de anos. Nesse intervalo de 160 milhões de anos, esses animais alados reinaram nos céus da Gronelândia à Austrália, tendo sido detectadas cerca de 150 espécies.

Um dragão contudo...

Em aparência os dragões são um híbrido de muitos animais. Se os chifres significam longevidade, as orelhas de búfalo denotam sucesso nos exames imperiais chineses. Os olhos de tigre são um sinal de poder e as garras de águia dão nota da sua valentia, enquanto a cauda de peixe lhe dá flexibilidade e os dentes de cavalo são marca da sua diligência.

Cores com bons feitios

Há dragões de muitas cores e feitios mas não é à toa que um é vermelho e o outro é verde. A primeira cor representa excitação do dragão, enquanto a segunda traz boas colheitas. Já o prateado ou dourado simbolizam prosperidade. Alguns autores dizem que o dragão pode ainda ser azul, preto e branco. Mas de todos estes, o amarelo é o mais reverenciado.

Dança de standards

Gruta da Nuvem
Remoinho
Padrão Tai Chi
Enfiando as Moedas no Fio
À Procura da Pérola
Dragão Cuspindo a Pérola
Dragão Enrolando-se na Coluna



Marta Curto (texto) e Luís Almoater (fotos)

Vidas a

Macau já é conhecida como a Las Vegas da Ásia, mas antes dos casinos nascerem a cada esquina, já se apostava em corridas de cães e de cavalos. Hoje, o desporto rende muito menos do que as mesas de jogo, mas não desiste. Esta é a história de animais que nasceram para correr

galope



No Jockey Clube trabalham 700 pessoas a tempo parcial e outras 1800 pessoas a tempo inteiro

O apostador é filipino. Vê-se nos traços e no tom de pele. Ainda os cavalos vão a meio da corrida e já ele se levantou várias vezes de papel branco na mão. Ergue-se, mas logo volta à cadeira, resignado à imagem da televisão colocada à sua frente. O dia está de chuva e os números desenhados nos dorsos dos cavalos vêem-se mal. Mais vale olhar para o ecrã para ter a certeza se ganhou ou não.

E ganhou.

A corrida acaba e, com ela, o apostador salta e olha para o lado, tentando partilhar a alegria. O sortudo acaba a sorrir so-

zinho, de papel branco na mão, no meio de uma bancada.

O *Jockey Clube de Macau* (JCM) abriu em 1989, e, com duas corridas semanais, parece perder adeptos de ano para ano. Se em 2003 o montante apostado foi de 5207 milhões de patacas (equivalente a cerca de 652 milhões de dólares norte-americanos), em 2007 já só chegou aos 2080 milhões. Os valores, divulgados pela Direcção de Inspeção e Coordenação de Jogos, não criam, no entanto, desânimo. Pelo contrário, nada é deixado ao acaso. Ainda há demasiado em jogo.



Yan Tai Kei, responsável dos estábulos do JCM

Atrás da pista e do gigante placar eletrônico onde passa a corrida em directo, atrás das bancadas para 15 mil pessoas, atrás do espectáculo de ver aqueles animais enormes, luzidios, musculados a correr para além das suas forças, está montada uma enorme máquina de empregados, estábulos, infra-estruturas e investimentos.

“Os animais são escolhidos a dedo e nada pode falhar porque são produtos de luxo. Por outro lado, o próprio *Jockey* tem de funcionar na perfeição porque emprega muita gente, já é um dos *ex-libris* de Ma-

cau e também tem uma grande importância a nível de doações para caridade”. Yan Tai Kei é o responsável dos estábulos do *Jockey* e a seu cargo tem os 600 cavalos que ali correm. Conhece profundamente o JCM e as exigências dos cavalos de corridas. No entanto, só subiu para cima de um cavalo duas vezes na vida.

Entrou como tradutor de inglês no *Jockey Clube de Hong Kong*, sem nada entender de cavalos. Chegou a Macau em 1992 e logo foi para o JCM onde hoje trata por tu cavalos, treinadores, *jockeys* e proprietários de equídeos campeões.

“A grande maioria dos donos dos cavalos é de Hong Kong, só 30 por cento provém de Macau, e muitos têm mais do que um cavalo. São homens de negócios que podem investir neste tipo de produto, mas penso que mais do que investimento, possuir um cavalo de corrida é uma questão de *status*”.

Pequenos gigantes

Adécima corrida terminou e os jockeys vão chegando um a um, cheios de lama, gotas de suor a escorrer pela face até chegar aos trajés garridos. Roberto Perez vem de cor de rosa fúshia. Tem 23 anos, é baixo e magro. Não pesa nada. É perfeito para a profissão, já que em média um jockey deve ter entre os 48 e os 50 quilos.

Roberto é chileno e não é o único estrangeiro no grupo de jockeys de Macau. De facto, há quem venha da Austrália, Nova Zelândia, Malásia, França, Reino Unido, Brasil, África do Sul, República Checa e Turquia. “Cheguei a Macau em 1995. O meu pai veio para ser jockey e eu nunca me lembro de ter querido mais nada da vida. Sempre foi este o meu sonho”. Não é para menos, já que o jovem vem de uma família de cavaleiros. O tio, o pai e o primo seguiram a carreira de jockeys, enquanto o avô foi treinador.

Há três anos que Roberto monta, esteve um ano na escola de jockeys do JCM e acabou de se tornar profissional. A vida de jockey não é fácil. Nada fácil. Mas o que fazer quando também a sua linhagem pede velocidade e arte?

Roberto acorda às quatro da manhã seis dias por semana. Começa a trabalhar às quatro e meia e só termina às oito da noite. Mas nem tudo é sacrifício. Por corrida, Roberto poderá ganhar nove mil patacas (equivalente a cerca de 1126 dólares norte-americanos) ou chegar mesmo às 40 mil (cerca de 5000 dólares). E numa noite pode montar oito cavalos, dependendo da decisão dos treinadores. Fazendo as contas, os sacrifícios compensam.

“Eu adoro este trabalho. Os cavalos são animais muito espertos, reconhecem um cheiro depois de dez anos. São animais mansos, mas impulsivos, gostam, ou não, de uma pessoa imediatamente”. Mas mais do que ser o jockey certo para o cavalo certo, é necessário experiência para esfriar a cabeça em momentos de maior tensão. E em qualquer corrida há um.

A carreira dos jockeys pode chegar aos 37 anos, mas depois disso, há a vida de treinador a prosseguir. ■

M. C.

Sorte e fortuna... até aos dez anos

Lucky, Fortune, The Storming Force, The Super. Os nomes dos cavalos são sugestivos, pedem vitórias, chamam sucessos. Mas quem os vê, pela manhã, já depois do treino, fechados nas suas boxes, com ar tranquilo de quem nada tem com que se entreter, nunca diria que chegam a correr a mais de 60 quilómetros por hora. Os estábulos têm ar condicionado, as “camas” dos animais são mudadas diariamente.



Não há maus cheiros, nem barulho de fundo. Os estábulos são locais ascéticos. Silenciosos. Frescos. Embora estes cavalos comecem o seu exercício diário às quatro e meia da manhã, têm vida de reis, pois a partir das sete e meia já pouco ou nada mexem os músculos. E só precisam de provar as suas capacidades duas vezes por mês.

Tudo começa mal nascem. Já nascem para correr, a velocidade está-lhes no sangue. Há quem diga que os cinzentos são os melhores. Há quem os escolha pelo seu

porte atlético, pela sua energia. Mas a verdade pura e dura é que a velocidade está na linhagem. Estes cavalos nunca farão mais nada, provavelmente nem procriar, já que Yen Tai Kei admite que 95 por cento dos cavalos são castrados e só existem três éguas no *Jockey Clube*. Os machos são mais rápidos e os contactos com fêmeas só os distrai da missão de uma vida.

O treino inicial é feito no país onde nascem, pelo que, chegados ao JCM, já vêm cavalos de corridas feitos. Em Macau, a carreira começa aos três anos, “mas na



**Um cavalo tem sempre direito a ração.
Um jockey é freelancer. Só tem direito
a vencimento se trabalhar, e isso não
depende só da sua vontade. São os
treinadores que escolhem os jockeys
dos cavalos que têm a seu cargo**

Europa começam aos dois, por exemplo”, explica Yen.

“São os proprietários que escolhem o treinadores dos seus cavalos. Existem 25 treinadores. Cada treinador tem a seu cargo um estábulo onde estão entre 12 a 45 cavalos e prepara-os individualmente, conforme as necessidades de cada um”

Mesmo depois da quarentena, os cavalos não correm senão um mês depois, de forma a habituarem-se ao clima e ao ambiente. São flores de estufa. Mais do que animais, são produtos e há que tratá-los como tal. “Eu penso que sim, que os treinadores têm carinho pelos cavalos, mas olham para eles como profissionais, vendo o que precisam de estimular, que músculos devem exercitar, ver se estão feridos ou doridos. Os *jockeys* pelo contrário têm uma relação mais próxima com os cavalos, já que precisam de conhecer bem as suas manhas”.

Se há vida parecida entre um homem e um animal, será a do *jockey* e a do cavalo de corrida. Ambos estão prontos no estábulo às quatro e meia da manhã para seguirem as indicações dos treinadores. Logo de madrugada os cavalos precisam de andar, correr ou nadar. Às sete

e meia estão todos de volta aos estábulos para comerem, e é aí que as existências se dividem.

Um cavalo tem sempre direito a ração. Um *jockey* é *freelancer*. Só tem direito a vencimento se trabalhar, e isso não depende só da sua vontade. São os treinadores que escolhem os *jockeys* dos cavalos que têm a seu cargo.

“Por volta das três da tarde os cavalos voltam a sair. Nessa altura, as camas são mudadas. E depois disso, voltam todos para os estábulos de onde só sairão às quatro e meia da manhã do dia seguinte”.

Em média, os cavalos chegam a ficar fechados 20 horas por dia e, por isso, há treinadores que preferem colocá-los em boxes exteriores durante algumas horas.

“Os cavalos são animais muito sensíveis, há sempre que encontrar um equilíbrio, esforçá-los mas não demais, pedir-lhes mas não demais. É por isso que temos regras muito específicas em relação ao uso de *sticks* nas corridas. Bater na garupa motiva o cavalo, mas se o júri entender que o *jockey* está a ser demasiado violento ou se bater na cabeça do cavalo, será penalizado”.

Os cavalos são bem protegidos, cuidados. Têm uma vida boa e descansada até aos

A máquina atrás do espectáculo

A pista com capacidade para corridas dos mil aos dois mil metros é filmada por oito câmaras. As imagens passam no ecrã gigante sobre a pista de corridas, mas também são divulgadas através de um canal próprio de televisão. Os interessados podem apostar num dos 80 centros de jogo de Macau, através de um dos 600 terminais telefónicos para apostas, ou pela Internet. No *Jockey Clube de Macau* trabalham 700 pessoas a tempo parcial e outras 1200 pessoas a tempo inteiro, sendo que 600 estão só reservadas a trabalho de estábulo. Os cavalos vêm do Japão, Malásia, Argentina, da União Europeia, Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos, Canada, Hong Kong, Singapura e Emirados Árabes, e o cavalo mais caro que actualmente vive em Macau custou dois milhões de Hong Kong dólares. No *Jockey* existe um hospital veterinário, com sala de Raios X e uma de operações, e uma piscina com 1,2 milhões de litros de água para os cavalos exercitarem os músculos. No meio de tudo isto, os animais só correm de dez em dez dias, de forma a estarem sempre no auge das suas capacidades, e os seus donos chegam a pagar mensalmente 25 mil patacas, só para a manutenção diária nos estábulos do *Jockey*. ■

M. C.



dez anos de idade, quando a carreira termina. Aí, é que a vida começa a ser pior. Ou nula, na maioria dos casos.

Muitos só sabem correr, não podem ser usados para ensino ou outro tipo de equitação. São cavalos de corrida. E aos dez anos ainda são jovens, bons para viver, já que a sua esperança de vida é de 30 anos. Mas estes são diferentes, especiais. “Há donos que continuam a manter os seus cavalos até ao fim. São generosos e têm capacidades financeiras para o fazer. Nós

temos estábulos só para os animais reformados, onde vivem 60 cavalos e cuja manutenção mensal ronda as 40 mil patacas”, explica Yen.

Alguns também podem ser usados na escola de equitação do *Jockey*. São os mais mansos, amigáveis, flexíveis. Capazes de se adequarem aos cavaleiros menos experientes.

Mas a verdade é que a maioria, a esmagadora maioria, só nasceu para ganhar. E há uma idade para ganhar. ■

Os homens vão chegando ao pequeno picadeiro, trazendo magros galgos pela trela. Na vedação, inclinam-se grupos entusiastas ou jogadores solitários para observarem de perto os cães que entrarão na próxima corrida. Os turistas, que vieram do interior do País para visitar Macau, nem sabem bem o que procurar, o que estudar. É a primeira vez que vêm as corridas. Mas os *habitués*, que ali estão nas quatro noites por semana em que há cor-

Para onde correm os cães

ridas no Canídromo de Macau, procuram o olhar saudável, observam a postura e o andar. Aquele está mais espevitado, puxa a trela, é bom sinal. O outro parece nervoso, alegre, mas pode simplesmente estar feliz. Não se quer um cão demasiado brincalhão. Esses podem tentar abalroar os outros na corrida, ou fazerem corta-mato para chegar à lebre mais rápido. Qualquer uma das traquinices é penalizada e quem joga a dinheiro é pouco compreensivo.

Há quem diga também que os cães pretos são os melhores e neles apostem sempre, nem que sejam só as dez pataquitas, o valor mais baixo admissível. Mas neste jogo, ser machos ou fêmea é indiferente. Ambos atingem velocidades que chegam aos 60 quilómetros por hora, uma rapidez idêntica à dos cavalos de corrida. Os cavalos são maiores, mas são mais pesados, para além de terem a coluna mais rígida do que o galgo.





O som do metal da corrente contra o metal que sustenta a lebre, começa a soar. Os animais estão nervosos dentro dos casinhotos minúsculos. Ladram, latem. Já ouvem de longe a lebre a correr, e qual reflexo de Pavlov não é preciso muito para ver a fila de jaulas fechadas a abanar, pedindo soltura e velocidade. Passa a lebre. Abrem-se as portas.

O grupo de turistas grita "força!". De cigarro na mão, agarram-se à vedação como se o gesto pudesse levar o cão a correr mais. A corrida é de 550 jardas, ou

seja 502,92 metros. De corpete colorido sobre o corpo, o número a identificar, os cães correm de açaima na boca atrás de uma lebre de peluche. Passada a meta, os funcionários do canídromo fecham a pista com a ajuda de oleados que confinam os cães. Mas estes, excitados com a adrenalina, continuam a saltar e a brincar uns com os outros. O grupo de turistas apostou no número certo. Riem e dizem que só jogaram 60 patacas e ganharam mais de 200. Gostam do cão.

Ao seu lado, impassível, está um velho

de traços carregados, olhando o jornal de lápis na mão. Ninguém adivinha se o homem ganhou ou não. “Estas são pessoas que vêm cá todas as noites de corridas. Chegam na primeira corrida, às sete e meia e só saem daqui às 11h45, quando a última corrida termina. É um hábito, uma companhia para eles”, diz Sails Si, o porta-voz do Canídro de Macau.

Três anos de vida

O Canídro de Macau é muito mais antigo que o hipódromo, tendo aberto as portas em 1931. Nessa altura estava sempre cheio de apostadores, ávidos de fortunas. Hoje, as bancadas estão a meio gás, mas Sails garante que o desporto não vai terminar. “Temos sempre cá gente, e há muitos turistas que querem vir cá jogar quando vêm a Macau. Existem corridas de galgos na Austrália, Inglaterra e Estados Unidos, mas as nossas são as mais conhecidas”. De facto, as corridas não dão sinais de estagnação já que, segundo a Direcção de Inspeção e Coordenação de Jogos, o Canídro teve uma receita bruta de 98 milhões de patacas em 2007, enquanto em 2003, estes valores estavam nos 74 milhões. Apesar de gerar menos dinheiro do que as corridas de cavalos, as competições de galgos têm uma evolução

positiva no montante apostado. Se em 2003 foi de 328 milhões de patacas, em 2007 já chegou aos 459 milhões. E esta é razão suficiente para largar a lebre. E para trazer todas as semanas novos cães ao canídro de Macau.

“O Canídro é responsável por escolher os cães na Austrália e trazê-los para Macau. Ficam uma semana ou duas a habituar-se ao clima e ao espaço novo, e depois fazem-se corridas para ver os seus tempos recorde. Todas as semanas há leilões para os novos cães. O melhor cão começa com uma base de licitação de 23 mil e o pior de dez mil”, explica Sails, acrescentando que já viu um cão ser vendido por 58 mil patacas. “Os compradores são de Macau, Hong Kong, mas também do interior da China. E há vários proprietários que têm mais do que um cão”.

Neste momento existem mais de 600 galgos no Canídro de Macau. E tal como os cavalos, só correm de dez em dez dias. “Por duas razões. Em primeiro lugar, porque não queremos que fiquem lesionados e as corridas são muito agressivas, não podem ser feitas umas a seguir às outras. Por outro lado, como todos os cães têm de correr, se um correr hoje, só voltará a entrar numa corrida quando todos os outros tiverem corrido”. Tal como os cavalos, uma vida santa.



Da Austrália, por amor

O australiano não quer identificar-se. Mas o sotaque acentuado trai-lhe as origens. É de Darwin e na sua primeira visita a Macau, não pôde deixar de vir apostar nas corridas de galgos. “Eu treino cães de corrida na Austrália e são animais de estimação fantásticos. Aliás, nós temos um programa de adopção, em Victoria, de cães de corrida e são adoptados três mil animais por ano”. O australiano é o exemplo vivo do que um galgo pode ser. “Amigáveis, carinhosos, extrovertidos e óptimos com crianças. Eu tenho dois e os outros vou comprando quando ainda são bebés e treino-os três horas por dia, a partir dos 16 meses”. O apostador, que ainda conseguiu ganhar algum dinheiro jogando no canídro, acrescenta que estes cães podem entrar em corridas a partir dos 18 meses. “Eles adoram isto”. E o dono também, já que o faz mais como *hobby*. “Eu trabalho para o governo e treino os cães antes de sair casa de manhã e quando regresso, ao final do dia”. ■

M. C.

“Eles nascem para correr, não sabem fazer mais nada e não se habitam a estar dentro de um apartamento, como animal de estimação...”





Cada um tem a sua própria jaula, inserida num canil, da responsabilidade de um treinador, escolhido pelo proprietário do animal. Os seus dias começam às sete e meia da manhã, quando iniciam o programa individual que o treinador preparou para cada um, consoante as suas necessidades. “O treino não tem de ser correr. Podem só passear, nadar na piscina do canídromo, relaxar os músculos. Os que precisam de massagens estão na fila de massagens. Se estiverem lesionados, vão à fisioterapia, onde levam raios ultravioleta ou massagens”. E nem na ração há meias medidas. A dieta passa por ovo, carne, leite e ração especial. “Não me parece que lhes falte carinho. Os treinadores gostam deles, provavelmente não como se fossem seus animais de estimação, porque têm muitos cães a seu cargo. Temos 11 treinadores e dez canis”. Em média, cada responsável terá a seu cargo 54 cães.

A verdade é que, mesmo Sails que só trabalha no canídromo há dois anos e já sorri com as traquinices dos cães, não se pode dar ao luxo de se afeiçoar demasiado aos animais. A carreira dos bichos começa aos dois anos e termina aos cinco. “Eles nascem para correr, não sabem fazer mais nada e não se habituam a estar dentro de um apartamento, como animal de estimação. Por outro lado, estão autorizados a virem para Macau para correrem no canídromo e só para esse fim”.

Uma existência abençoada, que acaba antes de tempo, já que a esperança de vida dos galgos é de 12 anos. ■

M. C.

A nighttime aerial photograph of the Beijing National Stadium, also known as the Bird's Nest, illuminated with warm lights. The stadium's intricate, woven steel structure is the central focus. In the foreground, there are modern, multi-story buildings with lit windows, and a road with streetlights. The background shows a cityscape with other buildings and lights under a dark sky.

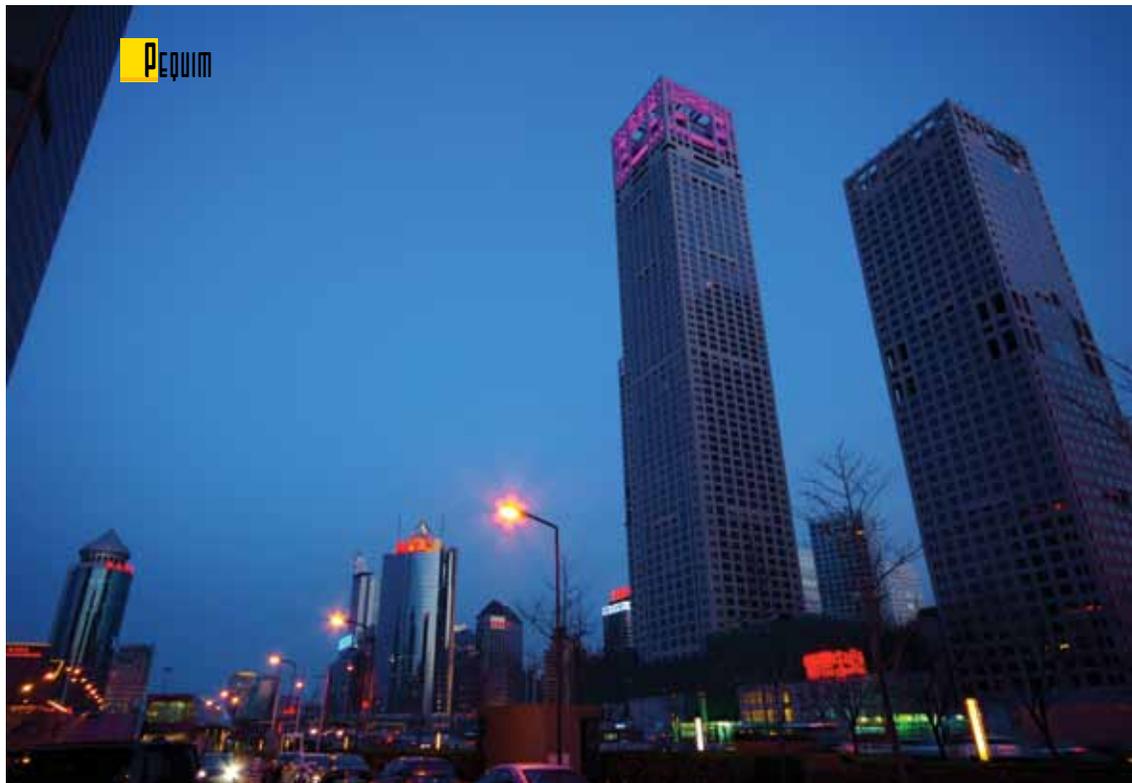
Uma nova cidade

Pequim é hoje uma cidade parcialmente renovada. As estruturas construídas para receber os Jogos Olímpicos estão a ser transformadas em mais valias para servir a sua população e os turistas



após os Jogos Olímpicos

Minuto a minuto, segundo a segundo, até chegar a 8 de Agosto, a data de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim 2008, o relógio no lado oriental da praça de Tiananmen lembrava também aos milhares de trabalhadores que construíam os recintos olímpicos da capital chinesa que o tempo ia acabando para erguer o futuro da capital chinesa. Milhões de horas de trabalho de construção civil asseguraram que as infra-estruturas olímpicas estavam prontas a tempo, e que as construções para os Jogos Olímpicos cumpriam a sua missão. Essa missão consistia em provar que trinta anos depois do início das reformas económicas no país, havia que mostrar ao mundo que a China está totalmente aberta, é cada vez mais moderna e tem a capacidade de organizar sem mácula um dos maiores eventos mundiais e um dos que mais prestígio confere ao país anfitrião.



“A Aldeia Olímpica está a ser convertida em condomínio privado e todas as casas já foram vendidas” (Goman Ho)

Para a cidade de Pequim, mais do que marcas desportivas e recordes, para lá dos melhores tempos e classificações, os Jogos Olímpicos permitiram a reorganização de uma parte esquecida, uma área menos nobre da grande metrópole – a zona Norte, onde se encontrava o Parque Olímpico, que alberga as principais infra-estruturas desportivas, a começar pelo Ninho de Pássaro (Estádio Nacional), pelo Cubo Aquático (Centro Aquático Nacional) e pela Aldeia Olímpica.

Goman Ho, director para a China da Arup, empresa multinacional de engenharia e *design* que concebeu quer o Ninho de Pássaro quer o Cubo Aquático, explicou à Revista **MACAU** a ideia por detrás da requalificação urbana da zona que deverá tornar-se das melhores zonas para se viver na cidade de Pequim, com uma população de mais de 13 milhões de pessoas, e a crescer.

“No passado, os habitantes de Pequim preferiam viver na zona Leste e no Sul da cidade. Na zona ocidental está a nascer o novo bairro financeiro e de negócios, o que vai atrair cada vez mais população. Só faltava a zona norte da cidade”, disse

Goman Ho. “Essa zona está ainda a desenvolver-se e a zona olímpica faz parte desse desenvolvimento”.

A ideia, segundo Ho, é atrair para a zona do Parque Olímpico as classes média e média-alta de Pequim, aproveitando o chamariz do Ninho de Pássaro, do Cubo Aquático e de construções modernas como o Centro de Emissões de televisão e da rádio, também da responsabilidade da Arup. “A Aldeia Olímpica está a ser convertida em condomínio privado e as casas todas já foram vendidas”, afirmou.

“A área vai atrair a classe média-alta da cidade desde logo porque está em frente do Parque Olímpico, uma grande área verde onde as pessoas têm a certeza que nunca vai haver construção à volta”, acrescentou Goman Ho.

A contribuir para o factor de atracção está também a modernidade geral da área. O público-alvo que vai beneficiar com as infra-estruturas inclui sobretudo jovens licenciados, muitos dos quais já estudaram fora da China e têm – ou querem ter – uma nova imagem de Pequim, a imagem de uma cidade mais moderna, em contraste com o actual centro da cidade.

“A escolha da zona para desenvolver os locais olímpicos principais foi muito feliz. Sobretudo porque não afecta a parte antiga, o centro histórico, que inclui a Cidade Proibida e o Templo do Céu”, considerou o responsável da Arup.

No entanto, dados os milhões que a China teve de desembolsar para construir as infra-estruturas, é de compreender a vontade que Pequim tem em tentar rentabilizar o investimento, quer em retorno financeiro quer na capacidade de utilização futura dos edifícios – algo que os observadores dizem que não será um problema.

O “Ninho de Pássaro”, com lotação para 91 mil pessoas, recebeu as provas de atletismo e as cerimónias de abertura e de encerramento dos Jogos. Com um custo de 3,5 mil milhões de *renminbis* não é de estranhar que Pequim lhe queira dar um futuro brilhante – e longo.

O governo municipal de Pequim criou uma parceria estratégica com o grupo de investimento estatal CITIC para a gestão do estádio, que será depois dos jogos um complexo desportivo e recreativo. A *holding* liderada pelo CITIC ganhou os direitos de gestão da infra-estrutura para

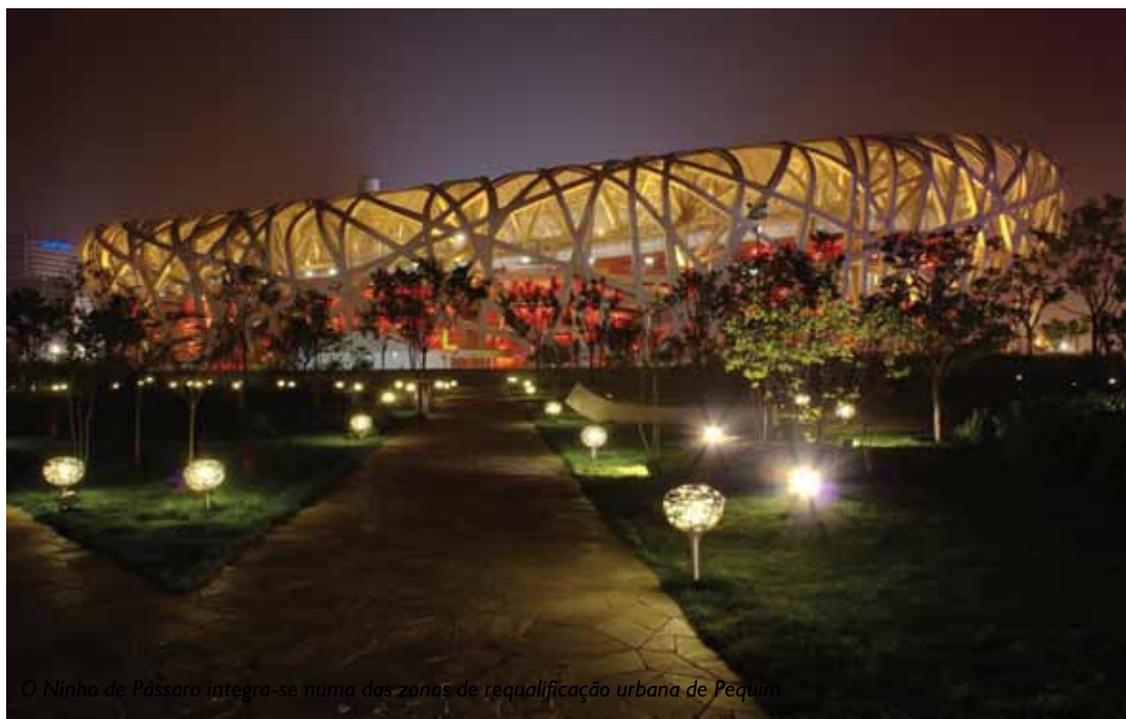
os próximos 30 anos e a primeira coisa que vai fazer será retirar 11 mil lugares da actual capacidade.

O espaço ganho permitirá instalar no estádio hotéis, restaurantes, supermercados e centros comerciais, num investimento de 300 milhões de *renminbis*, que vai cobrir com áreas comerciais 35 por cento do total do Ninho de Pássaro, disse Li Hang, presidente do consórcio que assegurará a gestão.

“Os custos operacionais serão de 70 milhões de *renminbis* por ano, mas temos confiança que teremos lucro no futuro”, disse Li, que prometeu também que o local “será um centro de cultura e recreio de nível internacional”.

Mas o estádio continuará também a dar vida ao desporto. Para já ficará a sede de luxo do clube de futebol *Beijing Guo’na* e, segundo o grupo CITIC, a gestão está já em conversações com vários promotores de eventos e empresas desportivas, incluindo a liga profissional de futebol dos Estados Unidos e o Real Madrid.

“Vamos também vender patrocínios e os direitos sobre o nome a diversos níveis. Primeiro para o estádio em si e depois



O Ninho de Pássaro integra-se numa das zonas de requalificação urbana de Pequim

“O Cubo Aquático é uma das maiores apostas arquitectónicas da organização dos Jogos, que garantiu já que o evento não deixará para trás um rasto de elefantes brancos e prometeu que o complexo dos desportos de piscina será usado como centro comercial e de lazer, com campos de ténis, restaurantes, lojas, bares e discotecas.”

(Goman Ho)

para a entrada e para as bancadas”, disse Li Hang.

O outro marco das infra-estruturas olímpicas, o Cubo Aquático, promete também ter uma longa vida após os Jogos Olímpicos. Com um preço de mais de 1,5 mil milhões de *renminbis*, incluindo contributos de 853 mil milhões renminbis de cidadãos de Macau, Hong Kong e Taiwan, o centro de desportos aquáticos manter-se-á na sua função original.

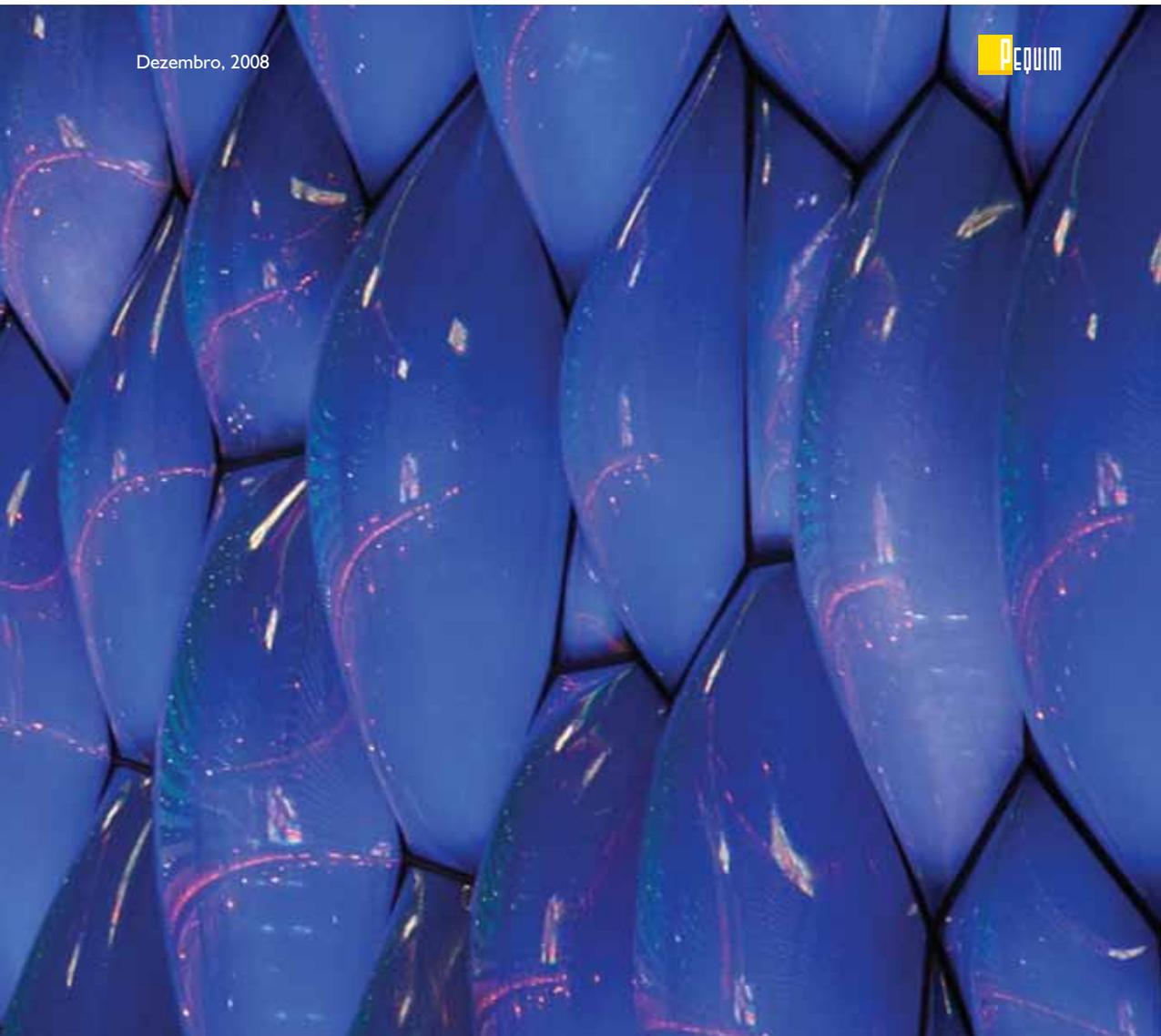
“Eles têm três piscinas, a principal, a de aquecimento e uma piscina infantil, o que lhes vai permitir manterem-se abertos ao público, quer como um clube restrito a membros quer de outra qualquer forma”, explicou Goman Ho, da Arup.

“O Cubo também se vai manter como

centro principal de treinos da equipa nacional chinesa de natação, o que ganha cada vez mais importância porque a China é uma das novas potências nesta modalidade, onde está a apostar cada vez mais”, acrescentou. O custo de fazer todas estas reconversões? Não passa de “trocos”, disse Goman Ho.

O Cubo Aquático é uma das maiores apostas arquitectónicas da organização dos Jogos, que garantiu já que o evento não deixará para trás um rasto de elefantes brancos e prometeu que o complexo dos desportos de piscina será usado como centro comercial e de lazer, com campos de ténis, restaurantes, lojas, bares e discotecas.

“Este edifício foi concebido para utiliza-



ção depois dos Jogos Olímpicos. Sempre pensámos num período de tempo entre 30 e 40 anos”, disse à imprensa John Pauline, arquitecto do atelier PTW, que concebeu o Cubo Aquático, no dia da inauguração da infra-estrutura.

O governo municipal da cidade está confiante que o Parque Olímpico se manterá activo, até porque na actualidade existem mais propostas de realização de eventos desportivos em Pequim do que locais para os hospedar. “A zona vai também continuar viva e a receber muita gente, até porque estes edifícios são novos marcos de Pequim. Para ajudar, o governo construiu também novas infra-estruturas que tornam mais fácil atrair a população, como a nova linha de me-

tro”, considerou Goman Ho.

O facto é que Pequim já mostrou no passado que consegue integrar na vivência da cidade as instalações desportivas. O Estádio dos Trabalhadores, mesmo no centro da cidade onde os terrenos são mais cobiçados pelos construtores civis, esteve mesmo para ser demolido, mas a decisão final foi de o manter. Com os novos estádios, deixava de fazer falta o velho Estádio dos Trabalhadores, um dos Dez Grandes Edifícios construídos em 1959 para o 10º aniversário da República Popular da China. O governo chinês mudou de ideias, seguindo a vontade popular. ■

* Agência Lusa

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



Luciana Leitão

A salvação de uma espécie

No Centro de Investigação e Criação de Pandas Gigantes em Chengdu vivem pandas que depois são reintroduzidos no seu *habitat* natural

Quem não se entenece ao olhar para um panda? O urso branco e preto que faz nascer a vontade, inconsciente, de apenas recorrer aos diminutivos para o caracterizar. Um estranho fascínio que leva a China a utilizar milhões de remnimbis para salvar e bater o pé ao homem, o grande responsável pela sua quase extinção, estabelecendo instituições como o Centro de Investigação e Criação de Pandas Gigantes em Chengdu. Assim que se entra pela porta principal, o visitante depara-se com uma loja, onde peluches, porta-chaves, emblemas e ímanes para o frigorífico preenchem o universo de quem dali não quer sair sem uma recordação. Objectos inspirados sempre na figura do simpático panda. Mas, perdendo de vista o espaço comercial, avistam-se vários caminhos, cobertos de bambu, por onde circulam grupos de crianças ansiosas por conhecer aquele que é um dos animais mais acarinhados do mundo. Uma pequena exposição serve de introdução ao universo do panda, onde se podem vislumbrar inúmeras fotos e reproduções das montanhas, já que, sendo um animal solitário, e bem pouco

sociável, o panda vive nas florestas de Sichuan, Shaanxi e Gansu, sobrevivendo num clima húmido.

Fica-se a saber, através da exposição, que, apesar de a sua constituição ser idêntica à de um carnívoro, este animal vive de uma dieta à base de bambu. É por isso que é um animal de pouca energia, passando grande parte do tempo a comer e a dormir. Nas florestas, o único exercício físico a que se dedica passa por se deslocar de árvore em árvore em busca do seu sustento. Encontros esporádicos com tigres e felinos de grande porte podem causar-lhe a morte, mas é o homem o grande responsável pela sua progressiva eliminação.

De regresso ao caminho principal, vêem-se, além de fotos dos diferentes pandas do centro e uma breve descrição, frases alusivas ao projecto e aos objectivos que pretende alcançar.

O primeiro panda

Finalmente, encontra-se o primeiro recinto, ao ar livre, onde está alojado um panda. Basta meia hora de intensa observação para perceber que não é um animal de muita actividade, entretendo-se apenas a trincar avidamente o bambu, alternando com pequenas – e fugazes

- brincadeiras. Nem os berros dos visitantes o perturbam, continuando, impávido e sereno, a comer.

Rodeado de vegetação, o recinto ainda tem uma área considerável, estando separado dos visitantes apenas por um fosso e um muro. O panda que a Revista MACAU encontra é um semi-adulto, partilhando, por isso, o espaço com outro jovem panda. Contudo, explica a directora do departamento de saúde animal, Kati Loeffler, “mal atinja a maturidade sexual, não poderá permanecer junto a outro elemento da sua espécie, já que poderão ocorrer algumas lutas violentas”.

Mas os pandas não se encontram sempre no recinto ao ar livre. Longe dos olhares indiscretos, poderão estar também em “compartimentos fechados de cimento ou de vidro”. Aliás, “se forem fêmeas, e tratando-se do período fértil”, o mais provável é encontrarem-se enclausuradas.

Passando pelo laboratório, o museu, os jardins e o restaurante, entre crianças que, animadamente, se divertem só a assistir aos movimentos do simpático animal, a imagem é de tranquilidade. Resta espreitar pelo buraco da fechadura e ver o que está para além do bilhete de entrada do centro. ■

L. L.

O terramoto

Esta reportagem foi realizada um mês antes de ocorrer o terramoto que devastou inúmeros locais da província de Sichuan, a 12 de Maio. Numa declaração enviada à imprensa, o director do Centro de Investigação e Criação de Pandas Gigantes, em Chengdu, Zhang Zhihe, assegura que os “animais e funcionários da instituição não sofreram ferimentos” e que apenas as infra-estruturas registaram danos. “Algumas vedações caíram, as paredes e tectos racharam e temos infiltrações”, explica. O problema que mais afectou o funcionamento da instituição refere-se à falta de bambu, já que, anteriormente, os trabalhadores do Centro deslocavam-se às montanhas Mishang – severamente afectadas pelo terramoto – para encontrar essa planta. “Tivemos de encontrar alternativas”, garante. Desde a data do terramoto até aos dias de hoje, já nasceram 15 crias nesta instituição. ■

L. L.



Se antes a principal causa de extinção do panda gigante era a caça furtiva, hoje é a “perda e a degradação do seu *habitat* natural”.

Ambos são causados pelo homem, que continua a

Como lidar com o panda

reclamar terras para a agricultura e espaço para infra-estruturas, causando graves perturbações ao ecossistema. Factores que levam o homem – o mesmo que é responsável pela sua quase destruição - a criar instituições como o Centro de Investigação e Criação de Pandas Gigantes em Chengdu.

Perante uma dicotomia contraditória, a directora do departamento de saúde animal, Kati Loeffler, teme o fim da espécie se “não houver uma mudança de comportamento”. O número exacto de pandas gigantes que ainda existem no mundo não se sabe. “Oficialmente são mais de 1500”, declara. O que é certo é que “existem muito poucos”. A principal ameaça é a “perda de habitat”. Para combater esta quase extinção, o Governo Central tem procurado criar reservas naturais.

Na opinião de Kati Loeffler, há várias questões que têm de ser ponderadas. Por exemplo, à volta de Wolong – a primeira reserva estabelecida nos anos 70 – moram minorias étnicas que, por tradição, “vivem das florestas e dos seus recursos”. De repente, pode afixar-se um letreiro dizendo “habitat de pandas”, vedando-lhes a entrada?

Preocupados, os investigadores estão a efectuar estudos para combater estes fenómenos, mas trabalhar com os pandas no seu habitat natural “não é fácil”. Vivendo em zonas montanhosas, gostam de se colocar o mais longe do chão possível. Fugidios, “até para segui-los com GPS, o sinal perde-se nas montanhas”. Tímidos, “farão tudo o que puderem para fugir das pessoas”, não sendo difícil naquele ambiente. “O que fazemos é ir à caça das fezes e extrair ADN”, explica.

O fascínio pelo panda

Por que é o panda tão especial, gerando “todas as atenções e o dinheiro”? Não havendo uma resposta a esta pergunta, Kati Loeffler resigna-se a explicar os motivos que levam os investigadores a sentirem-se fascinados por este animal. Tendo a constituição de um carnívoro, o panda gigante vive à base de uma dieta herbívora, causando espanto entre a comunidade científica.

Quando nasce, é uma criatura particularmente indefesa. “Não tem sistema imunitário e é completamente dependente”, diz. Nos primeiros meses, a mãe tem a cria sempre na pata.

Desmistificando algumas “concepções er-

radas”, Kati afirma ainda que o panda “se reproduz numa taxa perfeitamente adaptada ao seu ambiente, muito lentamente”. Aliás, uma panda fêmea irá dar à luz “uma vez em cada quatro anos - numa vida inteira talvez tenha cinco ou seis crias”, um número que aumenta para o dobro em cativeiro. Tendo em conta o seu habitat, é um nível “óptimo”, caso contrário iria reproduzir-se mais rapidamente do que os recursos disponíveis”.

Em cativeiro, não conseguindo que a reprodução se dê pela via natural, já que os machos “ficam demasiado stressados”, recorre-se à inseminação.

O stress

Apesar de proporcionar aos pandas “melhores condições do que qualquer outro Jardim Zoológico da China”, alguns animais passam muito tempo fechados “em compartimentos de cimento” – é o caso das fêmeas, durante a época fértil. Durante alguns meses são “colocadas ao ar livre”, regressando depois à maternidade “quando nasce a cria e durante todo o tempo em que estiver a amamentar”. O objectivo é evitar que “aconteça algo de mal à cria por excesso de zelo materno”. A maioria dos animais fica fora pelo menos parte do dia. O caso muda de figura quando chega o Verão, já que os pandas não suportam o calor, acabando “por ser levados, a partir das 10 da manhã, para o interior”.

Sobre a possibilidade de alguns destes animais em cativeiro sofrerem de stress, Kati Loeffler declara que, “se ficarem enclausurados, sem dúvida que começam a acusar alguns sintomas” e a ter comportamentos repetitivos que poderão passar por “arrancar pêlo do peito” ou “vomitar consecutivamente”. Para a cientista, a solução passa por permitir “o acesso ao exterior ou, se tiverem realmente de ficar enjaulados, criar um programa de enriquecimento comportamental e cultural, recorrendo a brinquedos ou recompensas de comida para mantê-los estimulados”. ■

L. L.



O panda nasce sem sistema imunitário e é completamente dependente. Nos primeiros meses a mãe tem sempre a cria na pata.

Cautela na reintrodução

Objectivo final de um projecto como o do Centro de Investigação e Criação de Pandas Gigantes, em Chengdu, é o de “constituição, em cativeiro, de uma população auto-sustentável – de forma a que a diversidade genética seja forte o suficiente para que a população funcione por si própria na floresta”. O que, trocando por miúdos, significa a libertação deste animal no seu *habitat* natural. Mas estará esse objectivo próximo de uma concretização?

Que o Governo Central “tem vindo a pressionar nesse sentido”, é certo, afirma a directora do departamento de saúde animal, Kati Loeffler. O que “não é certo” é a forma como será feita e o dia em que tal poderá suceder.

Seguindo as orientações da *União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais*, tem de se ter em conta três pontos: “O compromisso político para fazer com que funcione formando-se, por exemplo, patrulhas para actuar na reserva, a educação das comunidades humanas que vivem à volta da floresta no sentido de conseguirem viver sem usar a floresta e destruir o habitat.”

Questões que nada têm de simples e que exigem anos de preparação. Da parte dos investigadores, há que “escolher uma área para libertar o animal e perceber os pandas que lá vivem, a estrutura social, os recursos alimentares, a geografia, o terreno e as doenças”.

Feito este estudo, há que preparar o animal. No caso de Chengdu, serão constituídos comités que terão de ser compostos por especialistas de vários países.

Em todo este processo, colocam-se algumas questões de “difícil resposta”. Por exemplo, “será que se liberta o animal numa área que não tem pandas – não terá problemas, mas também não tem ninguém para procriar - ou com pandas, sujeitando-se à competição”?

Mas, alerta, em última análise, se o grande responsável pela sua quase-extinção não mudar de comportamento, nada poderá salvar o panda gigante, sendo “certo” o fim da espécie. ■

L.L.

Tentativa falhada em Wolong

Quatro horas de viagem de Chengdu, situa-se a reserva natural de Wolong, onde também se encontra um Centro de Investigação e Criação de Pandas Gigantes. É a única instituição do género que já tentou libertar um destes animais, criados em cativeiro, na floresta.

Xiang Xiang, um macho adulto, foi libertado na floresta, mas ao fim de um ano viria a morrer, por ferimentos resultantes de lutas. “Antes de se proceder à reintrodução, há que ter em conta que se está a inseri-lo no seio de uma estrutura social definida”, afirma Kati Loeffler. Chegada a altura da reprodução, “esse macho irá competir com os outros”, alerta.

A directora da organização *Pandas International*, Suzanne Braden, considera que “não se pode dizer que tenha falhado”. Xiang Xiang foi treinado para ser libertado. “Foi bem sucedido durante um ano – estava à procura de comida e a fazer progressos. Mas os pandas são ursos selvagens e os machos lutam uns com os outros”, acrescenta. Os resultados foram “tristes”, mas é preciso “ter em conta” que “se trata de um centro de investigação científica e não um Zoo”. ■

L.L.



Panda Vermelho, o parente pobre

Em comum com o panda gigante tem o nome e o *habitat*, mas pertence a outra família completamente diferente. Mais pequeno, vermelho e mais expedito, o panda vermelho, em risco de extinção, também é uma das espécies protegidas no Centro de Investigação e Criação de Pandas Gigantes, em Chengdu. Mas, ao contrário do homónimo que move milhares de pessoas e renmimbis, o panda vermelho não goza do mesmo fascínio. Basta olhar para Kati Loeffler enquanto observa os pandas vermelhos, para perceber que são estes a sua verdadeira paixão. “Repare como caminham pousando totalmente a pata no chão”, diz.

Apesar de terem a constituição de um carnívoro, acabaram por “evoluir para um pequeno nicho biológico que come bambu”. Eventualmente, podem “capturar um pássaro pequeno e comer outro tipo de vegetais”. Como sobrevive apenas comendo bambu, tendo em conta a sua constituição, continua a “ser um mistério para os cientistas”.

No centro de Chengdu contam-se 40 animais desta espécie, repartidos por três espaços ao ar livre. O que, na opinião de Kati Loeffler, significa que são “demasiados animais a partilhar o mesmo espaço”. As consequências são visíveis. “Estão sempre a lutar”, conta. “E estão em *stress* – as mães, por vezes, podem destruir as orelhas de uma cria por excesso de carinho”, exemplifica. Por isso, os seus apelos ao director do organismo são constantes: “eles precisam de mais espaço”. Aliás, acrescenta, o Centro de Investigação e Criação de Pandas Gi-

gantes visa, em última análise preservar as três espécies da província de Sichuan, “os macacos dourados, os pandas gigantes e os pandas vermelhos”.

Se o dinheiro para o panda gigante surge “de todos os lados”, no que toca ao panda vermelho, Kati precisa de “implorar”. Seja para criar um hospital veterinário ou para comprar os instrumentos médicos necessários. E os tratadores reduzem-se a três. “Não há qualquer controlo da sua alimentação”, diz ainda.

Em vias de extinção, pensando-se que actualmente existem “2500 espalhados pelo mundo”, os cientistas estão a tentar promover a reprodução em cativeiro de forma a criar uma espécie auto-sustentável na floresta. Sem qualquer orientação a este nível, dada a falta de investimento, os problemas ocorrem “depois de as crias nascerem” que “são hiperactivas”. Aliás, “não se sabe quase nada da espécie”. A ironia, diz Kati, é que, ao conversar com os visitantes, estes dizem-lhe sempre que “os pandas vermelhos são mais fascinantes”.

Repartindo-se pela China, Himalaias, norte do Mianmar, norte da Índia e Nepal, os pandas vermelhos são da família “dos guaxinims”. Se há sete anos, no seio da comunidade científica ainda se discutia se a semelhança no nome se estendia a uma semelhança genética, hoje em dia não se discute. Em comum com o panda gigante, “só mesmo o nome”. ■

L.L.



O panda vermelho vive em florestas montanhosas, a altitudes entre os 1500 e os 4800 metros. É um animal solitário, raro e uma espécie em declínio. Encontra-se extinto quatro das sete províncias chinesas

ESPECT

Musical – Expresso Broadway

Uma viagem ao mundo da Broadway apresentado por actores, bailarinos e cantores de Macau recrutados para o projecto de Residências Artísticas “Um Musical Original de Macau Ganha Vida”.

Uma viagem ao passado e aos vários estilos da Broadway, através de várias cenas de musicais clássicos, tais como *Summer Night* de “*Grease*” ou *Luck Be A Lady* de “*Guys & Dolls*”, assim como outros musicais mais contemporâneos como “*Mamma Mia!*” ou “*Chicago*”.

O “*Musical - Expresso Broadway*” começou por ser um programa educacional produzido pelo Instituto “*Arts 3*” de Hong Kong e pelo director artístico e coreógrafo Mohamed Drissi, um especialista neste género teatral e um experiente formador em dança e canto.

Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau, 6 e 7 de Dezembro

ACULOS



Ciclo de Concertos de Câmara **Viagem Romântica pela Alemanha e Áustria**



Acomeçar o ano a Orquestra de Macau revisita a música clássica da Alemanha e da Áustria. Entre os nomes evocados estão Danzi, Shumann e Weber.

Com o Teatro D. Pedro V como pano de fundo, a Orquestra de Macau convida-o a viajar pelo mundo de Danzi e o Quarteto para Fagote e Cordas, Op. 40, nº1 de Danzi ou o Quinteto para Clarinete, em Si bemol maior, Op. 34 de Weber.

Teatro D. Pedro V, 10 Janeiro



Tempos Modernos: Mulheres Chinesas na Publicidade

Uma mostra de obras publicitárias que retratam a forma como a beleza das mulheres chinesas era ilustrada no início do século XX. Uma exposição que se centra na revolução gráfica na China durante a transição da Dinastia Qing e a República, instaurada em 1912.

Esta exposição tem como objectivo não apenas ilustrar a evolução do embelezamento das mulheres chinesas entre as décadas de 1920 e 1940, mas também permitir ao espectador distinguir a espiritualidade das mulheres da época e avaliar a forma como a percepção masculina da beleza do sexo oposto foi evoluindo durante o período em análise.

Museu de Arte de Macau, até 8 Fevereiro

Máscaras da Ásia

Patente no mais recente Museu ligado ao Oriente em Lisboa, a exposição mostra mais de duas centenas de máscaras da Índia, Sri Lanka, Tailândia, Indonésia, China, Coreia e Japão.

As máscaras que se apresentam são muito diversas e feitas de materiais muito diferentes: algumas são esculpidas em madeira, outras em *papier mâché*, outras ainda são feitas de tecido ou de metal. Algumas cobrem toda a cara e são em três dimensões, como as máscaras chinesas de Dixi e a de Okina, no Japão. Outras ainda são espalmadas, como muitas das máscaras tibetanas do teatro laico, outras ainda são máscaras-capacete em que entra toda a cabeça, como as do teatro *khôn* da Tailândia.

Museu do Oriente, Lisboa, Portugal, até 31 de Dezembro

BEYOND THE EYE daily life

A MAJOR COMPETITION OF CONTEMPORARY COLOR PHOTOGRAPHY **2008**
enhanced by the MASTERY OF MANIPULATION TECHNIQUES

Beyond The Eye- Daily Life

Esta exposição resulta de um concurso de fotografia aberto aos residentes de Macau com o objectivo de motivar os criativos a desenvolverem e concretizarem ideias que resultem em trabalho criativo e inovador.

Neste concurso, a ideia era criar e “manipular” técnica e artisticamente a imagem através de qualquer programa de *software* e/ou técnicas laboratoriais. Também o tema para este concurso era bastante abrangente: não incidia sobre um objecto em particular, mas sobre uma escolha pessoal que representasse o dia a dia de Macau.

Creative Macau, até 6 Janeiro



Maré, Adriana Calcanhoto

Em tom de azul, como mar. O tema para este novo trabalho da brasileira que nos últimos anos se tem dedicado mais ao projecto infantil, Adriana Partimpim. Este é o oitavo álbum da artista e o segundo da trilogia marítima, que começou com a edição de Marítimo em 1998, neologismo que mistura as duas paixões numa só expressão (mar + ritmo). Destacam-se no disco temas como Para Lá, de Arnaldo Antunes, Teu Nome Mais Secreto, um poema de Waly Salomão musicado por Adriana e Porto Alegre, composição de Péricles Cavalcanti composta especialmente para a cantora. *Sony BMG, 2008*



Tocatina, Maria Alice

Depois de *Ilha d'Sal*, *D'Zemcontre* e de *Lágrima e Súplica*, Maria Alice traz-nos um disco dedicado às mornas de Cabo Verde, num



recorder de ambientes vividos nos anos 60/70, através do uso de uma formação tradicional com guitarras e cavaquinhos. Na gravação deste disco, composto por

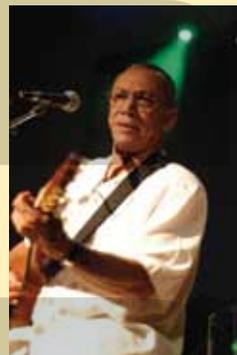
mornas populares, a cantora, de *Rotcha Nú*, teve o apoio de Vaiss na guitarra, Jon Luz no cavaquinho, Adérito Pontes na guitarra de 6 cordas e Tó Barbosa no violino.

Vachier & Associados, 2008

Caminho Longi, Dany Silva

Caminho Longi é um cruzamento de mornas, coladeiras e funanás com funk, latin-jazz, alguma salsa, blues e ritmos angolanos, naquele que é regresso de Dany Silva após uma paragem de oito anos.

Este trabalho inclui dez temas inéditos de raiz cabo-verdiana escritos por Dany Silva (alguns em parceria com o letrista angolano Cuca) e outros de autores como Zézé di Nha Reinalda e Fausto, mas também Toy Vieira ou Baptista Dias. Gravado entre Boston, nos Estados Unidos, e Vale de Lobo, em Portugal, *Caminho Longi* contou com a produção de Barry Marshall um americano que Dany Silva conheceu uma noite na *Casa da Morna* e que o convidou a gravar, corria o ano de 2005.



World Music, 2008

Flor de Fado, Mafalda Arnauth

A guitarra portuguesa de Ângelo Freire surge em nove dos 13 temas que compõem o álbum, entre eles no *Fado Vitória*, *Povo que Lavas no Rio* e também em *Flores de Verde Pino*, uma criação de Carlos do Carmo, que representou Portugal no Festival da Eurovisão em 1976.

Mafalda Arnauth garante querer neste trabalho uma vertente mais intimista, no qual procurou dar a sua essência do fado, quase exclusivamente acompanhado à viola de fado e à guitarra clássica, e só pontualmente pela guitarra portuguesa.

Universal Music Portugal, S.A, 2008



Intervalo, Per7ume

Uma das mais recentes bandas portuguesas, formada em 2007, e que integra alguns antigos membros dos grupos Ornatos Violeta e Blunder.

Sem um grande antecedente comum, o projecto fechou-se em estúdio durante um ano para produzir aquele que é o seu álbum de estreia composto por dez faixas, de onde se destacam as participações de Rui Veloso, em *Intervalo*, e Dan Mcallister ao piado da balada (estrela da *Má Sorte*).

Chiado Records, 2008



Metafonia

Madredeus & A Banda Cósmica

Este é o relançar dos Madredeus depois da saída de alguns elementos, nomeadamente Teresa Salgueiro.

Pedro Ayres Magalhães, fundador do grupo, e Carlos Maria Trindade são os nomes que se mantêm nos Madredeus, vindos da antiga formação, e que neste trabalho procuram apresentar um novo conceito de música cantada em português.

Os Madredeus apresentam-se com novos instrumentos, como a guitarra eléctrica, a percussão, a harpa ou o violino, procurando relacionar diferentes sonoridades de um hemisfério musical português.

O álbum é composto por dois discos: um primeiro com 12 temas novos e uma colecção de seis temas "clássicos", revistos à luz dos novos arranjos.

Farol Musica, 2008

LIVROS

Ditos de Confúcio

Daniel Carlier



Com dois prefácios, um da autoria do Chefe do Executivo de Macau, Edmund Ho, e outro do director do jornal Ou Mun, Lei Pang Chu, este livro reúne um conjunto de traduções de Ditos de

Confúcio publicados nos últimos anos no Jornal Tribuna de Macau.

O livro está em chinês e português, numa tentativa de unir as duas comunidades através dos pensamentos de um pensador, Confúcio.

Daniel Carlier aos 22 anos trocou França por Portugal. Depois, instalou-se em Macau onde vive há mais de duas décadas.

Jornal Tribuna de Macau, Macau, 2008

Primum Lumen

António Conceição Júnior



Esta obra é o resultado de uma exposição recentemente organizada pelo autor que captou o despertar de uma madrugada. Uma visão

que o autor não deixou passar em claro realizando com a sua câmara fotográfica o registo desse instante que não se voltou a repetir. Uma exposição que pode também visitar no sítio da Internet: www.arscives.com/primumlumen.

O livro conta com textos de António Andrade, Pedro Tamen e Rui Cascais.

COD, Macau, 2008

O Vencedor Está Só

Paulo Coelho



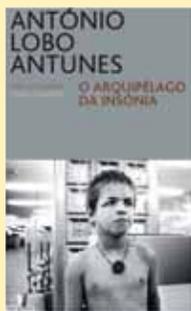
Trata-se de um *thriller* sobre o mundo da moda, com o Festival de Cannes como pano de fundo, durante apenas 24 horas. Para o autor brasileiro, nada

mais que uma fotografia do mundo em que vivemos. Igor Dalev, empresário russo, chega à cidade francesa com a obsessão de recuperar Ewa, o grande amor da sua vida. Para chamar a atenção da ex-mulher, Igor transforma-se num assassino em série. Em torno desta mente doentia estão produtores, actores consagrados, candidatas a actriz, modelos e estilistas, num retrato impiedoso da elite da elite, que define o rumo da vida dos nossos dias.

Pergaminho, Lisboa, 2008

O Arquipélago da Insónia

António Lobo Antunes



Uma história em que o autor regressa a dois panoramas naturais de raiz portuguesa e que o marcam: o bucólico interior de um *Ribatejo* cujo rio que o atravessa desagua na *Trafaria*. E é nestes dois locais que prende as personagens.

Começamos por uma casa, um latifúndio onde nada faltava: a família, as empregadas na cozinha, o feitor, os campos, a vila ao fundo, e a voz do avô a comandar o mundo. Depois só há fotografias no Alentejo em vez de pessoas, e há objectos e memórias. “Estão todos mortos ou estão todos a sonhar e trocaram de sonhos, como se pudéssemos trocar de sonhos. De qualquer forma, sabemos que daqui a nada será manhã.”

Dom Quixote, Lisboa, 2008

A Conjura

José Eduardo Agualusa



Entre 1880 e 1911, na velha cidade de S. Paulo da Assunção de Luanda, histórias se passaram que a História não guardou. Histórias de amores e de prodígios: rumores que persistem em antigas canções.

Nessa época, de turbulentos sucessos e mudanças, quando nas ruas de Luanda se cruzavam as tipóias dos nobres senhores africanos com as *quibucas* de escravos e os degredados vindos do Reino se entranhavam pelos matos em busca de fortuna, nessa época todos os sonhos eram ainda possíveis. A *Conjura* conta um desses sonhos.

Dom Quixote, Lisboa, 2008

Terra Sonâmbula

Mia Couto

O primeiro romance de Mia Couto reaparece na sua 9ª edição.

Moçambique, década de 1990. Numa terra devastada pela guerra, um menino sem memória é encontrado por um velho. Muidinga e Tuahir, ambos marcados por conflitos que não entendem, desprovidos de passado e de esperança. Unidos, fazem de um machimbombo incendiado a sua casa, e de um diário, encontrado junto de um cadáver, a sua demanda. Nas linhas do caderno, Muidinga acredita ter um mapa que o levará de volta à sua mãe. Nessa busca, o insólito par descobre-se, reinventa-se, enfrenta a insanidade e a miséria que grassam em seu redor, e recusa deixar morrer o alento. Tal como a terra que percorrem sem destino, uma terra que nunca dorme, nunca descansa, uma terra sonâmbula.

Editorial Caminho, Lisboa, 2008

Budapeste

Chico Buarque



José Costa é um escritor anónimo pago para produzir artigos de jornal, discursos políticos, cartas de amor, monografias e autobiografias romançadas que outros assinam. Um dia, regressando de um congresso

de escritores anónimos em Istambul, é obrigado a fazer uma escala forçada em Budapeste.

Fascinado pela língua, José Costa retorna à capital húngara, passando a ser Zsoze Costa, e tornando-se amante de Kriska, a sua professora. A obsessão de dominar completamente o novo idioma leva-o a viver num tresloucado vaivém entre o Rio de Janeiro, onde vive com a sua mulher Vanda, e Budapeste, onde passa a viver com Kriska.

Dom Quixote, Lisboa, 2008

A Última Colina

Urbano Tavares Rodrigues



Conjunto de contos que reúne textos inéditos e outros que andavam dispersos. Nuns e noutros, com a riqueza de imaginação e o halo poético da linguagem de Urbano, nota-se um desejo de

intervenção que, sem diminuir a qualidade estética da obra, lhe confere uma acentuada importância social.

Há neste livro cenas e paisagens inesquecíveis da Lisboa de hoje, onde a miséria cresce no meio da corrupção e da especulação desenfreada, como há a visão de Beirute em escombros, após os bombardeamentos. E personagens insólitas, arrancadas ao mistério da vida.

Dom Quixote, Lisboa, 2008

Foto: António Mil-Homens

Na terra das oportunidades

Kimberly Johans, jornalista australiana, há ano e meio em Macau

Como veio para Macau?

O diário *Macau Daily Times* estava a dar os seus primeiros passos e o director foi recrutar jornalistas à Austrália para integrar o projecto. Eu vi um anúncio no boletim electrónico da minha universidade e decidi responder. Como nunca tinha trabalhado em jornalismo fora do círculo académico, não pensei que pudesse ser escolhida. Apesar de tudo concorri e fiz figas! O que mais me assustou foi quando alguém me pediu, na semana anterior, para localizar Macau no mapa e eu perdi-me! Na entrevista devo ter parecido uma especialista em estatísticas, já que debitava estatísticas sobre Macau. Isto foi há pouco mais de um ano e meio. A minha mãe e os meus amigos apostavam em como não aguentaria mais de três meses em Macau. Estou há dezoito meses. Um bom número!

Adaptou-se bem?

Sou de Sydney e como cidade não podia ser mais diferente! Em Macau, a humidade intensifica a sensação de calor, embora eu saiba que faz muito bem à pele. Em Sydney a temperatura no Verão sobe muito, mas o clima é seco, aguenta-se melhor esse aspecto. Em Macau temos milhares de pessoas permanentemente na rua! De onde venho, nem mesmo juntando o número de habitantes aos visitantes conseguimos atingir metade dos valores de Macau...

Quais são os desafios que esta cidade lhe oferece?

A Macau de há um ano e meio é totalmente diferente da Macau de hoje. Lem-

bro-me de cobrir eventos em conferências de imprensa onde apenas se falava chinês ou português. Eu ficava desesperada, por não saber como obter informação. Tinha de recorrer a tradutores, já na redacção. Felizmente que esse problema foi ultrapassado.

Hoje sinto-me muito melhor, mas ainda bem que tive esses momentos, porque obrigaram-se a pensar 'fora do quadrado'.

Agrada-lhe sentir a variedade cultural local?

A abertura de novos casinos e de projectos vários trouxe muita gente de todo o lado, o que contribuiu para aumentar a diversidade cultural de Macau. Não tenho dúvidas em como este aspecto vai continuar a crescer. Pessoalmente, e como vejo que os australianos estão a instalar-se em Macau 'como pombos', cada vez mais me sinto em casa!

Eu noto que em Macau, em 18 meses, ou seja, desde que cá estou, o tecido humano e social mudou bastante.

Quais são os pontos fortes desta cidade?

Além da herança cultural e da beleza física, que são certamente razões para as pessoas cá virem, Macau oferece oportunidades para todos os que estão dispostos a agarrar nelas. Devido ao enorme desenvolvimento económico e social, há espaço para toda a gente, especialmente os que têm uma visão e determinação para atingir os seus objectivos. Por vezes sinto que muita gente apenas se concentra no que Macau não tem, no entanto, há tanto que podemos fazer! Eu estou cheia de ideias e apenas necessito de tempo para as colocar em prática! ■

Dezembro, 2008





Onde pode encontrar a Revista **MACAU**

PORTUGAL

Lisboa

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,

1700-033, Lisboa

Tel: +(351) 21 849 5342

Centro de Promoção

e Informação Turística

de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM

Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c

1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

Porto

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2

4000-441 - Porto

Tel: +(351) 22 200 12 94

Aveiro

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62

3810-109 Aveiro

Tel: +(351) 234421494

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22

Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"

Tel: +(853) 2832 3957

Plaza Cultural Macau

Av. do Conselheiro Ferreira de

Almeida, 32

Tel: +(853) 2833 8561

Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,

Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau

email: assinaturas@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome:

Morada:

Telefone: Fax:

E-mail:

Angola: AOA 970.00

Brasil: BRL 22.00

Cabo Verde: CVE 925.00

Guiné Bissau: XOF 5,340.00

Macau: MOP 100.00

Mundo: USD 13.00

Moçambique: MZN 320.00

Portugal: EUROS 9.00

S. Tomé: STD 188,000.00

Timor: USD13.00



deltaedições



Saboreie a Diferença

Sentir Macau!

Macau, uma encruzilhada das artes culinárias do mundo. A cozinha macaense é a melhor representante da fusão natural de várias culturas gastronómicas. Desfrute os sabores de Macau, desde os restaurantes mais requintados, aos pequenos estabelecimentos e esplanadas ao ar-livre.

Macau, num mundo de diferenças, a diferença é Macau



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo

集郵訂購



SUBSCRIÇÃO FILATÉLICA Philatelic Subscription

2009

訂購地點 Local de Subscrição Location for Subscription:
各郵政分局 Todas as Estações Postais All Post Offices

電話 Tel: (853)2832 9490, 2857 4491
傳真 Fax: (853)8396 8603, 2833 6603
電郵 E-mail: philately@macaupost.gov.mo
網址 Website: www.macaupost.gov.mo



情牽心意 助振商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios

澳門郵政
CORREIOS DE MACAU